

Organizadores

Aquiles Ferraz Nunes
Wlamir Torrentes de Araujo

FERNANDO LEMOS

UM NOME PARA SE CONHECER, UM BRASILEIRO PARA SE ADMIRAR.

O idealizador por trás de uma grande causa social:
ABBR - Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação

1ª edição

Rio de Janeiro - RJ
ABBR
2017

Copyright © 2017 ABBR

Direitos desta edição reservados à ABBR - Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação. Rua Jardim Botânico, 660 - Bairro Jardim Botânico 22461-000 / Rio de Janeiro, RJ / Brasil Tels.: 3528-6363 / 35286355 / 3528-6356

Impresso no Brasil

1ª edição - Agosto de 2017

Organizadores:

Aquiles Ferraz Nunes
Wlamir Torrentes

Preparação e Pesquisa:

Wlamir Torrentes

Imagens e Fotos:

- Livro "Sugestões de Arquitetura"
Fernando Ielhy de Lemos
- Acervo Histórico da ABBR

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios empregados sem a permissão, por escrito, da ABBR.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Os conceitos emitidos neste livro foram originados dos manuscritos de Fernando Ielhy de Lemos.

Produção e revisão:

Aquiles Ferraz Nunes

Capa:

Paola Basto Mirandola

FICHA CATALOGRÁFICA:

F363f Fernando Lemos, um nome para se conhecer, um brasileiro para se admirar: o idealizador por trás de uma grande causa social: ABBR-Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação / organização de Aquiles Ferraz Nunes [e] Wlamir Torrentes de Araujo.- Rio de Janeiro: [ABBR], 2017.

142p.; 21cm.

ISBN 978-85-94279-00-2

1.Lemos, Fernando Ielhy de, ---- - 1986 ---- Biografia. 2. Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação. I. Nunes, Aquiles Ferraz, org. I. Araujo, Wlamir Torrentes, org.

CDD 923.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Reabilitação: 615.82

Esta publicação não é vendida ou comercializada a nenhum título.

Na sua divulgação e distribuição, pede a quem recebê-la, que faça uma doação voluntária em favor da **ABBR - Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação**.

Contas bancárias:

Bradesco -Agência 1444-3 / Conta: 40000-9

Itaú -Agência 0532 / Conta: 10024-5

Caixa -Agência 2270 / Conta: 003.2000-0

ou pelo site www.abbr.org.br/doação

Sumário

Homenagem Especial	06
Dedicatória	07
Agradecimentos - por Fernando Lemos em janeiro de 1986 ..	08
Apresentação	09
Capítulo 1 - Da minha Doce Vida ao drama da Poliomielite do filho José Maria	11
Capítulo 2 - Nasce o Primeiro Centro de Reabilitação do Brasil	53
Capítulo 3 - José Maria - Meu Querido Filho !	77
- A solidão de Fernando Lemos	
Capítulo 4 - Discursos Históricos de Fernando Ielhy de Lemos	89
Capítulo 5 - Fernando Lemos - O Arquiteto e Desenhista O Inventor	105
- Citações a Fernando Lemos em Publicações, Revistas, Blogs e Sites	
Fernando Lemos (<i>Homenagem Pós Mortem</i>)	121
Memorial ABBR	123
Nota sobre os Organizadores	127
Bibliografia	129

Uma sublime história familiar

*Uma história de altruísmo que uniu solidariedade no
Rio de Janeiro na década de 1950*

*A transformação em 1957 do `antigo depósito de
crianças inválidas da Rua Jardim Botânico, 660 - da
Prefeitura do Estado da Guanabara` * no
Primeiro Centro de Reabilitação no Brasil (Págs 64-67)*

Homenagem Especial

(*In memoriam*)

Ao memorável Percy Murray, primeiro presidente da ABBR, no período de 05/08/1954 a 23/01/1962, que participou ativamente da fundação, estruturação e divulgação no meio social, empresarial e governamental das atividades da ABBR.



Percy Charles Murray - 1º Presidente da ABBR

A Senhora Malu da Rocha Miranda e Celso da Rocha Miranda, que dentre outros importantes voluntários da sociedade carioca fizeram parte da missão, da organização e fundação da ABBR.



Malú da Rocha Miranda



Celso da Rocha Miranda

Dedicatória

Esta publicação é dedicada aos funcionários de todos os tempos da magnífica instituição ABBR.

Aos solidários Fundadores, que apoiaram Fernando Lemos em 1954 à idealização do Centro de Reabilitação e, em 1957, à criação da Primeira Escola e a profissão de Fisioterapeutas e Terapeutas Ocupacionais.

Aos Contribuintes Mantenedores e, especialmente, aos 500 mil pacientes que utilizaram os serviços de Reabilitação para a vida, na ABBR!

As Senhoras da sociedade, denominadas como “Legionárias”, com importantes ações sociais desde o início da ABBR, lideradas por Malu Miranda (in memoriam) e Marisa Murray (ainda em atividade), participaram em 1960 na doação, pelo Governo do Estado da Guanabara, do terreno onde hoje funciona a ABBR.

Uma dedicação especial ao Dr. Deusdeth Gomes do Nascimento - Médico, ilustre Presidente que, voluntariamente, aceitou a nobre e difícil missão, em setembro de 1999, de conduzir a reestruturação da ABBR da qual faço parte, e contei naquela ocasião com a colaboração inicial do Dr. Nelson Mesquita (Médico), Adão Gomes Crespo, Walter Campos Mendes, Marco Aurélio (Advogado), Francisco José de Souza (Contador) e Cláudia Albuquerque.

As secretarias da Administração: Rosemary Pardo, Verônica Mattos e Ana Cláudia que participaram da preservação do histórico da ABBR.

A todos os Conselheiros Voluntários, em especial, aos Grupos dos períodos de 2010 a abril de 2014 e de 2014 a abril de 2017.

Destacando: Airton Soares Calçada, Alcides Nunes da Costa Filho, Evaldo de Souza Freitas, Hermano de Villemor Amaral Filho, José Goulart Furtado, João Alves Grangeiro, Luiz Orlando Graça, Maria Pia Bastos Tigre, Renato Kovak, Ricardo Freitas, Sérgio Apolinário e Theophilo de Azeredo Santos, que nas reuniões realizadas, sempre demonstraram, neste voluntariado, entusiasmo pela Causa ABBR.

Aquiles Ferraz Nunes

Agosto de 2017

(63º ano da fundação da ABBR)

Agradecimentos - Por Fernando Ielhy de Lemos

... constantes nos manuscritos originais de Fernando Ielhy de Lemos na época de sua escrita.

Ao meu querido amigo e companheiro de luta José Maria, meu filho.

A minha sempre amada há 60 anos e esposa Corynthia.

Ao meu inesquecível pai Fernando Lemos.

A minha mãe, a francesinha corajosa, destemida e querida Albertina Ielhy de Lemos.

A minha irmã e amiga de coração e muito querida também Guiomar.
Saudades eternas!

Aos meus companheiros de luta que lembro com carinho: Percy Murray, Nilo Colona dos Santos, José Montenegro, Francisco Magalhães Castro, Silvio Lesingem, Alberto Coutinho, Adolpho Basbaum, Edmundo Haas, Mario Cerne, Pedro Nava, Pres. Eurico Gaspar Dutra, Pres. Carlos Luz, José Braz, José Maria de Almeida e Floresta de Miranda - Obrigado e Saudades!

Aos meus companheiros que continuam na luta, sem remuneração: Mario Marchese, Malú da Rocha Miranda e Celso da Rocha Miranda, Marisa Murray, Léa Reis, Waldir Rocha, Geníson Amado, Oswaldo Pinheiro Campos, Jorge Faria, Hilton Baptista, Pedro Bloch, Presidente do Conselho Deliberativo Oswaldo Aranha e todos os seus membros e mais Virginia Diniz Carneiro e Pedro Paulo, hoje não tenho mais a esses amigos, que quando estiquei a mão pedindo o seu apoio imediatamente aceitaram a incumbência de administrar a ABBR.

Às Legionárias sobre a direção de Jacira Thomé, o meu respeito e muito grato pelo serviço prestado a ABBR e que ainda continuam na atividade diária - O meu reconhecimento e muito obrigado.

Aos funcionários, do mais humilde ao nosso Superintendente, Ewbank - meus respeitosos agradecimentos pela colaboração diária, honesta e precisa, a minha admiração e respeito.

Janeiro de 1986.

Apresentação

Após dezessete anos de dedicação à ABBR, com participação na reorganização da Instituição, imaginei que, possivelmente nos próximos três anos estarei concluindo esta importante fase da vida profissional e destacando na minha missão a implantação do valioso espaço denominado "Memorial ABBR" instalado no Salão Central do prédio onde se localiza a recepção dos atendimentos (prédio do hospital).

Havia o meu interesse em preparar um livro histórico sobre a ABBR já concluído (em fase de diagramação) e em breve será publicado para registrar os anais da Instituição.

Então aconteceu que, um ex-colaborador, o Wlamir Torrentes, atuando já por 25 anos na Instituição e por muitas ocasiões, na minha trajetória na ABBR, ajudando-me nas atividades diárias, apresentou-me documentos manuscritos pelo fundador, idealizador da ABBR, Fernando Ielhy de Lemos. Ao ler os textos, fui tomado pela emoção e compreendi melhor a fase histórica da ABBR. Já tinha muitas informações do Fernando Lemos, inclusive sabia da sua importância, tanto que em 18/12/2013, ao inaugurarmos as instalações do novo prédio, onde se localizam no térreo: áreas de saúde, capela, escola e no 1º andar a Administração, sugeri e foi aprovado pelo Conselho Voluntário o nome do local como "Edifício Fernando Ielhy Lemos."

Organizei com o Wlamir os textos e fiquei empolgado pela história, que decidi compartilhá-la publicamente pela importância de quem foi e continuará sendo o Fernando Ielhy Lemos - o idealizador da ABBR.

Ao organizar esta publicação em toda a fase de leitura e revisão marcou-me na história do Fernando Lemos a sua árdua trajetória, do sucesso como renomado arquiteto da sua época, a bela história familiar, "ao acaso" da vida, que no apogeu empresarial foi surpreendido com a doença do seu querido filho, José Maria.

À vida do Fernando Lemos posso atribuir-lhe esta citação: *"Qualquer pessoa que ajude os outros a descobrirem o impacto causado por aquilo que faz diferença ajuda a si mesma, ajuda os outros e faz de seu caminho no mundo um lugar melhor para se viver. Quem não gostaria de estar perto de pessoas que acreditam em si mesmas e nos outros, que têm esperança e trabalham de forma positiva para resolver problemas e vencer dificuldades?" (The art of life)*

Tendemos buscar destino pessoal na soleira da sorte impessoal não porque nossas escolhas não tenham impacto sobre o itinerário de nossas vidas. O destino de Fernando Lemos não foi sua "sorte", algo que não dependeu dele. No itinerário da sua vida, o impacto da doença poliomielite, que assolava a América e, até então, pouco conhecida no Brasil, chegou ao Rio de Janeiro, dizimando famílias e, em fevereiro de 1952, alcançou a vida do seu querido filho, José Maria, aos 14 anos de idade. A partir deste infortúnio, a vida de Fernando Lemos mudou e Ele passou, então, a uma incessante dedicação pela felicidade, pelo amor, pelos cuidados para a adaptação de nova vida ao filho, em uma época no Brasil que não existiam tratamentos especializados, profissionais capacitados, pois não existia a profissão de Fisioterapeutas e Terapeutas Ocupacionais. Então surgiu a ABBR, por Fernando Lemos. Leiam esta história. Tudo se resume à vida de um "gênio" do seu tempo (foi um inventor, arquiteto "brilhante") uma personalidade marcante. Reconhecido, mencionado pelo escritor Paulo Coelho, Revista Quatro Rodas, "site" dos Inventores, Wikipédia, apresentado no capítulo 5 deste livro. Um dos inventores do câmbio automático para automóveis patenteado em 1930 e vendido a General Motors em 1932. (Foram dois brasileiros: Fernando Lemos e José Braz Araripe - tio de Paulo Coelho)

"Nossas vidas, quer saibamos ou não e quer saudemos ou lamentemos, são obras de arte. Para viver como exige a "arte da vida", devemos estabelecer desafios que são (pelo menos no momento em que estabelecidos) difíceis de confrontar diretamente; devemos escolher alvos que estão (ao menos no momento da escolha) muito além de nosso alcance, e padrões de excelência que, de modo perturbador, parecem permanecer teimosamente muito acima de nossa capacidade (pelo menos a já atingida) de harmonizar com o que quer que estejamos ou possamos estar fazendo. Precisamos tentar o impossível. E, sem o apoio de um prognóstico favorável fidedigno (que dirá da certeza), só podemos esperar que, com longo e penoso esforço, sejamos capazes de algum dia alcançar estes padrões e atingir esses alvos, e assim mostrar que estamos à altura dos desafios." (*The art of Life - Zyamunt Bauman*)

Assim agiu Fernando Lemos ao longo da sua trajetória. No final foi, a sua vida à ABBR!

Aquiles Ferraz Nunes

Economista e Superintendente Executivo

ABBR - Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação

Capítulo 1

Da minha Doce Vida ao drama da Poliomielite do filho José Maria



Minha Família / Minha casa / Vale da Boa Esperança / Petrópolis - RJ, na década de 1970.

Na foto (da direita para a esquerda): José Maria, Fernando Ielhy de Lemos, os sobrinhos, esposa Corynthia e irmã Guiomar.

«Três coisas são necessárias para a salvação do homem: saber no que deve acreditar; saber o que deve desejar; e saber o que deve fazer.»

(São Tomás de Aquino (filósofo) - Teólogo Cristão)

Eu fui o Homem mais feliz do Mundo até que

A A.B.B.R. e seus 30 anos de vida e história, por Fernando Lehly de Lemos, seu idealizador e um de seus fundadores (1).

Nasci em 31 de agosto de 1903, para desgosto de minha mãe, que não queria que eu nascesse, neste mês, pois ela tinha cisma com o referido mês. Meus pais eram um casal formidável; viviam em uma harmonia perfeita, nunca os vi em qualquer discussão. Era um lar feliz, em que só se via paz e amor. Meu pai era um homem bom e amigo da família.

Meu pai, Fernando Ferreira de Lemos foi uma das pessoas que fez parte da comissão foi estudar a organização do Instituto dos Cegos de Paris, na França, para ser fundado, no Rio de Janeiro, o Instituto Benjamin Constant, na Urca. Foi considerado um de seus fundadores.

Quando de sua estadia, em Paris, enamorou-se de uma francesinha muito bonitinha. Tempos depois, esta francesinha, muito corajosa, resolveu vir para o Brasil, mesmo com as notícias do Brasil, no estrangeiro, de que era de um país semicivilizado, onde existia canibais, cobras e onças, pela cidade do Rio de Janeiro.

Esta francesinha veio para o Brasil com uma família conhecida, para casar com meu pai. Ela não falava português, de maneira que meu pai era a única pessoa com que ela se entendia, mas com o tempo foi aprendendo a falar o português, mas com sotaque muito forte de francês. Ela não dizia pérola e sim "peróla", que era motivo de risadas de todos os amigos e mais tarde também dos quatro filhos que teve.

Meu pai, além de professor do Instituto dos Cegos, tinha também uma pequena indústria de caixas de papelão, que era muito usada na época. Nasceu em Cachoeira de Macacu, na Estrada que vem para Nova Friburgo, onde já passei por lá algumas vezes. Uma cidade pequena mas muito limpa e agradável.

(1) Os Organizadores presumem que a escrita destes manuscritos se deu no início de 1984.

Ele era muito habilidoso, de maneira que fazia tudo em madeira, para as duas filhas brincarem com suas bonecas, caminhas, armários, mezinhas e cadeiras, tudo muito bem feito, com muito gosto.

MINHA MÃE - A FRANCESINHA

Agora vou falar da francesinha heróica e destemida, que era a alegria de nossa casa.

Ela, Albertina lehly de Lemos, teve quatro filhos, duas meninas e dois meninos: Guiomar, Odete, Fernando e Eugenio.

Ela era formidável, na orientação de nosso lar, cozinhava, muito bem, fazia as nossas roupas e mantinha a casa muito bem administrada e limpa.

Tinha ela, livros de homeopatia, de modo que era difícil se chamar um médico, pois, com seus livros, ela nos medicava e, até mesmo, pessoas de fora que precisassem, fornecia o remédio para pessoas pobres, pois, naquele tempo não existia INPS, nem hospitais, para atender a população.

Quando eu era pequeno, com meus sete anos, em minha casa meu apelido era "cara de mamadeira", devido não só as crianças gostarem de mim como eu sempre gostava de lidar também com as crianças.

Também depois do banho, minha mãe dizia "pula Fernandinho" para fazer cachinhos e eu pulava e ficava com a cabeça toda cheia de cachinhos. Dizia minha mãe que ficava bonitinho, mas pelas fotografias que meu pai tirava, eu parecia uma coruja, com os olhos muito arregalados esperando um camundongo para pegar.

Eu, quando era pequeno, fui muito doente, por isso meu irmão, que era mais moço um ano, e eu tínhamos o mesmo físico, parecíamos gêmeos. Quando minha mãe passeava num carrinho com nós dois, ela ia sempre num colégio de irmãs de caridade, na Rua General Severiano. As "irmãs" sempre falavam, dirigindo para mim, este anjinho, qualquer dia Deus vinha me buscar, minha mãe chorava e voltava para casa. Este anjinho não criou asas para ir

para o céu e já passou dos oitenta e um anos. E assim, vivíamos uma vida tranquila e feliz, com a sábia orientação da francesinha que era a nossa felicidade.

Minha mãe era muito doente, além de sofrer de asma, assim como eu, não abandonara o seu lar, costurando, fazendo as roupas de todos nós, além de educar muito bem os seus filhos, pois suas filhas, uma era uma ótima doceira, além de professora e a outra gostava de cozinhar todos os sábados e dava folga a cozinheira e ela ia para a cozinha, fazer uns pratos todo especiais.

Minha mãe não sabia fazer roupas para meninos, de modo que nós eu e meu irmão vestíamos camisolas bonitas com renda e fitinhas até os pés, transformando-nos em duas bonitinhas "meninas".

Mamãe muito mais tarde, pensou em voltar para a França, para ver suas irmãs, mas como, naquele tempo não existia avião e transporte era só de navio e isto queria dizer mais de 30 dias, somente de viagens e não querendo ir sozinha, pois não queria se separar dos filhos e do marido, ela desistiu. Esta francesinha era um amor. Era neste ambiente de Felicidade e Amor que eu fui criado.

Minha mãe gostava muito de fazer pic-nic e, constantemente, ela preparava uns cestos com amplo farnel e íamos para a Quinta da Boa Vista ou Alto da Tijuca, na Cascatinha e até às praias de Copacabana, que naquele tempo, não era uma cidade. Além de irmos em outros lugares pitorescos.



Cascatinha - Alto da Tijuca, com ponte de 1865



Praia de Copacabana em 1920

Uma ocasião, ela não estava passando bem, mas assim mesmo, resolveu fazer um pic-nic na Penha. Não teve dieta alguma, pois estava se sentindo bem e comeu de tudo, até bebeu cerveja. Naquela ocasião não havia refrigerante algum, como coca-cola, guaraná, fanta, etc. Como era difícil a vida nesta época.

Voltamos, para casa com minha mãe não passando muito bem, o que fez com que meu pai, no dia seguinte, fosse procurar uma casa para nós nos mudarmos.

Achou que uma casa que estava terminando a construção, na estação de Olaria. Eram 4 casas novas que o proprietário, Sr. Nunes, que era também o dono do matadouro da penha, estava construindo para suas 4 filhas. Logo que ficou pronta, nós mudamos para a casa escolhida pelo meu pai.

Foi outro período de grande felicidade para todos nós que morávamos no centro da cidade em um sobrado, em cima da indústria do meu pai, e depois ir morar numa casa com um bom terreno que, mais tarde, minha mãe fez um amplo galinheiro. Minha mãe então melhorou muito de sua saúde.

Esta casa que estávamos morando era próxima ao Horto Florestal da Penha, uma escola agrícola que nosso primo era aluno... Sobre a direção do Dr. Victor Leivas, que fizemos grande amizade, com ele e a senhora.

Esta escola tinha, além da finalidade dos alunos, de colecionar sementes de tudo que era frutas, para fornecer aos associados, de maneira que, nós recebíamos, semanalmente, cesta com tudo que era fruta, colhidas maduras, para nós comermos.

Só tínhamos a obrigação de devolver as sementes lavadas e embrulhadas em papel. Frutas como fruta de conde, laranjas, melancias, mangas e mais outras que não me lembro mais.



Porto e Praia de Maria Angú - Rio de Janeiro / 1920

BANHO DE MAR

Tomávamos banho de mar na praia de Maria Angú. A caminhada era curta, mas nós usávamos um cachorro, que mais parecia um pequeno bezerro, pendurávamos duas sacolas sobre o seu lombo e ele, quando não cismava de correr e jogar tudo no chão. Mas tornava mais divertido o passeio.

Este cachorro pertencia à família do Sr. Nunes que morava umas 3 casas depois da nossa, o que era de propriedade dele. Era uma família grande, com muitos filhos, que passaram a nos visitar.

Tinha, na residência do Sr. Nunes, um grande viveiro cheio de pássaros e algumas marrequinhas irerê. Os pássaros começaram a aparecer com as patinhas comidas e o filho mais velho achava que eram gatos que comiam.

Nesta ocasião, nós tínhamos um gato muito nosso amigo, que usava uma coleira prateada no pescoço, sendo muito fácil ser identificado.

Minhas irmãs sempre chamavam a atenção para que ele não matasse o nosso gato, que infelizmente aconteceu.

Com isso, minha mãe, se aborreceu muito, pois este gatinho vivia no colo dela, e começou a passar mal, resolvendo logo, o meu pai, a mudar para outro lugar.

Fomos morar na rua do Uruguai, em frente a uma grande chácara, onde, hoje, é um grande supermercado, nesta chácara, nós, eu e meu irmão, íamos sempre comprar verduras colhidas na hora, e o dono da chácara deixava que levássemos de graça, pois eles não vendiam mamões madurinhos.

Nesta ocasião, passavam sempre peixeiros com cesto no lombo de burros, no meio das folhas de vegetação muito molhadas, que vinham da lagoa de Jacarepaguá, através do Alto da Boa Vista, sendo que, muitas vezes, quando os peixes eram colocados na pia, começavam a nadar.

PIANOLA

O pai mandou vir da Alemanha uma pianola, que era um piano muito bonito e com um som maravilhoso. A pianola tanto pode ser tocada com as mãos, o que minha irmã fazia com muita expressão e eu vinha sempre para a sala ouvir, pode, também, ser tocado com 2 pedais e colocando um rolo de papel perfurado e tocava músicas maravilhosas. Eu modéstia a parte, tocava com muita expressão, pois eu pedalava de acordo com a música. Uma ocasião estava tocando uma música que mais gostava e fazia a variação feito por um grande pianista, do Hino Nacional de Goutchau. Quando acabei de tocar, escutei uma salva de palmas, eram pessoas que estavam escutando, na rua.



Pianola clássica
1920

Naquele tempo, o rádio era somente de fone no ouvido, não existia TV e nem aparelho de som. Como a vida era monótona.

Foi outro período de tranquilidade e felicidade que tivemos.

Nesta ocasião, meu pai comprou uma casa na Rua Barão do Bom Retiro, no Grajaú, próximo ao muro do Jardim Zoológico.

EPIDEMIA DE GRIPE ESPANHOLA - 1918

Foi nesta ocasião em 1918, que houve a grande epidemia da gripe espanhola, que se espalhou por todo o mundo. Morriam, diariamente, talvez, milhares de pessoas, não havia tempo, nem tinha gente suficiente para enterrar os corpos, obrigando, então muitos cadáveres a serem colocados na calçada à espera de que pudessem ser levados pela Saúde Pública. Eram caminhões e mais caminhões e bondes de carga, cobertos com lonas, muitas vezes ficavam pernas e braços pendurados pelo lado de fora, isto eu assisti diversas vezes e nos cemitérios eram presos da Casa de Detenção e soldados do Exército que os enterravam em valas comuns.



Gripe Espanhola 1918

Foi, quando aquela heroica e bonita francesinha, minha mãe, resolveu ajudar os brasileiros e pedindo ao meu pai para ir até a Farmácia Homeopata Almeida Cardoso e comprar remédios em quantidade grande e fazer distribuição gratuita, a quem tivesse um vidro para levar.

Assim formava diariamente fila no portão da nossa casa, como hoje fazem nos postos do INPS.

Em uma ocasião, quando minha mãe estava distribuindo remédio, apareceu uma senhora bem vestida que levava já os vidros para receber remédio, minha mãe disse então que não podia fazer isso, pois ela não era médica e somente dava remédio para gente pobre.

A Senhora começou a chorar e falou que tinha um filho que estava com a gripe espanhola e esta muito mal. Não podia passar daquela noite. Minha mãe então deu remédio e ensinou como devia tomar, dia e noite, na hora certa.

Dois dias depois a senhora voltou e veio agradecer que o seu filho já estava bom, brincando na cama. Ela era casada com um homem de marinha, que estava viajando, quando ele voltou foi também agradecer a minha mãe, por ter salvado o seu filho.

O mesmo aconteceu com o meu irmão, que foi a padaria comprar pão e quando voltou começou a sentir os sintomas da gripe espanhola. Imediatamente o colocou na cama e ficou dia e noite dando remédio ao meu irmão, que dois dias depois não tinha mais nada.

Agora eu faço uma pergunta a mim mesmo, quantas pessoas foram salvas com o remédio que minha mãe preparava. As filhas eram regulares, dias seguidos, cada vez aumentando mais. Mas ninguém esclarecia o resultado do remédio. Minha mãe salvou 10, 50 ou 100 vidas atingidas pela gripe espanhola. Ela foi de uma dedicação extrema. Ela mereceu o céu!

AMELHOR FASE DA MINHA VIDA

Foi quando principiou a melhor fase da minha vida, pois há 4 casas depois da nossa, morava uma família, Dr. Rosa Junior, diretor do Senado Federal. A família era composta do casal e 4 filhos, duas mocinhas e 2 garotos, que ficamos logo amigos. Patinávamos todas as tardes na calçada que era larga e tivemos convivência com suas irmãs, uma delas estava já quase noiva de um primo, com o qual se casaria mais tarde, a outra a Corynthia, vinha sempre sentar no degrau da escada que tinha no jardim, onde eu também me sentava, e ficávamos conversando, era um namoro ingênuo.

Foi a primeira e a única namorada que tive e ela também. Assim foram passando os anos até que, apesar dela dizer que nunca se casaria, acabamos noivos, mas para isso eu usei um plano. Fiz um desenho de Santa Therezinha, botei um quadro e dei a ela de presente no dia do seu aniversário.

Mas deu um «bode»... sua mãe, D. Maria, que gostava muito de mim, juntamente com seus irmãos, começaram a fazer a campanha de que isto ia acabar em casamento, demorou um pouco, mas foi positivo. Assim veio um período maravilhoso da minha vida. O período doa sonhos. Eu todo sábado ou domingo arranjava um pretexto para ir para casa da Corynthia ajudar o seu irmão Joaquim a mexer no automóvel, ou outro motivo qualquer, e depois ficava namorando a minha querida.

Fazíamos como mamãe gostava "pic-nic" e íamos, então as duas famílias juntas. Naquele tempo, nos "pic-nics" as moças tinham que ir de chapéus e os homens de colarinho e gravata. Não existiam refrigerantes e caixas de isopor para levar gelo, mas assim mesmo era divertido, principalmente para mim que tinha motivos para ficar o dia todo, junto com a mulher que amava.

TRABALHO NA ILHA DE MOCANGUÊ

Nesta ocasião, eu e meu irmão, trabalhávamos na Ilha Mocanguê, no departamento técnico como desenhistas no Lloyd Brasileiro.

Foi outro momento muito feliz da minha vida, pois o que eu mais adorava, desde pequeno era estar desenhando, quanto mais, desenho de máquinas e construção naval, era maravilhoso.(2)

O nosso chefe e engenheiro naval, Elvino Neponuceno e o chefe das oficinas, o engenheiro Mario Pereira que era sobrinho do ex-presidente Wenceslau Braz, eram os nossos chefes diretos, o qual nos tornamos muito amigos.

Ilha de Mocanguê
Baía de Guanabara



(2) Fernando I. Lemos também inventou o Câmbio Automático. Vide capítulo 5

SÃO PAULO

Em 1922, meu futuro cunhado Joaquim, seu irmão Fariolando e mais três colegas deles, me convidaram para irmos a São Paulo, de automóvel, na cidade de São José dos Campos, pois os bizavós dos três outros colegas faziam Bodas de Diamante e ia haver uma festa muito boa.

A estrada tinha sido inaugurada, recentemente o que era conversa, pois só existia talvez um quilômetro no Rio e um outro tanto em São Paulo, o mais era quase intransitável, era somente um caminho de terra com muitas pedras soltas na pista, que provocava derrapagem a todo instante.

Para o automóvel que era, um Ford de Bigode como era chamado, não tinha alavanca de mudança e sim, um terceiro pedal que era uma redução da marcha, nem me lembro mais como era a marcha-ré. Este carro com seis passageiros foi uma temeridade.

Saimos do Rio, quase já era noite e viajamos a noite e toda a parte do dia seguindo, chegando lá quase na hora do jantar completamente cansados.



Ford Bigode
Década de 30

Para subir a serra tinha que ficar com o pé apertando o pedal do meio, mas pouco tempo depois a perna começava a tremer, então quem está sentado ao lado do motorista, passara a apertar o referido pedal.

Encontramos na estrada, um automóvel enguiçado com moças e rapazes. Parei o carro a uma certa distância e três dos nossos foram ver o que era, com muita preocupação, pois já falavam em assaltos nos automóveis. Como a estrada tinha muita poeira e nosso carro esta com a capota arriada, todos nós estávamos com um lenço no rosto, para proteger da poeira, e cada um tinha um revolver na mão, foi um susto enorme, todas as moças começaram a gritar, pensando que era um assalto, mas, felizmente eles não tinham armas e tudo foi esclarecido. Nós levávamos uma corda no carro, amarramos e rebocamos até uma próxima cidade. Foi uma

grande tolice a nossa, por que podíamos ter sido recebidos a tiro pelo pessoal do outro automóvel que estava competindo numa corrida-Rio-Belo Horizonte, em ida e volta. O carro socorrido por nós, tinha quebrado a caixa de mudança.

Fomos recebidos por todos quando chegamos a São José dos Campos, como heróis do dia. Nem podemos descansar, fomos logo convidados para irmos para a mesa, que devia ter quase vinte metros de comprimento, cheia de perus e leitões assados, fora uma variedade enorme de boa comida, principalmente para nós que não tínhamos nem almoçado pois estávamos muito atrasados, só parávamos para tomar café com pão dos bares que encontrávamos e seguíamos logo.

O jantar foi servido por garçons e mal tomamos um gole de vinho maravilhoso, importado de Portugal. No fim, não sabia quantos copos tinha tomado. Eu sei que pela primeira vez na minha vida fiquei tonto a ponto de não poder andar, depois ficamos conversando com os velhos e pessoas da família e começaram a falar de licor que fulana fazia e beltrana também e começaram a vir cálices destes licores, então foi quando fomos convidados para irmos para a sala de visitas, onde estavam dançando ao som de uma orquestra.

Eu não me aguentava em pé e o Joaquim também. Nós nos abraçamos e um escorando o outro, fomos através de um longo corredor, até a sala da frente e indo para um vão de uma janela ficamos, um bom tempo vendo uma noite escura, que não via nada a não ser o clarão da iluminação da cidade de São Paulo e dali fomos para o quarto dormir até o dia seguinte.

No dia seguinte, resolvemos ir até São Paulo que não ficava longe e foi uma admiração de todos quando viram um carro Ford do Rio, trafegando em São Paulo. Ao voltarmos para São José dos Campos, recebemos um convite ao clube local para uma festa na sua sede, com honra de pioneiros.

No dia seguinte fomos convidados para tomar banho na biquinha, que era, nada mais do que um jato de água gelada que caia, de um tubo de umas 5 polegadas de altura de mais de cinco metros. Era

uma verdadeira paulada na cabeça. Quando estávamos todos os rapazes tomando banho, escutamos risos e vozes. Eram as garotas, que tinham vindo assistir, no meio do mato, o nosso banho, a maioria em trajes íntimos.

No outro dia, marcamos para voltar e saímos pela manhã, trazendo um bom farnel, para comer no caminho.

A volta foi igual a ida, muita poeira e constantemente derrapávamos, a única diferença é que, nós tínhamos, na véspera, feito um jogo de futebol e o Joaquim era o único que dirigia. Torceu o pé num chute na bola que tinha furado e foi enchida de capim e papel para acabar o jogo. Não pode dirigir o automóvel ficando eu sozinho para isso.

Certa vez, fui obrigado a entrar dentro de uma caldeira, para fazer um desenho de quantos tubos, precisavam ser substituídos, do lado de fora os operários com martete e ar comprimido tiravam a ferrugem. Era um barulho infernal, que nem a nossa própria voz, podíamos ouvir. Além da luz de um lâmpada que tinha sido colocada mas que constantemente apagava. Eu tinha uma lanterna a bateria, quando esta escorregou e caiu no fundo da caldeira. Felizmente não faltou luz elétrica e a lanterna não apareceu de maneira que com muita dificuldade, consegui descer até onde estava a lanterna.

Certa vez, fui mandado para atender um navio que tinha chegado da Europa e estava atracado no cais do porto. Fui eu sozinho, na lancha Luci a mais veloz a vapor da Guanabara.

Era uma lancha histórica, pois tinha tomado parte numa revolução dos marinheiros e tinha sinal de diversos tiros que levava. Cheguei, no navio pela escada de bordo e quando olhei para cima, estava cheio de garotas imigrantes, muito bonitas. O oficial de bordo veio me acompanhar para ver a caixa de válvula que tinha estourado. Tirei um desenho para que enquanto o navio fosse a Santos, quando voltasse, já tivesse uma outra semelhante para substituir. Como eu fiquei convencido e prosa no meio daquele amontoado de meninas todas risonhas para mim.

Foi quando houve a grande explosão do paiol de pólvora da Ilha Mocangue Grande que foi uma coisa horrível.

Eu assisti e vi, homens voando a grande altura e caírem mortos despedaçados. Nós já estávamos no navio de transporte dos empregados que trabalhavam na ilha.

Nesse dia eu tinha levado minha gilete para fazer barba na ilha, pois tinha me atrasado e não houve tempo de fazer em casa, pois bem, com essa gilete fizemos toda a viagem para o Rio, raspando cabeças para os médicos e enfermeiros, tratarem os ferimentos dos operários.

Quando chegamos no Rio, tinha tanta gente no cais, pessoas das famílias e repórteres, polícia, que não podíamos desembarcar.

Era assim a minha vida deliciosa. Assim passaram alguns anos, muito gostosos.

Quando voltamos para o Rio, nós sempre íamos com o Mario Pereira, meu irmão e eu, a uma leiteria que tinha na rua do Ouvidor, e lá quase sempre tomávamos uma coalhada com pão torrado.

Saindo da leiteria, íamos sempre para um café na Av. Rio Branco e ficávamos depois assistindo as garotas passarem, pois o Mário Pereira era um grande namorado.

Mas eu tinha outro motivo, era que naquela hora, a Corynthia vinha do emprego no Ministério do Trabalho e passava bem naquele momento no ônibus para ir para casa e dávamos um adeusinho um para o outro.

Às vezes eu esperava no ponto do ônibus para vir juntos, mas ela não gostava e pedia para não ir mais.

Cada vez ficava mais apaixonado pela Corynthia e precisava pensar em me casar e no Lloyd não pagava para isso, deixamos o emprego.

O meu irmão fez um concurso para o Ministério da Guerra e passou e eu comecei a trabalhar em duas firmas, uma PennaxFranca e outra na Companhia Imobiliária nacional, de Murray e Simonsen, além disso comecei a fazer desenho em casa para diversas firmas, comecei a melhorar o meu ordenado, podendo então, pensar em casamento, até que um dia pedi a mão da Corynthia em casamento, sendo dito pelo seu pai, que isto de penderia dela e sua mãe, que sempre aprovou e era uma criatura admirável, pergunto quanto eu ganhava, qual era o nosso programa, pois por ela nós iríamos morar na sua casa, mas eu e Corynthia não queríamos.

CASAMENTO

No dia seguinte meus pais vieram até a casa do Dr. Rosa, para confirmar o ato que eu tanto desejava. Marcamos uma data para o casamento mas houve um contratempo, a Corynthia teve que ser operada de apendicite e tivemos que marcar outra data que foi 15 de outubro, quando nos casamos.

Foi um casamento muito simples, como Corynthia desejava, na igreja de São Joaquim, só tinha parentes ou amigos muito íntimos.

Após o casamento, fomos para a casa dos pais de Corynthia, para um jantar e assim ficamos até quase 11 horas, conversando, até que o meu cunhado Joaquim, nos levou até a nossa casa na Rua Salvador de Mendonça.

Nisto o sobrinho (que tinha uns 8 anos) da Corynthia, saiu da sala e foi apanhar a sua mala da escola com livros e algumas roupas para ele pois queria ir com a tia Toita, como ele a chamava e comigo, pois nós éramos muito amigos.



Fernando Lemos e
Corynthia (3)

A sua mãe e avó custaram a convencer que não podia ir, pois não tinha cama para ele.

Chegamos em casa, Corynthia foi fazer um café e depois subimos para o quarto, ela preparou-se e deitou, depois eu fui deitar, também, então a Corynthia pediu - eu estou muito cansada, foi um dia cheio, vamos dormir, sim? E eu que também estava, concordei e propus ir dormir num sofá que tinha no quarto do lado e ela não concordou e pediu para eu dormir ao seu lado e assim começamos

(3) Na foto: Fernando Ielhy de Lemos e sua esposa Corynthia, em janeiro de 1958.

uma vida nova de uma felicidade, carinho e amor, uma lua de mel eterna, todos os cinquenta anos e três meses que vivemos juntos.

Passado uns dias a minha sogra resolveu como fazíamos sempre, dar um passeio de automóvel e o meu cunhado e amigo Joaquim veio dirigindo o carro até próximo onde morávamos para nos apanhar.

Chegando como sempre no carro, meu sogro estava sentado no banco da frente e disse para Corynthia, vem no banco de trás com sua mãe e o Joaquim e o Fernando, vamos aqui. Eu então, não me contive e disse para ele, não Dr. Rosa. Corynthia vem aqui ao meu lado e olhando para trás, vi a minha sogra com um riso de aprovação. Deste dia em diante sempre Corynthia ia sentada ao meu lado.

Passados alguns meses, comprei um automóvel para nós. No primeiro dia que fomos passear, subimos Santa Thereza e fomos na Estrada do Silvestre, que naquele tempo era de terra batida, mas muito bem conservada. Foi um dos melhores momentos da nossa vida de casados. Tínhamos com prado um rádio GE que era como uma pequena maleta, tanto funcionava na bateria do automóvel, como na energia elétrica da casa.

Fomos passeando, até que em determinado trecho da estrada, tinha sido mais de metade levado pelas águas da chuva, não tive coragem de passar, com medo que o restante da estrada rolasse. Paramos, então, naquela tranquilidade da mata, com seus ruídos naturais de cigarra e grilos, o rádio começou a tocar uma voz maravilhosa da Violeta Coelho Neto Freitas, a ópera ``Madame *Butterfly*``, aquilo era de uma maravilha infinita, aquela paz aquela música e aquela voz.

Descemos do carro e vimos então que estávamos num paraíso encantado, pois toda a beira da estrada estava cheia de amoras e framboesas, fresquinhas, molhadas de orvalho da noite, começamos a comer, aquilo era mais que um sonho, era a mão de Deus que tinha nos enviado àquele local, para sentirmos o máximo, o encanto da nossa felicidade.

Hoje em dia não seria possível repetir tal esplendor de felicidade com os assaltos e crimes do mundo bárbaro atual.

Meses depois, eu estava muito cansado de trabalhar em duas firmas, durante o dia e à noite ficar desenhando até tarde e muitas vezes virar a noite toda desenhando.

Corynthia ficava deitada no sofá, que havia junto à prancheta de desenho, mas eu fazia ela ir dormir na cama, quando ficava muito tarde, então ficava sozinho desenhando, mas sempre olhando para cama onde meu grande amor dormia.

Resolvi então, montar um escritório próprio, entrando em acordo com as duas firmas que trabalhava, passava a trabalhar para eles, no meu escritório.

As duas firmas, concordam, mas a Empresa Penna Franca propôs alugarmos duas salas juntas, ficando cada um na sua sala, assim fizemos. Corynthia passou a trabalhar no escritório indo somente depois do almoço.

Graças a Deus, o escritório desenvolveu-se muito, pois além de ter consciência dos bons projetos que fazia, fui adquirindo uma boa freguesia, conseguindo ampliar bem o meu trabalho.

Alguns meses depois, Corynthia, que estava esperando o nosso desejado filho, teve que deixar de trabalhar.

Como era bom, ver e sentir aquele pingo de gente, pular e mexer no ventre materno. Era de uma felicidade muito grande, aqueles momentos junto com minha querida esposa.

Até que nasceu o nosso querido filho, no dia 5 de setembro de 1935. Foi o momento mais divino que tivemos, foi como viver num mar de rosas. Não! mar era pouco, foi num oceano de rosas e o oceano Pacífico que é o maior. Nasceu pequenino, como a orientação médica que orientara, mais tarde, orientado por um pediatra Dr. Calazans, o José Maria, este era o seu nome, desenvolveu-se, engordou, tornando-se um garotão muito bonito.

Passamos a viver o resto da nossa vida exclusivamente sobre a orientação do Rei da casa.

O José Maria cresceu e desenvolveu-se como qualquer criança feliz e normal. Era muito dado, estava sempre alegre e falava como qualquer criança feliz e normal. Era muito dado, estava sempre alegre e falava com qualquer pessoa... não tendo acanhamento ou timidez com ninguém, o que nos preocupava, pois, com facilidade seria levado a qualquer lugar. Era estimado, por todos, seus primos, tias e avós maternos e paternos.

Meu pai que quando era moço fazia móveis para as bonecas de suas filhas, agora ele construía para o seu neto, mesas, cadeirinhas, tudo no tamanho pequeno, mas que nós sentávamos na mesa e fazíamos refeições com o nosso filhinho José Maria.

Ele fez um ônibus reforçado, com banquinhos, local do motorista, o qual José Maria, já com uns 3 anos montava, com os pesinhos tocara no chão e corria o apartamento todo. Acredito que para o desespero do morador do apartamento de baixo. Para virar para a direita ou esquerda, ele segurava no local do parabrisa do ônibus e pulava para um lado ou outro, mudando a direção do veículo.

Obrigado meu bom vizinho por nunca reclamar, pois era a expansão de um garoto, sadio e feliz.

Nesta ocasião, morávamos na Urca e Corynthia com a babá, sempre iam passear à tarde, na calçada, às vezes entravam no Forte onde tinha uma praça ajardinada para José Maria apanhar sol.

Minha sogra, que foi uma segunda mãe, para mim, sempre insistia para nós irmos morar com ela, pois a casa era grande e tinha lugar para tal, com isso a Corynthia podia descansar um pouco, então nós cedemos.

José Maria, continuava a desenvolver-se, tornando-se um garotão bonito, alegre, brincalhão, para a alegria de todos nós.

Continuávamos, sempre indo a Paquetá, passar um fim de semana, principalmente, quando tinha um feriado para prolongar a estadia na ilha.

AUTOMÓVEL

Nesta época começaram a aparecer no Rio de Janeiro os primeiros automóveis e meu pai mandou vir da Itália um também para botar na praça e nós passearmos.

Era um carro, completamente diferente do que existe hoje, ele tinha um compressor que, além de ter um apito, podia dar saída no motor para ele pegar, foi um prejuízo que o meu velho teve, pois não existia posto de gasolina, que era comprada em lata, de 20 litros e também não existia posto de lubrificação e as oficinas eram muito desaparelhadas para ter manutenção.

Papai, uma ocasião, resolveu ir a sua terra natal, para matar saudades e ver amigos de infância. Saiu, levando uma mala com roupas, pois contava ficar uns 3 dias, e qual não foi a nossa surpresa quando ele, no mesmo dia, regressou à noite, pois não tinha coragem de afastar-se da família.

ENCHURRADA EM PETRÓPOLIS

Subi para Petrópolis e Itaipava como fazia sempre numa sexta-feira. Tinha chovido muito a semana toda e naquele dia, depois que eu já estava em Petrópolis desabou uma enxurrada medonha.

O Rio da Avenida 15 transbordou e as lojas ficaram com mais de meio metro de água. Foi quando eu soube que a estrada estava fechada.

Tinha caído mais de um pontilhão e muitas barreiras. Resolvi então dormir em Itaipava e descer no dia seguinte. Consegui telefonar para paquetá, pois Corynthia, José Maria, meus sogros e cunhada tinham ido para lá passar uns dias e avisei do estado da estrada que não podia descer, e a noite não tinha coragem de pegar a estrada velha.

Ao chegar ao Vale do Boa Esperança, a situação também era difícil, muita lama e um poste da telefônica caíra e não pude chegar em casa com o carro e apesar da chuva que caía fui a pé, cerca de 1 Km.

No dia seguinte, mais ou menos 10 horas resolvi descer para Petrópolis para ver como estava a situação. Depois de ter almoçado em Petrópolis, no Copacabana, descansei um pouco e pé na tábua.

A estrada principal estava ainda fechada. Fui então pela estrada velha, que é muito estreita e perigosa, pois ela é cortada diversas vezes pela linha de estrada de ferro com cremalheiras, dando uma passagem perigosa.

Quando cheguei na baixada, tive uma decepção - a água represada pela estrada, que era mais alta, caía em cachoeira do outro lado, ficando um volume de água de uns 30 cm acima do nível da estrada.

Nesta ocasião, um rapaz pediu carona pois, também, queria ir para o Rio. Fiquei parado observando, sem coragem de meter o carro naquele volume de água, com grande correnteza. Nisso um carro que estava do outro lado, resolveu entrar na água e chegou até onde eu estava.

Foi o suficiente, se ele pode vir de lá para cá, eu também poderia passar em sentido oposto e então, esvaziando os 4 pneus uns 2 cm, permitiria maior aderência ao asfalto da estrada. Meti os peitos, acelerei um pouco para esquentar o motor e depois em primeira, muito devagar até chegar do outro lado.

Digo com toda a sinceridade, fiquei com medo, pois a água empurrava o carro para a cachoeira, tinha de manter a direção, sempre forçada em um sentido contrário e quando esta no meio da estrada só vendo água para todos os lados, rezei com muita fé, mas com o coração apertado de medo. Ao chegar do outro lado, fomos recebidos com palmas e vivas, pela façanha de transformarmos um automóvel em lancha.

Parei e deixei o coração acalmar e segundos depois continuando para o primeiro posto de gasolina para encher os pneus. Andei uma centena de metros com o pé no freio, para esquentar as lonas e sair o barro, pois não tinha freios.

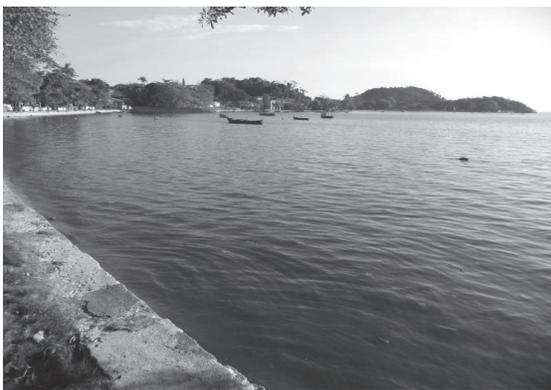
PAQUETÁ E O LUAR

Quando fazia noite de luar, minha sogra telefonava para nós, convidando-nos para ir a Paquetá.

Nós, quando podíamos, concordávamos, porque assistir uma noite de luar em Paquetá é como viver momentos inesquecíveis, do poder de Deus.

Aquele espetáculo, era divino e proporcionava uma felicidade e amor mais intenso, entre todos que assistiam e nós ficávamos com os pés dentro do mar, e a lua que se escondia no horizonte, lançava uma faixa de prata, como se fosse uma língua, que vinha lamber os nossos pés, aquilo era de ficarmos mudos, para não quebrar aquele encanto, do poder desse Deus, Todo Poderoso, pois só ele podia ter pintado aquele quadro.

Nesta ocasião, comprei um pequeno barco a vela, o Goytacaz, que nos proporcionou, momentos muito felizes, velejando pelas praias de Paquetá. Este barco nós levamos para Paquetá um sábado pela manhã, e foi uma temeridade, pois o barco tinha no máximo, uns 40 cm de altura e com o peso de 3 pessoas, o José Eugênio, o Joaquim e eu, mais uns 6k de bagagem etc..., a borda do barco ficou somente com uns 7 cm, de maneira que precisava muito cuidado para não adernar e entrar água, o qual com uma lata a todo o instante acontecia quando dava uma rajada de vento mais forte. Eu juro que tive medo, quando no meio da baía e vi aquela imensidão de água e nós naquela casquinha de noz, longe de qualquer socorro, principalmente quando cruzamos com lanchas velozes ou mesmo a barca de passageiros que vinha da ilha e levantava aquela marola e quando fomos contornar a ilha para irmos para a *Praia Pintor Castagneto* onde tinha a casa de meu sogro.



Eu e meu sogro compramos, então, 2 apartamentos juntos, nos quais abrimos um vão de porta para unir os 2 apartamentos, na Rua Afonso Pena, 10 e ficou um apartamento com 4 quartos, 2 banheiros sociais e duas boas salas.

Nesta ocasião, José Maria tinha uns sete anos e sua mãe o matriculou no Instituto Menino Jesus, que era de uma sua prima. Tivemos que fazer um uniforme de calças compridas, que fez ele ficar muito elegante, foi quando fez a primeira comunhão.

O ônibus vinha apanhar e trazer na nossa residência.

Uma ocasião, o ônibus que não era novo e tinha o motor interno, junto do motorista, estourou a mangueira do radiador e José Maria que estava próximo, pulou para trás dele uma menina pequena, para não receber o jato de água fervente, recebendo ele nas pernas, toda esta água, fazendo uma queimadura que, felizmente, amorteceu por estar de calça comprida, assim mesmo queimou um pouco nas pernas, o mais difícil foi que ele não queria tirar as calças para a professora botar remédio.

O José Maria continuava a crescer, estudar o qual era um bom estudante, era caprichoso, seus deveres e tinha uma memória fantástica, isso nos dava muita alegria e confiança no futuro dele.

INCENDIO

Os incêndios me perseguem. Uma ocasião, José Maria devia ter uns oito anos, fui almoçar em casa. Quando já ia sair, para o escritório houve uma gritaria de mulheres pedindo socorro, subi imediatamente para o pavimento superior ao meu e havia um grande movimento de pessoas correndo e gritando, sem atinar o que se passava, corri e entrei no apartamento, que estavam gritando, quando vi que ele estava pegando fogo, uma senhora estava encerando o chão e tinha passado um pano com gasolina, ao afastar a mesinha de cabeceira, sem desligar uma tomada de um relógio elétrico, este fio arrebentou e provocou um curto-circuito, foi o suficiente para que o gás da gasolina se inflamasse. Quando eu cheguei havia fogo de verdade, com grandes labaredas e muita fumaça, pegava fogo o colchão da cama, um camiseiro e um móvel grande, mais roupas e tapetes que estavam no chão.

As senhoras do apartamento, com copos e panelinhas cheias de água a correr de um lado para o outro querendo apagar o fogo o que era impossível, pois o fogo era mesmo de verdade, muito forte. Ai eu dei uma voz de comando, para encherem a banheira com água e arranjaram baldes, e bacias grandes e fazendo uma linha de um passava para o outro, para andar mais ligeiro para vencer as chamas. Pedi uma vassoura e varri as roupas e tapetes que incendiaram, para dentro do banheiro, puxei o camiseiro para o corredor e com um tapete que apanhei no outro quarto e abafei o fogo, e recebendo então, com rápidos baldes e bacas, apaguei o primeiro fogo do colchão e depois o do armário e em poucos minutos apagamos o incêndio. A sorte nossa, era que a janela que dava para fora estava fechada, não havendo, então correnteza de ar, localizando o fogo, somente no quarto. Quando o Corpo de Bombeiros chegou, não precisaram fazer mais nada, pois estava preto de fuligem.

AFIRMA

Recebemos no Edifício Darke, no 9º pavimento, conjunto 901, escritórios que tínhamos comprado para nossa firma que tinha se desenvolvido bastante e uma área de mais ou menos uns 200 m², composto de 10 salas, sendo que a principal tinha 6 m x 6 m, era toda forrada com lambri de jacarandá, móveis feitos na Gelli de Petrópolis. Eu tinha no momento, 12 pranchetas de desenho com aparelho de technígrafo e as pranchetas eram todas com caimento, para a comodidade dos desenhistas. Das 12 pranchetas, 2 eram para quem quisesse aprender a desenhar, pois naquele tempo não existia escola para tal, e as outras 10 eram para atender o serviço diário nosso.

Assim quase todos os meus desenhistas eram criados por nós e hoje existem muitos desenhistas no Brasil que saíram do meu escritório, além de ter tido engenheiros e arquitetos que pediam para fazer estágio conosco.

Eu me sentia muito feliz em proporcionar conforto e felicidade às pessoas que queriam construir sua casa. Fazia projetos desde casas pequenas e simples até residências, confortáveis e grandes.

Publicamos, então uma revista sobre construção, chamava-se **"Sugestões de Arquitetura", Decoração e Informações Técnicas"** - Autor: **Fernando Ielhy de Lemos** (4).

Para fazer este álbum, tivemos que montar uma gráfica, organizando, então, mais uma firma, com o meu bom amigo, Dr. Nilo Collona dos Santos, que era o presidente da maior firma de construção no Rio, na época Cavalcanti Junqueira S/A.



ano 1950



ano 1951



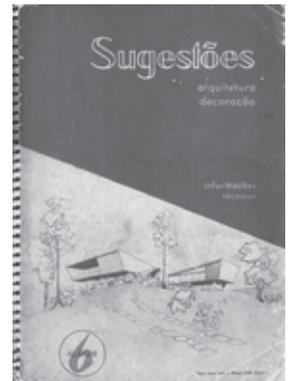
ano 1952



ano 1953



ano 1955



ano 1956

(4) O organizador Aquiles Ferraz Nunes, desta publicação, conseguiu adquirir os exemplares (nº 1, nº 4 e o nº 6) das Livrarias Mister Sebo e Garimpo do Saber / São Paulo / SP, em 01/02/2017, que passam a fazer parte do acervo histórico da ABBR.

Publicávamos, também, uma coluna no Jornal "O DIA", com um projeto, planta e uma perspectiva da fachada, com grande sucesso. Com isso, fomos muito procurados, por pessoas interessadas.

Meu escritório desenvolveu-se bem, na companhia de meus sócios e amigos, Dr. André dos Santos Dias, Joaquim Rosa, meu cunhado e Eugenio Lemos, meu irmão.

Fomos uma vez, procurados por um casal com uma filhinha muito viva e comendo biscoito, sujou todo o escritório, pois aquele pingo de gente não parou um instante. Eles eram de cor, simples e queriam um projeto, para fazer uma residência própria, pediram o preço e eu dei de acordo com uma tabela, acharam muito alto, então propus levar, um dos projetos publicados por nós. Ele não aceitou, pois queria uma casa feita especialmente para eles, um projeto próprio. Saíram, mas momentos depois voltaram, ele com a mão no bolso e quando fui recebê-los, ele tirando a mão do bolso, tinha um maço de notas, que botando em cima da mesa, disse: faça o projeto, aqui está a importância, estipulada pelo senhor, então eu não quis receber, porque nós não recebíamos o pagamento total de uma vez e sim em diversos pagamentos. 1º na encomenda, 2º na entrega do primeiro estudo e quando aprovado este estudo e executado o projeto definitivo para a PDF receberiam o final, mas ele não aceitou e fez questão de pagar logo tudo.

Eu mesmo fui para a prancheta com muita satisfação e executei o projeto, pois fiquei entusiasmado com a atitude do homem, que sendo pela aparência simples e modesta, fez questão, de que e executasse um projeto exclusivo para a sua família. Como era bom proporcionar conforto e felicidade, para o nosso semelhante.

Resolvemos, minha firma e a Parese Construtora, concorrer para o projeto da nova sede do Jockey Club, na Av. Rio Branco. Levei então minha prancheta da minha casa para o Vale da Boa Esperança e lá eu faria os primeiros estudos, num lugar mais calmo, podendo trabalhar com mais atenção.

Depois de feito os primeiros rascunhos, ou melhor a ideia geral, o Mario Marchese e Paranhos, passaram a ir ao Vale da Boa Esperança para acompanhar o estudo.

Quando o estudo estava pronto, voltei para o escritório e com reunião de diretores do Clube e mais o Ministro Salgado Filho, acompanharam o desenvolvimento dos desenhos. Era um projeto do que o clube precisava realmente.

Depois de realizado o concurso, foi uma decepção, o projeto aprovado não respeitou as normas da concorrência, e mais fez no terreno, uma pequena rua dividindo em 2 lotes um com um prédio, de afastamentos, com saleta, quarto e banheiro, para hospedar os sócios do clube, o que tinha sido resolvido em reunião, anterior sido proibido de ter apartamento, pois os sócios morariam lá e não pagariam nada, como aconteceu em todos os Jockeys Club do mundo. Todo o nosso trabalho foi perdido.

Bem mais tarde a firma Cavalcanti Junqueira que já estava fazendo obras nas instalações do Batalhão Naval, propôs nós entrarmos junto com um projeto, o que eu argumentei que não valia a pena perder tempo, mas eles alegaram que não tinham a intenção de ganhar e sim da sua presença. Fizemos então um estudo rápido, sem gastar muito, com material caro, e sim em "cópias ozalid" simplesmente.

O resultado é que, o parecer da comissão que o projeto foi a melhor solução, mas comparando com outros de apresentação em plantas todas coloridas e nosso estava muito pobre a apresentação. Nunca mais entramos em concorrência ou concurso de projetos.

Fui convidado pelo meu bom amigo Argemiro Machado, para ir a sua "Fazenda de Santo Antônio", que começava em Itaipava e ia até Teresópolis, no bairro do Quebrafrasco.

Fiquei encantado, com o que vi, era o Vale da Boa Esperança, que tinha uma situação maravilhosa, pois era um vale com 2 rios, o Jacob que descia da pedra do Sino, onde tinha a Tapera, as casas das famílias dos antigos escravos da fazenda, e o rio Santo Antônio que vinha da Teresópolis com uma água muito clara batendo em pedras, e formando cachoeiras e piscinas naturais, era um rio bonito.

Fechamos negócio e eu e meu amigo engenheiro Otavio Mendes, passamos a subir para Itaipava toda a semana, fazendo um levantamento do local. Quando ficou pronta a abertura de ruas e loteamento, com lotes no mínimo de 50 metros de largura, colocamos água canalizada de uma nascente. Iniciou-se, então as construções de diversas casas para pessoas que tinham comprado os lotes, eu mesmo e o Mendes ficamos com cada um com um lote, como pagamento do nosso trabalho.

A primeira construção feita no Vale da Boa Esperança foi um quarto, com 3,00 x 3,00. Um pequeno banheiro e um depósito para guardar ferramentas de jardim. Com este quarto pronto, começamos a subir todos os sábados às vezes, antes, para ficarmos trabalhando no loteamento, e venda dos lotes. Mandei fazer um sofá de canto, servindo de cama para duas pessoas, mais a cama para o José Maria, que adorava, ficava o dia todo brincando com um caminhão que ele tinha, transportando terra de um lado para outro, ele tinha nesta ocasião 6 anos.

Uma ocasião estava brincando junto do poste de ferro da linha de telégrafo, quando eu olhando para os fios vi uma bola de fogo, correndo pelos mesmos. Eu fiquei parado, sem ter ação, tinha sido, no alto de Teresópolis havido um temporal e uma descarga de raio descia fio abaixo.

Muitas vezes a minha sogra subia também e nós 4 dormíamos muito bem. Levávamos sempre uma carne assada pronta, às vezes mais outras variedades de almoço, ou então íamos almoçar em Itaipava. Recebíamos os futuros fregueses que adoravam a nossa vida.

Uma ocasião estava com um sol muito quente, fazendo um calor igual do Rio. Quando chegou um automóvel cheio de senhoras que tinham ido ver o Vale para comprar um terreno. Estavam com muito calor e não queriam fazer negócio, mas convidei para entrarem no quarto, que estava uma delícia de frescura, por causa da viração, ofereci água canalizada da nascente que era muito saborosa e fresquinha, foi o suficiente para completar o negócio e começou logo uma construção da residência. Era o Engenheiro Dr. Montenegro, que ficou depois um bom amigo meu. Assim, cresceu o vale, cada vez com casas mais bonitas.

Começou a construção de minha residência de verão, depois de ter executado um projeto de uma casa colonial, com 3 quartos, projeto muito discutido com Corynthia para a satisfação nossa. Mas logo depois tive de parar, pois surgiu um senhor que queria com urgência uma casa para residência efetiva da sua senhora que estava muito doente e o médico recomendou ir para a serra e o Vale tinha tudo que ela precisava, bom clima, água pura, telefone e vias de comunicação seguras. Era o Sr. Ladiman, proprietário de uma empresa de navegação marítima. Fiz o projeto e a senhora aprovava tudo. Mais tarde quando ela já morando na casa e praticamente boa de saúde, me chamou e disse que quando o marido levava o projeto para ela ver, aprovava tudo, pois não tinha esperança de viver mais, mas agora queria fazer diversas modificações, para ampliar a casa, até um solário para ela exclusivo, já que tinha recuperado a saúde.

Acabei então a construção da nossa casa que ficou muito bonita, com azulejos coloniais legítimos, comprados em demolições.

O terreno era muito ruim para um projeto, pois passava nos fundos além do rio, a antiga estrada que ia para Teresópolis, tinha uma outra estrada que cortava o terreno em diagonal e era uma comunicação do lote do leito do Vale, formando um triângulo, o qual existia uma depressão do terreno, que no período das chuvas ficava cheio d'água e local era conhecido como o lago, que eu mantinha com uma boa bomba. Enchia de água do rio.

A Corynthia adorava, pois ela gostava de plantas e árvores frutíferas que nós mesmos plantávamos. Era a felicidade completa dela mexendo e plantando roseiras e outras flores e criando então o nosso bonito jardim que tinha 80 x 80 de extensão.

Projetei muito mais residências de campo no Vale, como a do Sr. Carlos Santo, em estilo europeu e de acordo com sua origem, o proprietário que é um bom pinto, decorou com paisagens típicas nas paredes e nas vigas do madeiramento do telhado com flores. Assim projetei a Parese Construtora dos meus amigos Marchese e Paranhos que construíram a primeira etapa do Vale da Boa Esperança, a segunda etapa margeando o rio Santo Antonio foi feita pelo filho do proprietário Sr. Argemiro Machado.

Sr. Santó, comprou mais um lote junto ao seu, ampliando a área de jardim que ele mesmo estudou e executou tornando-se um especialista e passou a todas as novas residências a oferecer seu serviço com o fornecimento de plantas graciosamente.

Projetei mais a casa do A. Santos Oliveira, a do Dr. Alberto Coutinho e do Engenheiro Barata.

A última que projetei, foi a do meu amigo Adolpho Basbaum, com mais de 1.000 m² de área construída. Ele me chamou para reformar 2 casas de um terreno na estrada União Indústria, próximas à Cascatinha.

Eu que já tinha projetado a sua residência na Urca, em estilo moderno mas com motivos clássicos, até de estudar as suas lojas Brasileiras, em todo o Brasil.

A primeira coisa que fiz, foi olhar as casas vizinhas, de um lado, junta a cerca era uma criação de porcos e do outro um enorme galinheiro, isto manteria um constante enxame de moscas. As casas eram muito simples e pequenas, para fazer o programa que queria.

Procurei, então, convencer o Basbaum a não perder tempo e dinheiro ali e sim ir para o Vale da Boa Esperança, o que consegui. Ele comprou então um lote no Vale e mais uma área que ia do rio Santo Antônio até o alto onde passara a estrada Teresópolis. A casa tinha cerca de 1.000 m² mais a casa do caseiro junto ao portão de estrada, piscina e mais outras pequenas construções para empregados.

O living era envidraçado dos dois lados, um dava vista e ruídos das águas nas pedras em pequenas cachoeiras, do outro lado dava para um gramado com mais de 100 metros de extensão. Era um sonho. Ele que todos os anos fazia uma viagem à Europa ou EEUU e outros lugares, e depois passou a ficar somente no Vale.

Esta imensidão de terreno e casa ele deu o nome de "Peteleco".

Projetei uma residência no Beng, em Petrópolis, de propriedade de Octavio Gomes. O terreno não era fácil, era uma parte baixa alagadiça e subia em todos os três lados formando como o que um anfiteatro. Tinha nascente em todos os cantos. O proprietário, queria colocar a casa no alto do lado direito, porque tinha vista para uma cascata e para o caminho que se chegava ao terreno.

Mostrei que não era o lugar ideal, porque a vista para o caminho dava para um depósito de lenha e carvão com diversos caminhões em conserto que além de frio era muito barulhento. Fiz o projeto, localizando a casa no centro do anfiteatro, dando para o alagadiço, que depois de limpo e tirado um pouco de terra, ficou um lago muito bonito. A casa ficou na encosta do morro e com 2 pavimentos, o primeiro com a parte social e o segundo com além de uma sala íntima, os quartos e banheiros. Ficou muito vistosa e bonita, a casa, depois de pronta.

Bem mais tarde a firma Cavalcanti Junqueira que já estava fazendo obras nas instalações do Batalhão Naval, propôs nós entrarmos junto com um projeto, o que eu argumentei que não valia a pena perder tempo, mas eles alegaram que, não tinham a intenção de ganhar e sim dar a sua presença.

Fizemos então um estudo rápido, sem gastar muito com material caro, e sim eram cópias Ozalid simplesmente.

O resultado é que o parecer da comissão que o projeto foi a melhor solução, mas comparando com outros de apresentação em plantas todas coloridas o nosso estava muito pobre.

Nunca mais entramos em concorrência ou concurso de projetos.

MAIS DOIS RAPAZES ENTRARAM EM NOSSA FIRMA

Uma ocasião convidei meu bom amigo Armando Gomes para passar um fim de semana na minha casa, no Vale da Boa Esperança, em Itaipava.

O Gomes tem um bate papo muito variado, pois ele em todas as suas férias viajava muito para todo o Brasil e mesmo a Europa.

À tarde estávamos sentados na varanda e o Gomes falava sobre uma viagem deles e o nosso gatinho "biriba", como sempre era muito vaidoso, começou a passear entre nós com um passinho lento e elegante, de um lado para o outro, rabo em pé e arrepiado, mas meu amigo Gomes não prestava atenção, até que quando o "biriba" viu que não adiantava nada fazer aquele desfile de elegância, deu um pulo e foi para seu colo, dando um susto no meu amigo.

O Gomes tinha diversos filhos. Entre eles dois rapazes, o Homero e o Everardo que ele pediu para irem para o meu escritório para praticarem desenho, pois os dois gostavam muito de desenhar.

Realmente no fim de alguns meses os dois tornaram-se dois bons desenhistas, o qual aproveitei para o meu escritório.

O Homero anos depois entrou para a Escola de Engenharia, formando-se em engenheiro e montou, na Raiz da Serra/Petrópolis uma pequena indústria de estruturas metálicas e conseguiu com o tempo ampliar e hoje são seus dois filhos que estão administrando a empresa.

O Gomes um dia levou o envelope com o meu ordenado, e por brincadeira colocou no abajour junto a lâmpada da mesa de desenho.

Eu não estava na sala, quando voltei vi logo o envelope. Tirei o envelope e fui até a sala do Gomes e comuniquei que tinha acendido a lâmpada e o envelope tinha se queimado. Ele deu um pulo e correu para minha sala.

Como se vê, meus negócios, minha vida era 100% de felicidade, pois eu amava a natureza, amava o céu, amava as nuvens, amava o mar, as montanhas, as árvores, o vento que dava vida às mesmas, parecendo que elas conversavam, ou se cumprimentavam, e tudo isto, estava a nossa disposição.

NOSSA VIDA MUDA DRÁSTICAMENTE

Até que houve uma "explosão" no meu lar, demolindo tudo de mais belo que nós vivíamos, nós amávamos. Nós adorávamos a nossa vida íntima.

Foi em uma quinta-feira, véspera de Carnaval de 1952. Subi para o Vale, para encontrar o meu ar feliz, minha Corynthia, meu José Maria, seus amigos e minha irmã, que estava passando uns dias conosco.

Na viagem, como sempre ia pensando, tanto felicidade que eu tinha, devia acabar um dia. Não era possível durar sempre e sem saber esta felicidade, iria durar poucos dias.

Como sempre, parei em Petrópolis para fazer compras, carne, pão, rosca doce na padaria das francesas, biscoito etc... e segui para o Vale da Boa Esperança.

Ao chegar em casa, os três entes queridos: o gatinho que vinha, se esfregar nas minhas pernas, o José Maria e a Corynthia não vieram me receber. Parei o carro e o caseiro veio apanhar os embrulhos. Foi então que Corynthia apareceu, e comunicou que o José Maria estava doente, tinha passado a noite com muita febre e uma dor forte, na nuca e no cóccix. Fui imediatamente para o seu quarto e o encontrei com febre. Passamos o dia todo tentando com remédios caseiros, fazer diminuir a febre. O José Maria sempre foi muito sadio, nunca deu trabalho com doenças graves, naquela noite a febre aumentou e então resolvemos descer para o Rio.

Ao chegar telefonei para o seu médico Dr. Pimentel e ele indo em minha casa, achou que José Maria estava muito queimado do sol, podia ser a causa da febre, mas quando no dia seguinte se levantou para ir ao banheiro e quando voltava caiu no corredor, sem força nas pernas.

Imediatamente, como a poucos dias antes tinha lido na Revista Seleções um artigo sobre a paralisia infantil liguei o caso do José Maria, ao que eu tinha lido. Corri ao consultório do seu médico e contei o que se tinha passado e o que eu imaginava que fosse, pois a paralisia infantil dá ideia de uma gripe muito forte e depois a pessoa começa a perder força muscular, começando pelas pernas.

Nesta ocasião não havia ainda a vacina contra a poliomielite.

Foi uma coisa incrível, sábado de carnaval não existem mais médicos no Rio. Fui a diversos consultórios, todos estavam fechados até que depois de muito procurar encontrei um em Botafogo que estava com o carro na porta, pronto para ir para Petrópolis.

Era um senhor idoso de cabeça branca, que prontificou-se em ir no meu apartamento, na Rua Conde de Bonfim, 113 ap. 801. Perdoem leitores, eu não me lembro do seu nome.

Examinou meu filho e confirmou: era a Paralisia Infantil e na fase que estava não podia fazer nada, era só rezar e esperar o final quando a febre passasse, pois só tinha dois finais ou morrer ou ficar "aleijado" para o resto da vida.



Cidade do Rio de Janeiro - Carnaval de 1952
Ninguém estava preocupado com doença - Só diversão !



Este médico mandou fazer aplicação de Raio X profunda na coluna onde doía. Levamos José Maria em uma cadeira carregada por mim e meu irmão, até o consultório do Dr. Osolando J. Machado, que mais tarde confessou, em toda a sua carreira, nunca tinha ficado tão emocionado ao ver meu filho, um garotão bonito e forte ser atingido desta maneira.

Quando foi confirmado a paralisia infantil, telefonei para o Vale da Boa Esperança e falei com o Dr. Coutinho para que ficasse de sobre aviso.

Era Sábado de Carnaval e o rádio só tocava musicas adequadas à época. Eu e meu filho acompanhávamos com batucada e cantando, muitas vezes tinha que virar de costas para ele, para enxugar as lágrimas que corriam sem eu poder detê-las e assim José Maria ficou sambando até que não tinha mais movimentos nos braços, pois a paralisia estava subindo implacavelmente.

Quando meu filho dormia eu e Corynthia caíamos no desespero e chorávamos abraçados, aquela mulher que eu tanto amava procurava me dar força e eu a ela, mas no final era sempre o mesmo, chorar, chorara e chorar.

Eu ia para o nosso oratório e rezava pedindo a Deus Todo Poderoso, que tirasse de mim os movimentos e colocasse no José Maria, eu não me incomodava de passar o resto da vida, paralítico sobre uma cama.

Isto era uma brutalidade tal que não existe palavras para descrever. Eu não podia atinar com tal situação, como é que José Maria, um garoto, que nunca nos deu um desgosto, ele era bom, estudioso, amigo de todos que conheciam, podia estar passando por tudo isso.

Quando passava um cordão carnavalesco, todos alegres, cantando eu ia para a janela e ficava chorando, para que José Maria não ver, como era difícil viver assim, mas era a realidade brutal que nós passávamos.

A minha irmã Guiomar e a prima da Corynthia, a Doca, passaram a ficar o dia todo na minha casa, e durante o dia forçavam a nós, eu a Corynthia, a ir dormir um pouco, pois a noite nós passamos junto do nosso querido filho.

Mas isso era impossível. Não conseguíamos dormir a não ser quando o cansaço e o esgotamento chegavam. Assim dormíamos alguns minutos, tendo então pesadelos, vendo o nosso filho montando a cavalo, jogando vôlei e futebol e até velejando no nosso barco em Paquetá e passeando com as meninas do Vale da Boa Esperança.

Mas ó decepção, quando acordávamos a realidade era bem diferente, José Maria continuava imóvel na cama.

Vinte e quatro horas depois de ter cedido a febre de acordo com a indicação médica, levamos José Maria numa ambulância, para o hospital indicado também pelo médico, mas foi um desastre pois o José Maria assim como eu, não sabíamos comer sem ter carne e o tal hospital era vegetariano. Passei então a diariamente levar pão e presunto para nós comermos, mas para tal tinha que driblar as enfermeiras que queriam abrir o embrulho que levava o que eu não consentia.

Terminado o Carnaval, o meu amigo Dr. Alberto Coutinho pediu ao seu colega Dr. Oswaldo Pinheiro Campos para fazer uma visita ao José Maria.

Muitas vezes eu e às vezes a Corynthia também ficávamos horas e horas em pé ao lado da cama do José Maria a contemplarmos o nosso querido filho, quando ele dormia e ficávamos ali pensando como a vida tinha dado uma reviravolta tal que achávamos que era um pesadelo. Era uma grande mentira o que estávamos assistindo, muitas vezes com lágrimas correndo no rosto e lembrando o José Maria correndo quando criança, sempre em movimento brincando e como foi pouco a pouco, perdendo todos os movimentos, primeiro as pernas, depois os «intercostais» de hora em hora, mexia menos assim. Foram os braços, os dedos das mãos, que ficaram desencontrados. Parecia uma grande mentira, mas era a realidade.

Meu Deus! porque este castigo tão brutal, tão doloroso, o que tínhamos feito de errado para ser atingido por tal situação.

Meu Deus porque atingir o José Maria e não a mim, mesmo com a consciência de que nunca tinha cometido nenhum ato que merecesse tal castigo. Sempre procurei ser amigo de todos. A Corynthia também sempre foi boa e humana. Amávamos nosso filho querido, acima de tudo. Ele era para nós a nossa vida, o nosso motivo de vivermos. Eu e Corynthia não acreditávamos no que estávamos assistindo. Isto não era verdade. Parecia que era um pesadelo mesmo nós estando acordados. Isto era uma grande piada sem gosto.

O médico, Dr. Oswaldo Pinheiro Campos, foi então no hospital e como todos sabem que o conhecem a simpatia dele, conquistou o meu filho e a nós, eu e minha mulher.

Depois de examiná-lo, me disse, o José Maria tinha sido muito atingido pelo vírus sem saber o que acontecer a ele, não podia prever, ele podia nunca mais sair da cama, talvez, ficar andando em cadeiras de rodas, ou de muletas, ninguém podia garantir nada, somente o tempo que podia resolver, mas seria uma coisa para muitos anos e que ele devia sair do hospital e voltar para casa, seria melhor para ele que poderia receber com mais facilidades, amigos e para mim, porque seria uma despesa grande além de desajustar a nossa vida, e ele iria arranjar um massagista para atender o José Maria.

Se assim ele falou, eu no mesmo instante procurei a administração e comuniquei a minha resolução de voltar para casa. Foi uma bomba. Eu que nunca tinha conhecido o diretor do hospital, este me procurou e tentou me convencer de ficar mais algum tempo, pois o caso era conhecido como um paciente que iria demorar.

Foi uma situação desagradável, porque ele defendia o interesse do hospital, prometendo até que o José Maria em todas as refeições, receberia um bom bife e eu. Defendia o interesse do único filho, que já tendo sabido da saída do hospital e isto pesou mais na minha decisão e imediatamente providenciei a vinda de uma ambulância para levar o José Maria para casa.

Quem mais gostou disto foi o seu amigo gatinho e adorou estar outra vez junto do meu filho.

Dias depois apareceu em casa indicado pelo Dr. Oswaldo Pinheiro Campos o Sr. Manoel Cruz. Era um senhor de cabeça branca, alto simpático que tornou-se logo amigo do José Maria. Ele não dispunha de tempo. Estava com os seus horários de trabalho completo. Foi quando então ofereci o transporte no meu carro para ganhar tempo na condução, assim chegamos a um resultado positivo.

Começou o tratamento todos os dias. Ele telefonava onde estava e eu ia buscar e depois levar aonde ele quisesse.

Assim passamos oito meses de atividade a favor do José Maria, cada vez que o Sr. Cruz ia em casa Corynthia, fazia um bolo para tomar com café, passando a ser um grande amigo nosso.

Tudo que o Sr. Cruz falava que seria bom para o José Maria, eu imediatamente fazia assim. Fiz uma banheira de chapa de ferro galvanizada com 2,00 x 9,00 x 0,60 e com dois canos todo furado e preso no fundo da banheira que ligados por uma mangueira a torneira de água quente eu enchia e esvaziava.

Assim passou o José Maria a fazer a hidroginástica em água quente diariamente e mesmo depois quando o Sr. Cruz passou a não or diariamente.

PRECISANDO DE DINHEIRO PARA FAZER PISCINA EM CASA

Meu filho tomava seu banho, que eu e Corynthia o colocávamos dentro da banheira por intermédio de uma maca que mandei também fazer.

Assim eu na minha tosca carpintaria que tinha no pavimento duplex, fiz uma paralela, mesa para ginástica, trilho no teto, foi o primeiro Ginásio de Reabilitação feito no Rio.

Fiz com arame grosso e elástico para colocar na mão do José Maria fazer exercícios com os dedos e então eu jurei de que o que tinha feito pelo meu filho, faria também pelos filhos dos outros.

O resultado foi tão bom, que no fim dos oito meses providenciei uma cadeira de rodas para ele, e pedi ao meu bom amigo Laritz Lachman que tinha uma companhia de navegação trouxesse dos EEUU uma cadeira, e assim ele fez dias depois. Veio num navio dele no camarote de um passageiro a cadeira para José Maria.

Esse tempo todo pouco frequentava o meu escritório, pois quando ia, não conseguia projetar, não tinha tranquilidade e idéias para tal, e apesar dos meus amigos engenheiros Nilo Colona dos Santos, Haroldo Junqueira e André Santos Dias, se batiam para eu voltar ao trabalho, que mais do que nunca José Maria precisava de ter renda para viver.

Depois de algum tempo fui aos poucos voltando a ter atividade no escritório.

Projetei então grandes igrejas: a Santa Margarida Maria, na Fonte da Saudade e de Cosme e Damião, em Mosela - Petrópolis, e como sempre eu convencia os padres a fazerem um subsolo onde colocava, salas de estudos, gabinetes médicos e dentário.



Igreja Santa Margarida Maria - Fonte da Saudade / Lagoa Rodrigo de Freitas, em 1960.

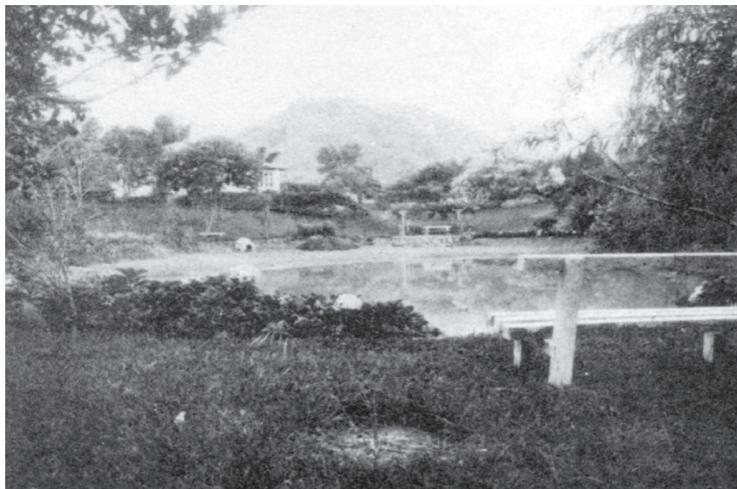
Projetei também o Parque Ipiranga, na Av. Ipiranga, em Petrópolis, que ficou muito bonito pois era um amplo jardim com quatro edifícios com fachadas diferentes, piscinas e salão de festas da organização do Banco Lowndes.

Voltando então ao que estava escrevendo, eu não dispunha de dinheiro para tal, então fui ao meu bom amigo Adolpho Basbaum e pedi que ele me ajudasse, o que ele fez imediatamente e na cavidade que já existia no terreno, formando um lago, eu mandei esvaziar e concretei o fundo e as paredes laterais transformando o lago em uma piscina respeitável com um formato irregular, medindo tinha uns 40 metros por 30.

A concretagem levou um dia mais uma noite toda e mais meio dia, e eu de vez enquanto ia ajudar a virar concreto, a distribuir pão com mortadela, e copos de cachaça, conforme eles pediam.

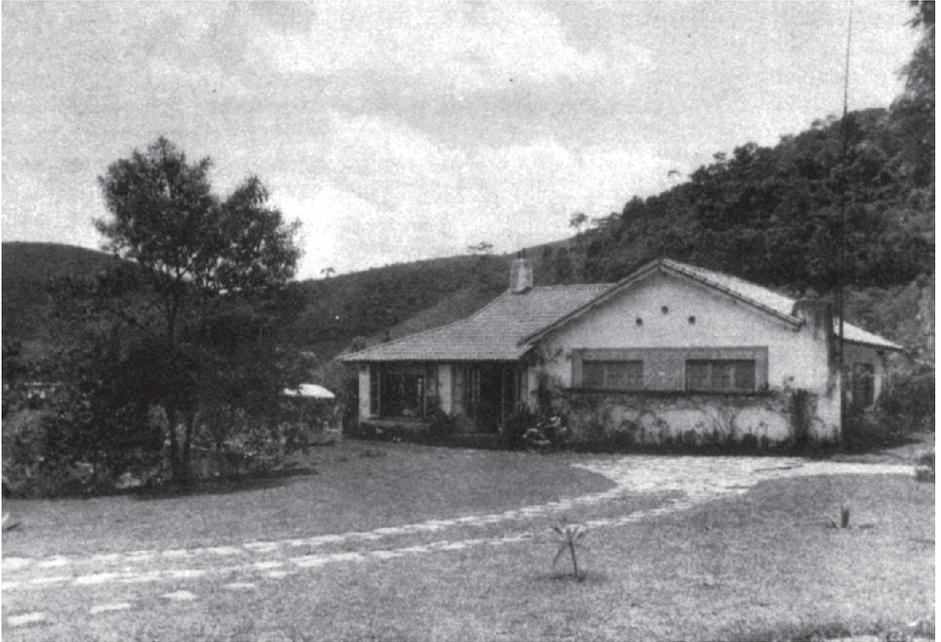
Assim que ficou pronta e o cimento secado, passamos a pintar com tinta apropriada para piscina, neste trabalho todos os amigos e amigas do José Maria, que tinham casa no Vale ou mesmo de fora, pintaram tanto o concreto como as mãos, o rosto e a roupa.

A tinta não deu para pintar tudo, por erro de cálculo, ou pela grande técnica dos brochadores, que não puxavam o suficiente para a tinta render mais. E assim foi feita a piscina-lago para o José Maria e seus amigos.

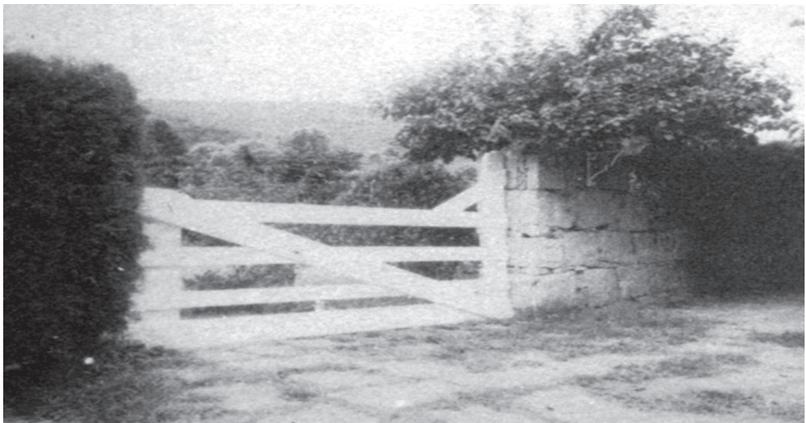


Na foto acima, a piscina que serviu de fortalecimento da musculatura de José Maria.

Depois de cheia com água do Rio que passava nos fundos do meu terreno, fizemos uma festa de inauguração, que tinha mais ou menos cinquenta garotos dentro dela. Teve coca-cola, sanduíches, empadas, etc. para a alegria de todos.



Meu doce lar! Vale da Boa Esperança / Petrópolis - RJ, em 1950.



Entrada da minha casa

Mais tarde, o José Maria, com uns 22 anos e trabalhando no meu escritório no Ed. Darke, sala 901, acabado o expediente, nós descemos para ir para casa, quando chegamos no térreo havia uma correria grande, estava pegando fogo numa relojoaria. Corri e peguei um cabineiro de elevador e subimos ao nosso pavimento para apanhar um extintor de incêndio, descemos rápido. Quando dei o primeiro jato de líquido, os vidros das vitrines e prateleiras explodiram, pois estavam muito quentes e o líquido era frio. Em poucos minutos apagamos o fogo e quando os bombeiros chegaram, praticamente não tiveram que fazer nada, como se vê mereço uma medalha.



José Maria em nosso Escritório no
Edifício Darke - 9º andar.
Trabalhando em nossa empresa.

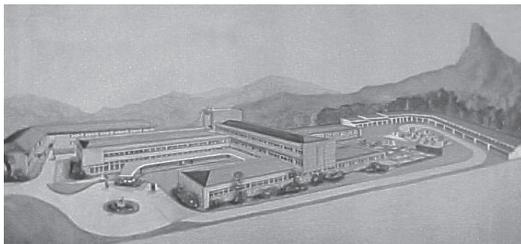


Edifício Darke, Av. Treze de Maio, nº 23 - 9º andar
Centro do Rio de Janeiro / RJ - Brasil
(ao lado do Teatro Municipal)

Capítulo 2

Nasce o Primeiro Centro de Reabilitação do Brasil

Origem e Formação da Benemerita Instituição ABBR - Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação, a partir da doença de José Maria (filho do Fernando Lemos), em fevereiro de 1952.



Transcrição do artigo do Jornal

O GLOBO de 9/4/1956

O PRIMEIRO CENTRO DE REABILITAÇÃO DAS VÍTIMAS DA PARALISIA INFANTIL

Funcionará, dentro de noventa dias, na Rua Conde de Bonfim, sob a Orientação de Médicos e Patrocinado pela Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação - Senhoras da Sociedade formam o Corpo de Voluntárias da Associação e lançam a Campanha pela obtenção dos meios para Instalar o Centro - Concurso de Técnicos, homens de negócio e militares.

(na foto: Sr. Fernando Ielhy de Lemos, vice-presidente da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação, mostra às duas voluntárias, Sras. Sydney Murray e Celso Rocha Miranda, o plano geral das instalações da casa onde funcionará o primeiro centro de reabilitação.)

⇒ A ABBR foi fundada em 05 de agosto de 1954.

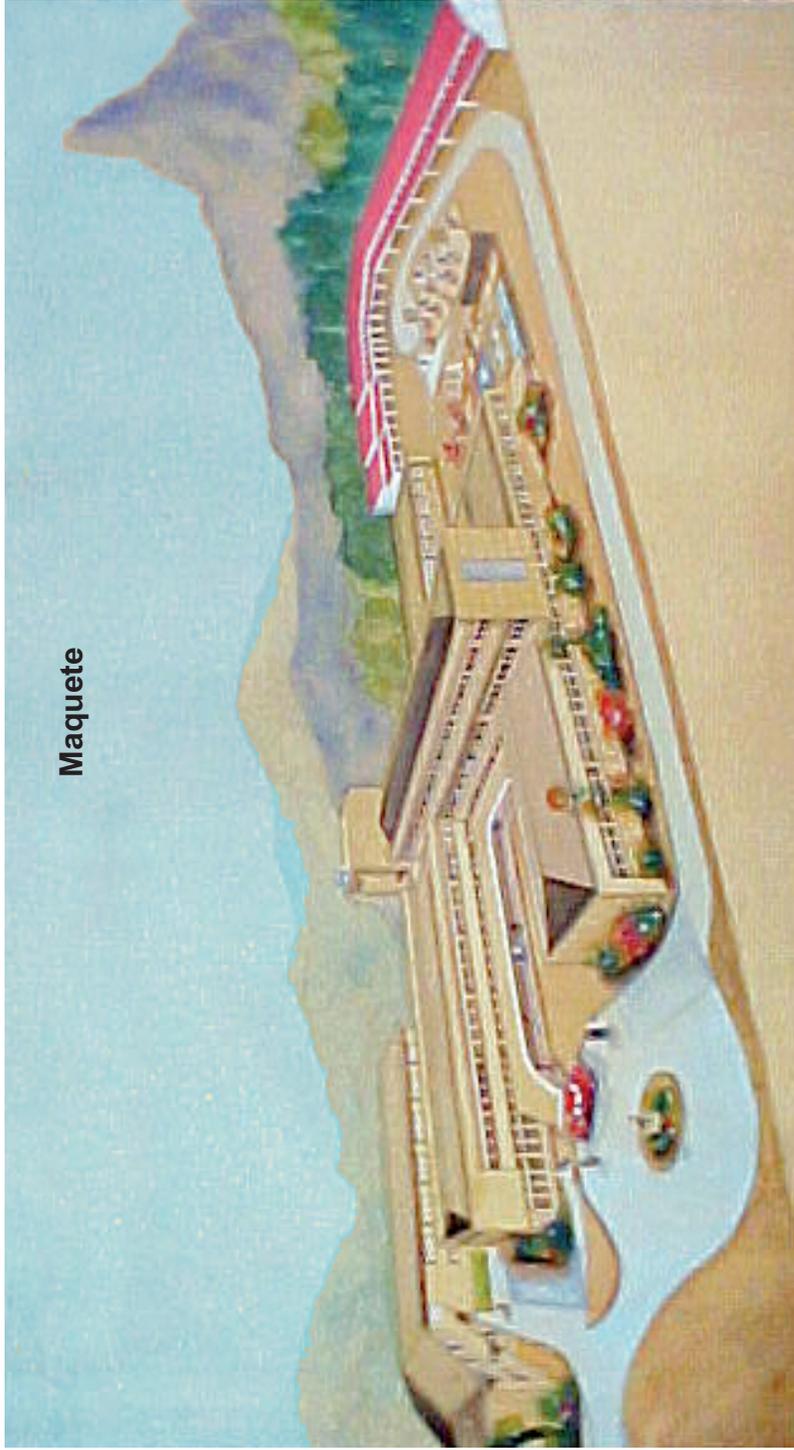
⇒ O Centro de Reabilitação da ABBR foi inaugurado em 17 de setembro de 1957.

Na organização do Processo de Reabilitação no Brasil, a ABBR consta no artigo 53 da Lei nº 3.807 de 26/08/1960 e nos artigos 170, 171 do decreto 48.959-A de 19/9/1960 (que dispôs sobre a Lei Orgânica da Previdência Social).

“Artigo 171 - parágrafo VIII - a realização de determinadas fases do processo de reabilitação profissional poderá ser feita em setores especializados de hospitais, sanatórios e casas de saúde, quando for conveniente, ou ainda, contratada com a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), consoante o disposto no parágrafo único do art. 53 da Lei Orgânica da Previdência Social...”

Assinada pelo Presidente Juscelino Kubitschek”

Maquete



Centro de Reabilitação da
A.B.B.R. - Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação,
idealizado e desenhado por Fernando Ielhy de Lemos, na década de 50.

HISTÓRIA DO CENTRO DE REABILITAÇÃO

Comecei a trabalhar para fundar no Rio de Janeiro o primeiro Centro de Reabilitação em 1952. (5)

A primeira pessoa que falei foi o meu amigo o Dr. Alberto Coutinho. Eu me lembro bem. Ele veio tomar banho na piscina e depois como sempre fazia, nós sentávamos nos degraus da varanda e bebendo uma aguardente especial que o Sr. Lachman, trazia de uma fazenda que ele tinha e me dava sempre algumas garrafas.

O Dr. Coutinho então me disse: Você vai ficar com o nome na história da medicina no Brasil se conseguisse realizar o seu plano. Naquele mesmo dia reuni o José Maria e a Corynthia e expus o meu plano, porque já que meu filho não queria que eu vendesse meus imóveis: o Apartamento duplex, o Escritório no Edifício Darke e a casa de campo no Vale da Boa Esperança, pois tinha realizado isto tudo com grande esforço.

No Brasil não havia nada sobre Reabilitação. E nós traríamos a reabilitação para o Brasil.

Naquela semana mesmo procurei o Dr. Oswaldo Pinheiro Campos e apresentei meus planos, que ele apoiou imediatamente e combinamos que todas as sextas feiras faríamos reuniões à tarde no meu escritório, no Edifício Darke, no 9º andar - conjunto 901, onde eu tinha um salão com uns 6,00 x 6,00, todo forrado nas paredes de jacarandá e com dois lustres de cristal.



Dr. Oswaldo P. Campos

Convidei a diretoria de Cavalcanti Junqueira, o Dr. Nilo Colona dos Santos, Haroldo Junqueira, Carlos Winischoyk, Francisco Assis. Também convidei mais alguns amigos como: Francisco Magalhães Castro, Dr. Mario Marchese, José Maria Almeida, Dr. André Santos Filho, Dr. Alberto Coutinho e mais outras pessoas além do José Maria e da Corynthia.



Dr. Mario Marchese

(5)* Por verificação das datas pelos organizadores desta publicação pressupõe-se que Fernando Lemos iniciou o projeto da ABBR no final do ano de 1952, trabalhando integralmente nisto até agosto de 1954, congregando pessoas e documentação.

Na hora certa o Dr. Oswaldo Pinheiro Campos chegou trazendo mais dois médicos que infelizmente não me lembro do nome e começamos a reunião. Eu expus as minhas idéias e o Dr. Oswaldo explicou aos presentes o que era um Centro de Reabilitação e com sua grande simpatia convenceu a todos os presentes o interesse humano de tal empreendimento e então acertamos as bases para a criação de um estatuto, sendo então confirmado para a semana seguinte novas reuniões e tendo sido então enviado para a imprensa nota de tal acontecimento convidando aos interessados a comparecerem às nossas reuniões.

Secretariado pelo José Maria, os estatutos foram sendo executados pelo Nilo Colona dos Santos, José Maria Almeida, Pedro Paulo Lacerda que lendo no jornal a notícia, tinha nos procurado pois era um deficiente físico também e procurando saber aonde era realizada as reuniões, quando este estava no salão, e indicaram justamente o José Maria, que também estava no salão

cortando o cabelo, que terminado o serviço, subiram juntos para falar comigo. Foi a primeira vez e uma das melhores aquisições obtidas para estas reuniões.



Nilo Colona dos Santos

Era um advogado, aposentado do Banco do Brasil, um homem de grande capacidade de trabalho e com muito boa vontade de ajudar na realização do empreendimento, pois conhecia na própria carne as dificuldades para vencer. Mais tarde ele fez parte da diretoria como diretor secretário, até que alguns anos depois a sua saúde não permitia mais comparecer.

Nesta ocasião, tinha unido a nós um senhor muito ativo que se oferecia para fazer qualquer tarefa na rua, em Ministérios, Empresas e outras mais. Foi quando Haroldo Junqueira chamou minha atenção, pois este senhor era um comunista ``fixado`` na polícia, e então passamos a não mais dar serviços a ele, e compreendendo naturalmente a situação acabou se afastando.

E assim fomos fazendo diversas reuniões, procurando diversos ramos de profissões, como militares, advogados, presidentes de grandes organizações assim como médicos, que a maioria não acreditavam em reabilitação.

Até quando os estatutos prontos, eu resolvi procurar o Sr. Charles Murray, que tinha um filho que andava numa cadeira de rodas especial, quase deitado e via tudo, através de um espelho.

Era muito conhecido, pois frequentava partidas de futebol e teatro, etc. Mas o Sr. Charles estava nos EEUU em viagem, mas chegaria breve.

Mas infelizmente os jornais davam a notícia de seu falecimento. Passado então mais ou menos um mês, procurei na companhia do José Maria o seu filho (Percy Murray) que vivia numa cadeira de rodas, no seu escritório, na Av. Rio Branco.

Apresentei nossos planos e convidei para ele ser o presidente da nosso Centro de Reabilitação, o primeiro a ser organizado no território nacional.

Pedi então a ele para conhecer os estatutos, o qual nós mandamos imediatamente e ele depois de ter estudado e passado a um seu advogado para dar o parecer, assinou o estatuto e marcou uma reunião na sua residência na Av. Oswaldo Cruz.



Charles Murray (pai de Percy)

Foi nesta ocasião que soube que Charles Murray (o pai de Percy) tinha pedido a Jorge Faria para fundar um Centro de Reabilitação no Rio, mas de acordo com o que Dr. Jorge Faria me disse ele tinha praticado dois erros, o primeiro queria aproveitar uma área de terreno no Realengo, junto a Serra de Piraquara que era muito longe de qualquer comunicação, e segundo nunca parou um instante seus negócios para executar tal programa.



Percy Charles Murray - 1º Presidente da ABBR

Nesta reunião estavam presentes, além do Percy, seus dois irmãos, Sidney Murray e sua esposa Marisa Murray, Jorge Faria, Oswaldo Pinheiro Campos, Fernando Iehly de Lemos, José Maria de Almeida e José Maria Lemos.



Sidney Murray



Marisa Murray

O Percy não queria aceitar a presidência, achando que não podia devido a situação e atender as necessidades de ação. O José Maria de Almeida que estava sentado ao meu lado insistia que eu devia ser o presidente, pois até agora tinha feito tudo para a fundação da instituição, mas eu não queria ser o presidente e sim uma pessoa que produzisse mais efeito.

Depois de mais algumas reuniões no seu escritório, e nas residências de Sidney Murray, ele então concordou, desde que eu ficasse atendendo as necessidades do funcionamento da organização, o qual eu concordei.

Nesta ocasião, procurei o meu amigo Mário Cerne, um advogado de grande capacidade. Fiz exposição dos planos e ele aderiu. Somente queria ler os estatutos e trocar idéias com sua mãe que não concordava, pois nós tínhamos, nos estatutos uma cláusula que dizia que nós não tínhamos, crédito político, religioso, ou raça, para nós todos os pacientes eram iguais, o que ela discordou dizendo que a organização devia ser religiosa.

Procurei então o Monsenhor D. Pedro Massa que estava na catedral, na praça 15 de novembro. Ele que constantemente me procurava, no meu escritório para fazer uns desenhos bonitos e coloridos de escolas, orfanatos, asilos no norte do Brasil para crianças pobres e apresentava ao Presidente Vargas para conseguir verbas para construção e montagem.

Dom Pedro Massa estava muito doente, assim mesmo me recebeu e fez a pergunta, se estávamos errados na nossa organização de nos estatutos dizer que nós não tínhamos credo, político, religioso e raça. Ele apoiou e disse que nós éramos os verdadeiros católicos.

Marcado para a reunião da fundação dia 5 de agosto de 1954, no Auditório da ABI com uma presença grande na assistência.*

Poucas horas antes, Mario Cerne me procurou para comunicar que sua mãe tinha aderido ao nosso empreendimento, pois seus padres orientadores tinham lido os estatutos e também achavam que nós éramos os verdadeiros católicos, assim Mario Cerne passou a ser um dos futuros diretores.

A cerimônia demorou a ser realizada pois estávamos esperando a presença do Deputado Carlos Lacerda dos representantes do Prefeito, dos Ministros do Exército, Marinha e Aeronáutica, dos Ministros da Saúde Pública e outros que nós tínhamos mandado convites. Assim como a imprensa falada e televisionada e escrita. Foi quando depois de algumas horas de atraso soubemos do assassinato do Major Vaz, que ocasionou um atraso geral.

Depois da chegada de alguns representantes dos mencionados acima, o Dr. Francisco Magalhães de Castro, tomou a presidência da mesa e depois de esclarecer o atraso, convidou-me para fazer parte da mesa, mais Percy Murray, José Maria Lemos, José Maria Almeida, Oswaldo Pinheiro Campos, Jorge Faria e outros mais e em poucas palavras abriu a seção e passou a palavra para mim. (6)

Eu que nunca tinha me metido em situação semelhante, tinha escrito um ligeiro discurso mais achei que não devia ler e sim falar do próprio coração, o que estávamos fazendo e a realidade da vida.

Falei, falei, falei. Eu sei que muita gente chorou naquele momento e quando acabei fiquei admirado do que tinha feito, pois todos de pé bateram palmas para mim.

Oh Deus! Como você me ajudou! Sentei também chorando de emoção!

(*) O grifo é dos organizadores.

(6) Discurso disponível no capítulo 4 deste livro.

Enquanto isso acontecia, eu só olhava para meu filho na cadeira de rodas e para a Corynthia, que estava sentada na primeira fila me apoiando junto a sua irmã e irmão. Depois também falaram Percy Murray, Mario Cerne, Oswaldo Pinheiro Campos e também Jorge Faria.

Estava fundada a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação - A.B.B.R.. Assim como as Legionárias que iriam colaborar na Administração da A.B.B.R., organizando festas, "avan première", e outros meios para arranjar verbas para podermos trabalhar. Assim como serviços internos.*

Mais tarde foi fundado também a Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro para formação de Fisioterapeutas e Terapeutas Ocupacionais, sendo esta organizada pelo Dr. Jorge Faria, ficando ele como presidente da escola.



Formatura da Primeira Turma em 1961. Discurso de Fernando Ielhy de Lemos.

A TV Tupi, a única existente naquele tempo, nos ofereceu um programa semanal para divulgarmos o nosso trabalho assim como aderiram ao mesmo as pessoas interessadas. Este programa foi orientado pelo Fernando Garcia e Aydeé Miranda, e sempre presente a cantora, bonita e simpática Pocita Gonçalves que tinha sido vítima da paralisia infantil quando criança. Às vezes levávamos crianças do Hospital Jesus, em Vila Isabel e outras vezes levávamos médicos ou diretores da A.B.B.R., e fomos acumulando prestígios.

(*) O grifo é dos organizadores.

Durante dois anos a secretaria da A.B.B.R. e da Escola de Reabilitação funcionaram dentro do meu escritório. Às vezes quando não arranjavam salas disponíveis para as aulas, estas eram dadas no meu escritório, com alguns alunos sentados no chão, e assim começou a funcionar a A.B.B.R., com muito esforço e mesmo sacrifício de todos para vencermos as dificuldades.

Mas nós tínhamos que vencer estas dificuldades pois a causa era justa e humana e todos estavam sinceramente prontos aos maiores sacrifícios.

Às vezes chegava um freguês para fazer um projeto e a sala principal do meu escritório estava cheia de alunos, pedíamos desculpas mas esclarecíamos o que estava havendo e todos concordavam com a situação.

Foi quando então eu soube da chegada ao Rio de Janeiro do Dr. Hilton Baptista, que estava fazendo no Canadá um estágio num Centro de Reabilitação. Mandeí convidá-lo para passar um domingo na minha casa do Vale da Boa Esperança. Assim vim a conhecer este competente médico. Passou um dia conosco em Itaipava, ele a senhora e o seu filho ainda pequeno.

Conversamos o dia todo sobre o assunto: Reabilitação, e convidei para ser o diretor da parte médica da A.B.B.R., ele negou, não podia aceitar, pois nós tínhamos na nossa organização médicos de grande gabarito como Oswaldo Pinheiro Campos, Jorge Faria e outros mais, mas eu não concordei porque estes médicos de renome não tinham a prática que ele tinha, pois frequentava um Centro de Reabilitação muitas vezes, vivendo diariamente todos os problemas, e como era eu que tinha nas mãos o funcionamento do Centro não aceitei as suas justificativas, entrando assim Hilton Baptista para a A.B.B.R.

Os nossos médicos não consentiam que nós funcionássemos com a reabilitação, enquanto a primeira turma de fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais se formassem e assim passaram os primeiros dois anos esperando.

Estávamos prontos para trabalhar, mas não tínhamos lugar para tal. Achamos uma casa na Rua Conde de Bonfim, na Tijuca.*

Era grande, mas tinha três pavimentos, estudei e até cheguei a localizar o local da piscina, mas a casa não tinha elevador e fazer um era muito caro. **Foi quando veio uma proposta da Prefeitura, de nós irmos para o depósito de crianças inválidas, que se localizava na Rua Jardim Botânico, 660.***

Era uma entrega precária e nós tínhamos que cuidar de cerca de cinquenta crianças, de todas as idades, desde pequenos bebês, até já mocinhas e rapazes de 15 anos.

Foi botar água na fervura, pois além de termos o local para iniciar o nosso trabalho, tínhamos muitos pacientes para tratar o que era a nossa finalidade.

Recebemos aquilo como uma dádiva do céu. Fomos ver eu e mais alguns diretores. Era um terreno irregular. Na entrada amplos barracões de madeira rústica de obra e depois um prédio com dois pavimentos, e tinha um elevador funcionando, instalações sanitárias, tudo limpo, mas muitas rachaduras nas paredes, pois o terreno era péssimo para a construção e depois era uma área até o morro de mata fechada, onde se encontravam gambás e cobras, etc.

Aceitei a oferta e passamos a pintar os barracões, transformando-os em uma secretaria, sala de diretoria do centro, banheiros diversos e três salões para começar a funcionar a também Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro.

Houve então a inauguração do primeiro Centro de Reabilitação do Rio de Janeiro, com a Presença do homem que despertou o gigante que dormia - o Brasil, Exm^o. Senhor Presidente da República Dr. Juscelino Kubistchek e sua Senhora esposa Dona Sara Kubistchek, foi uma solenidade simples, mas chocante para quem não estava acostumado a ver tantas crianças com defeitos físicos.

* O grifo é dos organizadores desta publicação.



Na foto, Inauguração do Centro de Reabilitação em 17 de setembro de 1957, com a ilustre presença do Presidente Juscelino Kubitschek e sua esposa Dona Sara Kubitschek. Também a Sra. Malú da Rocha Miranda, seu esposo Celso da Rocha Miranda e ao fundo Dona Marisa Murray.



Fernando Ielhy de Lemos apresenta as Plantas do Centro de Reabilitação ao Excelentíssimo Presidente da República Juscelino Kubitschek e sua esposa Dona Sara.



Placa da Inauguração



Celso da Rocha Miranda



Malú da Rocha Miranda

Presidente Juscelino e Dona Sara, que estavam acompanhados pelos seus amigos particulares, Dona Malú da Rocha Miranda e seu esposo Celso da Rocha Miranda. Ela presidente das Legionárias da ABBR. Ele membro do Conselho Deliberativo da ABBR. Pediram para se fecharem numa sala onde eu soube que eles choraram e se aliviaram da emoção.

O presidente e sua esposa também tinham um coração sensível. Eu fiquei de demonstrar ao Presidente Juscelino em desenhos executados no meu escritório a realidade da vida. Isto é, a ONU supõe que existe cerca de 300.000 pessoas deficientes físicas no Brasil e existem no mínimo de seis pessoas que vivem aquele drama, apoiar o movimento de reabilitação dos deficientes físicos era ter o reconhecimento de cerca de 2.0000.000 de brasileiros.

O sacrifício do meu filho tinha sido compensado. A ABBR tinha vencido. Nesta solenidade José Maria e Corynthia estavam sempre ao meu lado dando força e coragem.

Quase que imediatamente, com as notícias de Jornais, Radio, Cinema e TV tinha espalhado por todo o território nacional, começamos a receber cartas, visitas telegramas de pessoas que queriam detalhes sobre o que era a reabilitação, assim como pedindo o currículo da Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro para organizarem em diversos estados.

Assim como pedindo para fazerem estágios na ABBR médicos e técnicos no assunto.

Nós que estávamos pensando que teríamos que ir para outros estados, foi o inverso. Todos queriam o fornecimento de fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais para começarem a trabalhar com orientação honesta.

Vinte e quatro horas depois da inauguração as nossas formidáveis Legionárias, comandadas pela simpática e capaz presidente Sra. Malú Rocha Miranda, deram início para que a área pedida, precariamente fosse entregue em definitivo a ABBR, pelo Governador do Estado da Guanabara, Dr. Sette Câmara⁽⁷⁾ com compromissos de atendermos um certo número de pessoas para reabilitação.



(7) Lei nº 18 de 18/11/60 - Diário Oficial do Estado da Guanabara, nº 172 - Lei que doou o terreno onde encontra-se localizada a ABBR na Rua Jardim Botânico, 660.

Na foto, José Sette Câmara Filho, último prefeito do Distrito Federal e primeiro governador da Guanabara e o Presidente Juscelino Kubitschek em 1960.

Recebido o imóvel da Rua Jardim Botânico, 660 (8) começamos a trabalhar, primeiro a adaptar os barracões de obra para funcionarem como secretaria, sala de diretor, depósitos, salas para funcionar as aulas e uma pequena, marcenaria para construirmos as peças necessárias, para funcionarem a fisioterapia e a terapia ocupacional.

Foi muito trabalho porque a maioria dos barracões não tinham piso de concreto. Tivemos que colocar concreto alisado para receber um revestimento de taco de madeira, que a Pasquet Paulista S.A., uma firma especializada, de um bom amigo meu, o Comendador Manoel Cruz, a que eu solicitei e ele mandava quando pedíamos. Pintamos tudo de branco e colocamos janelas dos dois lados. Revimos a telha e depois de meses, conseguimos que ficasse em condições de funcionar.



Galpões que precisaram ser consertados - 1956

Início Obras - Centro de Reabilitação - 1956

(8) Terreno cedido a ABBR - Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação - 1956, na Rua Jardim Botânico, 660, pelo Governador do Estado da Guanabara Dr. Sette Câmara, onde era um antigo "depósito de crianças" (veja página 64).

Estas obras eram pagas com dinheiro que as maravilhosas Legionárias, arranjavam, promovendo festas, almoços, cinemas etc., para atender as instalações da ABBR.



1. Odete Cavalcante 2. Virginia Diniz Carneiro 3. Maria Esther B. Stampa 4. Lilia Maia Monteiro 5. Lygia Lowndes 6. Lucy Gomes Ferreira 7. Maria do Rosário 8. Maria Perez 9. Jacyra Tomé 10. Nice Baptista 11. Maria Dalva R. da Luz 12. Katarina Wienkvcz 13. Martene Vieira 14. Marly Fontes 15. Yvone Monteiro 16. Malu Rocha Miranda 17. Marisa Murray 18. Carmen Sylvia Marchese 19. Helena Curi 20. Tsyla Balbino 21. Maria de Lourdes Simões 22. Adenir 23. Lucia Longo 24. Ruth Correa 25. Titina Xavier Lopes 26. Zulma 27. Nazinha Barcellos Dias 28. Rosangela Curi 29. Martha Calderaro 30. Regina Mell Leitão 31. graziela Parreiras Horta 32. Odete Perez 33. Valderez C. Moura 34. Nomisa França Lopes.



Legionárias incansáveis! Malú e as guerreiras!

Enquanto estas obras eram executadas, no prédio existente, que estava todo rachado, tivemos que também endireitar as juntas, para que ali funcionasse a parte de reabilitação, isto é a fisioterapia e a terapia ocupacional.

O prédio tinha um elevador que praticamente não funcionava. Mandamos fazer uma revisão e mais tarde colocamos outro elevador maior que dava uma maca. Assim foi feita a construção. Numa marcha lenta, de acordo com o dinheiro existente, sendo que muitas vezes as legionárias faziam movimento para tal e sempre ajudaram.

A primeira turma tinha se formado e de acordo com a orientação do conselho médico, somente agora é que poderíamos funcionar com a reabilitação das crianças do Hospital Jesus que estavam morando ali.

Tivemos que com urgência, começar a fazer aparelhagem para auxiliar os nossos fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais.

Oswaldo Pinheiro Campos, Jorge Faria e Hilton Baptista descrevia o que precisavam e eu desenhava e mandava fazer na nossa pequena marcenaria e a serralheria tinha como chefe o "Ivan", um rapaz de grande valor e capacidade de trabalho que muito nos ajudava pois todos os móveis, camas e aparelhos para ginástica ele fazia formidavelmente.



Oswaldo Pinheiro Campos



Jorge de A. Faria



Hilton Baptista

Como se vê eu passava quase que o dia todo na ABBR, porque além de executar todo este trabalho, ainda tinha que atender a solicitação da secretaria, para resolver os casos de administração e as visitas constantes de pessoas que queriam conhecer, a nossa organização, assim como constantemente vinham colégios para ver a ABBR.

Eu continuava a fazer os dois programas por semana na TV com o José Maria, solicitando apoio financeiro e demonstração do que era a reabilitação, além do meu programa em que eu desenhava na TV, o José Maria fazia a parte publicitária e no final também falávamos sobre a ABBR.

Assim nós íamos ampliando as nossas instalações. Fiz o desenho de uma banheira grande de aço inoxidável e uma menor para crianças pequenas para fazerem a hidroginástica, estrados para colocar colchões e permitir que fossem executados exercícios de ginástica, escadas na parede, paralelas, grande e pequenas para praticar o andar, rodas grande e pequenas, para exercícios dos braços.

Compramos algumas bicicletas fixas para exercícios das pernas, tudo isto pago com dinheiro que eu e José Maria solicitávamos na TV e a maioria vindo das Legionárias que continuavam a trabalhar para tal necessidade.



Centro de Reabilitação no início de suas atividades - Final da década de 50.

Tínhamos na ocasião poucos funcionários. Eram somente o Ruy, Crisônia, que até hoje ainda trabalha conosco e o José Carlos.

Tínhamos duas assistentes sociais. Uma delas era a Tia Alda, que era uma criatura admirável. Constantemente estava com lágrima nos olhos quando tinha que atender uma mãe que levava seu filho deficiente no colo para que a ABBR atendesse.

Tia Alda então criou o grupo de senhoritas que entre elas, duas eram sobrinhas suas, e mais algumas além da Arlete que como era mais velha ficou como chefe. Elas vestiam, de acordo com nossa solicitação, um vestidos amarelo claro, o qual eu dei o nome de "canarinhas". Elas tinham o objetivo de brincarem com as crianças. Levavam biscoito e balas para as crianças e quando uma fazia aniversário levavam um bolo para festejarem.

Essas mocinhas, as "canarinhas", talvez tenham proporcionado o momento mais feliz dessas criancinhas de suas vidas. Que Deus abençoe as "Canarinhas". Vocês foram maravilhosas!

Hoje não temos mais as "canarinhas", pois graças a Deus, não temos mais recebido crianças com paralisia infantil e que graça a orientação do governo, a vacinação em todo o Brasil, formalmente, acabou com a Paralisia Infantil. Só aparecendo um caso ou outro anualmente, quando um pai por ignorância ou por não acreditar deixa de vacinar seu filho.

IDA A CATAGUAZES - INAUGURAÇÃO DE HIDRELÉTRICA

Fui convidado em uma ocasião para ir a inauguração de uma pequena hidroelétrica que a Empresa Cavalcanti Junqueira S.A. tinha construído para uma pequena cidade perto de Cataguazes. Eles ofereciam um churrasco aos moradores. Aceitei pois era uma distração para meu filho o José Maria.

Além de um pequeno ônibus, eu fui no meu automóvel pois seria mais confortável para o meu filho.



Usina de Eletricidade perto de Cataguazes, MG.

No ônibus iam diversos funcionários da firma, com suas famílias, entre eles estava o meu amigo "Torreão" com sua senhora e três filhas. A mais moça, perdoe, eu não lembro seu nome, era uma menina delicada que tinha uns quinze anos e muito bonita, meiga e carinhosa. A todo o instante abraçava e beijava a Corynthia, ao José Maria e a mim. Parecia uma gatinha amorosa e delicada, o qual nós começamos a chamá-la de "gatinha" e esta gatinha ficou viajando no nosso carro.

Como o meu carro andava mais rápido, nós íamos na frente até uma próxima cidade e ficava esperando o ônibus. Foi um passeio maravilhoso tendo ao nosso lado a "Gatinha". Tudo ocorreu muito bem. A inauguração, o churrasco e voltarmos para Cataguazes para passar a noite em um hotel.

No dia seguinte, sairíamos cedo para voltar ao Rio. Eu me levantei e fui ver o ônibus sair. Eu iria depois, marcando um encontro na cidade de Leopoldina para almoçarmos.

Todos nós estávamos preocupados com a nossa demora pois a "gatinha" que eu resolvi ir ver, na última hora, no quarto em que eles estavam hospedados, encontrei-a ainda dormindo. Tivemos que esperar ela se preparar para sair e tomar café demorando além do que eu pensava. Mas o final foi feliz e ela foi conosco até chegarmos a Leopoldina.

Tudo deu certo. Depois do almoço, que foi ótimo pois estávamos com fome, fizemos umas visitas a residência do Dr. Haroldo Junqueira e a do Dr. Nilo Colona dos Santos. Voltamos a seguir para o Rio, correndo tudo normalmente.

APARECEU UM VOLUNTÁRIO - QUE FICOU PERMANENTE

Quando começamos a trabalhar na Rua Jardim Botânico, apareceu um senhor que tinha um carro na praça, e ele passou a levar um rapaz para tratamento e ficava esperando para voltar com ele.

Este senhor era o Sr. João Castro Filho. Ele tinha outro carro particular e era um homem de posses com uma família e morava em um apartamento na Lagoa.

Enquanto esperava, ele se ofereceu para trabalhar pela ABBR, sem nenhuma remuneração, pois não precisava disso.

Em pouco tempo o Castro tornou-se indispensável a nós da ABBR. Ele resolvia todos os casos e estava pronto a atender o que precisássemos.

Depois que levava seu cliente em casa ele voltava, e foi a solução para nós em muitos casos, pois estávamos fazendo obras e eu não podia ficar o dia todo na ABBR, pois tinha que atender o meu escritório para ter meios de sustentar minha família.

O Castro mais tarde passou a ser um funcionário efetivo de grande utilidade para a ABBR, principalmente com o início das construções de nossa sede efetiva.

PRIMEIRA CAMPANHA DE VACINAÇÃO

A primeira campanha para vacinação em massa, foi feita em um programa de TV contando a história do José Maria: "Essa é a sua vida" em que compareceram todos os seus amigos do Vale da Boa Esperança, além do meu caseiro que era amigo do meu filho, um preto muito feio mas um homem muito correto e trabalhador.

A TV foi apanhá-lo em Itaipava de automóvel, hospedou no Hotel Novo Mundo e levou no dia depois do programa a Itaipava outra vez.

Ele gostou tanto que pediu para eu arranjar outro programa igual aquele.

CORAÇÃO DE OURO

Em fevereiro de 1959, recebemos um telefonema de uma senhora Dona Wanda Valesca, que era muito amiga do José Maria, para comparecer, no dia 19 de março para uma reunião no Copacabana Palace do "Nosso Clube".

Clube de um grupo de senhoras da alta sociedade que queriam prestar uma homenagem para 10 senhoras e 10 homens, que seriam os dez maiores corações de "ouro" de 1958.

E eu estava incluído na lista dos que iam receber. Fui então com a Corynthia e o José Maria como tinha sido designado no convite.



Transcrição do Artigo.....

JORNAL O GLOBO - 18 de março de 1959

Os Dez maiores Corações do Ano

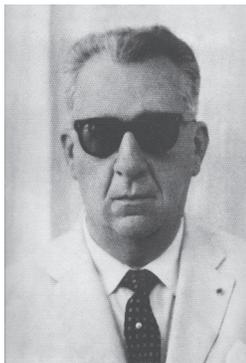
Promovido por um grupo de senhoras de nossa sociedade, encabeçada pela Sra. Lurdes Archer, realizar-se-á depois de amanhã um almoço no Copacabana Palace para entrega de diplomas e corações de ouro aos **dez maiores corações (femininos e masculinos) do ano (1958)**. Foram agraciados as Sras. Stela Guerra Duval, Jerônimo Monteiro, Ruth Ferreira de Almeida, Cármen Bulhões Pedreira, Sara Kubitschek, Darci Vargas, Eunice Weaver, Cora Bocauiva de Miranda Jordão, Ana Amélia Carneiro de mendonça e M. Mc Guigan e os Srs. Antonio Galdino Campos, D. Helder Câmara, Mario Kroeff, Valdemar Dutra, Otávio Guinle, Levi Miranda, Mário Pinotti, Antonio Carlos Lafaiete de Andrada, **Fernando Lemos** e, numa homenagem póstuma, o Papa Pio XII.

PRESIDENTES DA ABBR

Em setembro de 1961, faleceu o nosso primeiro presidente Percy Murray e tendo sido comunicado pelo telefone, toda a diretoria da ABBR foi para sua residência na Urca.

No mesmo momento, junto a todos os diretores presentes, comecei a trabalhar para que Adolpho Basbaum fosse o substituto do Percy. Quando Basbaum chegou, eu, Malú Rocha Miranda e Mario Marchese, conversamos com ele. Ele não queria aceitar pois não dispunha de tempo, mas depois de algum tempo, propus que ele fosse presidente por um período mais curto até termos outro para colocar no lugar, o que ele aceitou.

17 de setembro de 1965



Na foto, Dr. Basbaum recepcionando autoridades internacionais, como a Grã Duqueza de Luxemburgo, Sra. Josephine Carlotte, acompanhado da Senhora Virginia Carneiro, Malú da Rocha Miranda, Marisa Murray, Regina Mello Leitão e Lygia Lowndes.

O Dr. Adolpho Basbaum foi um bom presidente que com sua capacidade de trabalho e sua situação financeira bem estável, permitia a ABBR funcionar tranquilamente.

Ele fez questão de que como caixa da tesouraria fosse nomeado uma senhora de sua inteira confiança. E assim foi muito mais fácil resolver os problemas da ABBR, porque quando havia falta de dinheiro para efetuar pagamentos ele adiantava um cheque e no fim de algum tempo ele perguntava a ela, qual era a situação e quando ela comunicava que já tinha uma certa importância alta ele mandava fazer um recibo e inutilizava os comprovantes de fornecimento de dinheiro para a ABBR.

Uma ocasião estávamos reunidos nos barracões, o Dr. Basbaum, Fernando Miranda, o Castro e eu, quando ele virou-se para mim e disse: vai haver um aumento de mão de obra, agora no começo do ano, isto quer dizer que o dinheiro que temos do baile do Teatro Municipal vai se desvalorizar.



Então, propus que porque não compramos com este dinheiro todo o material possível? Isto é, esquadrias, caixões alisares, louça sanitária, azulejos, ferragens, etc. Ele gostou da idéia e autorizou o que cada um de nós três fossem encarregados da compra de um setor. Eu fiquei com a compra de tudo que eram janelas, portas, caixonetes, rodapés. Fui para uma mesa com os desenhos da futura ABBR e calculei todas as quantidades (9).

(9) Desenhos constantes no capítulo 5 deste livro.

No dia seguinte fui para a Rua Frei Caneca onde existem diversas lojas de material que precisávamos. Entrei na melhor delas e apresentei a relação do material que precisava e a pessoa que me atendeu foi para o gerente e este veio atender. Foi calculado as quantidades e o valor em cruzeiros.

Foi então que o gerente quis saber para quem era tal quantidade de material e quando disse que era uma associação beneficente ele encerrou o assunto pois não vendiam para associações beneficentes que mais tarde não podiam pagar e eles não tinham meios para tal. Expliquei que quem pagava era o Banco do Dr. Adolpho Basbaum, então ele assim concordou.

Pedi então descontos, pois o que ele deu achei pouco. Ele deu um pouco mais. Ele disse que não podia dar mais. Eu pedi uma comissão para mim que não ganhava nada na ABBR. Ele me disse que daria 3% de desconto o qual imediatamente pedi que acrescentasse este desconto no total da conta e assim foi feita a minha missão.

Com todo este material comprado e estocado, começamos as construções e então o Dr. Basbaum arranhou uma maneira de levantar dinheiro para tal. Ele convidava um de seus grandes fornecedores das Lojas Brasileiras em todo o território nacional, para um almoço e conversando falava sobre a ABBR, e solicitava u cheque bem elevado para as obras e como sempre a pessoa a quem ele pedia, dava uma desculpa que não podia, pois os negócios não estavam fácil, ele então, muito admirado respondia: Bem minha firma não pode negociar com organizações que estão em dificuldades e encerrava o assunto.

No dia seguinte chegava ao banco do Dr. Basbaum o cheque pedido e assim ele foi levantando dinheiro para a construção até ficar pronta. A construção começou quase que imediatamente, pois no terreno existia já as fundações em tubulões de concreto armado, para um prédio que a Prefeitura desejava construir no local. O engenheiro responsável foi o Dr. Fernando Meanda, que não cobrou nada pela sua fiscalização.

O cálculo de concreto armado eu pedi a um amigo meu, o Engenheiro Dr. Carlos Faber Junior que fez todos os desenhos e cálculos também não cobrando nada. Os desenhos de instalação elétrica e hidráulica também foi feita pelo meu amigo que tinha uma firma especializada: Brito Pereira, também sem cobrar nada. O material de construção foram adquiridos com muito cuidado para não encarecer. O cimento o Dr. Mario Marchese fazia vir diretamente da fábrica.

A fiscalização da mão de obra e compra de material durante toda a construção foi feita por João Castro Filho, que então já era funcionário da ABBR, assim como o arremate, pintura, instalação elétrica e hidráulica nos colocamos operários nossos.

VISITAS DE ILUSTRES À ABBR

A ABBR era constantemente visitada por colégios, em turmas pequenas, como nós pedíamos, de moças e rapazes. Nós mostrávamos tudo que estávamos fazendo e explicávamos o que era reabilitação e toda as semanas tínhamos um grande colégio visitando a ABBR. Assim como o Ministério do Itamaraty sempre que vinha uma pessoa ilustre visitar o Brasil e tinham interesse de conhecer uma obra beneficente, era a ABBR em primeiro lugar que eles indicavam, assim tivemos grandes personalidades visitando a ABBR.



Na foto, Dom Hélder Câmara e Percy Murray.
“Pensei em encontrar um lugar de tristeza e só vi alegria.” **Dom Hélder Câmara 1961**



Na foto, da direita para a esquerda: **Dr. Oswaldo Pinheiro Campos, Dr. Adolpho Basbaum, Fernando Iehly de Lemos, Dr. Carlos Lacerda, Dr. Jorje Faria e Dr. Hilton Baptista.**

“Realizei, hoje um desejo sincero, o de conhecer por dentro, a ABBR. Por dentro ela é ainda melhor e maior que por fora. Deus ajude os que fazem esta obra. O Estado procurará cumprir o seu dever” **Carlos Lacerda 1963**

Capítulo 3

José Maria - Meu querido filho!

A inspiração de Fernando Ielhy de Lemos para a A.B.B.R.



A solidão de Fernando Lemos

Últimos dias de vida morando na ABBR



**Fernando Lemos proporcionou uma vida
intensa para o seu filho!**



Como Relações Públicas!



Como Sócio da Empresa!



Festa no Escritório de seu pai em 1968.

JOSÉ MARIA (MEU FILHO)

O meu filho, José Maria esteve em tratamento na ABBR alguns meses. Acho que não chegou a um ano. No fim do qual ele virou-se para mim e disse: Pai eu vou deixar de fazer exercícios na ABBR pois não está adiantando mais. Eu vou trabalhar com você no escritório.

Neste período José Maria, era vice-presidente do conselho deliberativo e um certo período foi diretor secretário da diretoria.

Comparecia quase sempre a assinatura de convênios: com os Bancários, CSN Volta Redonda, Pioneiras Sociais, etc.

Com isso ficou muito conhecido e tornando-se útil à Instituição. Ele era o elemento de comunicação entre a Diretoria e a Dona Sara Kubistchek e outros Ministérios.

Como se vê tinha uma atividade intensa, comparecia a todos as reuniões de conselho e a qualquer cerimônia que houvesse na ABBR.

JOSÉ MARIA (NO MEU ESCRITÓRIO)

José Maria começou a trabalhar no escritório que eu tinha, de projetos de construção, assim como a Editora e Comercial F. Lemos que editávamos os nossos álbuns de arquitetura com gráfica própria. No escritório, eu tinha sócios como: André Santos Dias Filho, Joaquim Rosa, meu cunhado e Eugênio Lemos, meu irmão. Estava localizado no Edifício Darke, na Av. 13 de Maio, com conjunto 901 com boa sala de recepção e mais um amplo salão de trabalho com 12 pranchetas de desenho.

Compramos uma mesa para José Maria e ele começou a trabalhar dando um ótimo resultado, pois ele começou a organizar e executar financiamentos para construção de edifícios de apartamentos e residências, assim como construção de residências em bairros, como Verão Vermelho pouco depois de Cabo Frio do meu amigo Hugo Guimarães e em mais outros, onde todos os projetos eram nossos e a construção por conta do proprietário.

Trabalhamos muito com bons resultados, o José Maria tinha muita atividade e os órgãos de financiamento, como Caixa Econômica do Rio assim como de Niterói, e outros órgãos existentes naquela ocasião. Tinha as portas abertas para o José Maria trabalhar, ficando muito conhecido e arranjando bons amigos.

DR. BORGES FORTES

O nosso médico da ABBR, Dr. Borges Fortes uma ocasião pediu para fazer um projeto para uma residência em Paquetá. Depois de receber os dados do Terreno, fiz um estudo que ficou bem interessante.

Dr. Borges recebeu o estudo e levou para casa e depois de alguns dias convidou-me para ir ao apartamento dele na Rua Voluntários da Pátria, para discutir detalhes com a família em volta de uma mesa. Ele pediu a opinião dos dois filhos que deviam ter uns 13 a 14 anos, a sua senhora e cada um deu sua opinião, sendo que os dois meninos achavam que a casa podia ser menor, pois assim custaria menos e não haveria dificuldade de ser pago pelo seu pai.

Isto foi a primeira vez que observei, depois de tantos anos de profissão, uma organização familiar tão perfeita, comentando mais tarde com Dr. Borges, então ele esclareceu que seus filhos eram sempre consultados quando havia uma decisão do lar a ser tomada. Achei uma ideia maravilhosa.

DR. JORGE ABDALLA- GRANDE APOIADOR DA ABBR

Existe um homem que quer prestar uma homenagem especial. Dr. Jorge Abdalla. Ele tinha uma loja de eletrodomésticos, rádios e Tvs na Av. Rio Branco.

Eu estudei a sua decoração, que ficou muito bonita. Mais tarde ele acabou com a loja e dedicou-se somente a aparelhos de ar condicionado na Rua da Relação, a Empresa Jordalla, que também foi decorada por minha firma.

Dr. Jorge Abdalla foi um grande amigo. Ele, sua esposa Dona Glória e suas três filhas. Nunca negou uma solicitação minha, não somente quando pedia brinquedos para as crianças do Hospital Jesus e mais tarde para as crianças da ABBR, mas me ajudou

muitas vezes, quando estava sem dinheiro para pagar meus funcionários e mesmo para mim, quando estava sem recursos para passar um sábado e domingo em casa sem tranquilidade.

Quando eu solicitava brinquedos, ele aparecia no meu escritório com duas ou mais caixas grandes cheias de brinquedos, que com sinceridade, dava vontade de sentar no chão e ir brincar com os brinquedos que meu bom amigo dava. Era um autêntico papai noel, sem barba.

Tinha uma propriedade na Estrada dos Bandeirantes. O terreno era grande, muito arborizado. Ia da estrada ao cume do morro. Com nascente própria, mas a casa que já existia quando ele comprou a propriedade tinha uma distribuição interna muito a desejar, a não ser uma boa varanda.

Ele pediu para estudar umas modificações e cheguei a um resultado. Aproveitar a varanda e internamente demolir tudo. Foi o que fiz e ele aprovou.

Localizei dois quartos com um banheiro cada. Um amplo living, um recanto de som com um toalet e outro para a sala de refeições. Mas para tal tive que usar cinco vigas e madeiras rústicas com quarenta por quarenta centímetros e colocar no «living» para apoiar a laje existente. Não foi fácil colocar estas vigas que eram maciças e pesavam muito, mas ele tinha um encarregado de obras muito competente, que conseguiu encostar as vigas na laje existente.

A seguir tinha uma escada para um segundo pavimento, que ficava sobre o abrigo dos automóveis. Neste segundo pavimento tinha mais dois quartos com banheiro e um pequeno escritório que servia para ele se retirar do barulho dos netos. Ficou uma casa espetacular, principalmente o ``living`` que dava para as duas varandas. Uma de cada lado, com lindas árvores dos dois lados da casa. Meu bom amigo Jorge Abdalla eu sou sinceramente muito grato pelos belos e tranquilos momentos que passei, junto de sua família na sua magnífica residência, conversando com seus genros e saboreando aquela deliciosa cervejinha ultra gelada. Obrigado, muito obrigado!

A SITUAÇÃO MUDOU PARA O JOSÉ MARIA

José Maria teve o primeiro enfarte, quando vínhamos de Cabo Frio, com ele na direção do automóvel. Ele parou o carro na beira da estrada e pediu para eu pegar a direção do carro pois estava se sentindo mal.

Corri até o primeiro posto da Polícia Rodoviária e pedi para indicar um Hospital para atender meu filho.

Imediatamente um guarda pegou a motocicleta e saiu pedindo passagem e pediu para eu acompanhar a uns 120 quilômetros, fechando a desviando todo o trânsito para que eu pudesse passar. Num cruzamento da estrada ele parou e ficou no meio do cruzamento e ficando em pé na moto ele obrigou em passar. Depois continuando a correr na frente, chegamos a um pequeno hospital. Colocamos o José Maria na sua cadeira de rodas e corremos acompanhando os enfermeiros e médicos.

José Maria ficou no CTI deitado em uma cama e começaram a dar tratamento e ali ele ficou até quase oito horas da noite, quando então ele melhorou e os médicos confirmaram que a ameaça de infarte tinha cedido.

Foram momentos para Corynthia e eu de grande ansiedade e expectativa, mas acabou bem e logo depois, colocamos meu filho no automóvel e seguimos para casa com marcha vagarosa. Passei de novo pelo Posto de Polícia Rodoviária e agradei o serviço prestado por eles.

Chegamos mais ou menos as dez horas com o José Maria passando bem mas nos deu um susto muito grande.

O José Maria já estava noivo a alguns meses. Marcaram a data do casamento para determinado dia. Foi escolhida uma Igreja que não tinha escada para atender o movimento do José Maria.

Foi quando ele teve o segundo enfarte. Estava eu e ele no escritório trabalhando. Eu no segundo andar, quando uma funcionária subiu e veio me avisar que o José Maria não estava passando bem, imediatamente desci e encontrei ele deitado na mesa de trabalho.

Coloquei ele imediatamente no automóvel e fomos para o Pronto Cor de Ipanema. Foram comigo a sua noiva, que era funcionária nossa, a Beth e a Margarida Faber e internamos o José Maria, onde ficou uns três dias. Corynthia que tinha sido avisada pelo telefone chegou logo depois.

A sua noiva a Deolinda, fez questão de ficar ao lado dele, as noites todas que esteve internado no Hospital.

Passamos outro período de angústia com o filho internado no Pronto Cor. Corynthia passava o dia todo no Hospital até que melhorou e teve alta. Continuando a trabalhar no escritório e marcaram nova data para o casamento tendo então sido realizado com alguns amigos e parentes. Foram os padrinhos de José Maria: Malú e Celso Rocha Miranda e Geraldo Mendonça seu amigo e colega do Colégio Batista e companheiro do Vale Boa Esperança.

Terminando a cerimônia, José Maria e Deolinda pegaram o carro dele e foram para o apartamento que tinham alugado na Av. Melo Matos, na Tijuca e começaram a vida nova de casados.

José Maria teve poucos meses de casado pois teve novo enfarte é que ele apesar de ter sido proibido de fumar pelos médicos ele fumava muito assim como a Deolinda sua esposa e também a cunhada que ficou morando junto. Uma noite, mais ou menos uma hora da manhã, nós, eu e a Corynthia estávamos dormindo quando a campainha da porta tocou. Levantei e fui ver quem era. Encontrei a empregada do José Maria que vinha avisar que ele estava passando mal. Imediatamente acordei a Corynthia e nos vestimos e fomos para a casa dele. Foi um choque horrível. Ele estava deitado no chão com uma equipe médica e com todos os aparelhos eletro cardiógrafos ligados e colocados em todo o seu corpo. Era o trabalho da Pronto Cor da Tijuca tentando reanimar o seu coração. Passado cerca de meia hora eles desistiram. O nosso querido e muito amado filho, tinha morrido.

Era como se você tivesse lendo um livro e quando chegou a última página tinha escrito o fim.

Abracei a Corynthia e comuniquei que tinha acabado a história do José Maria, nosso grande amigo de quarenta e quatro anos, de um amor profundo. Uma grande perda. Aquele garotão que era tudo para nós. Com a ajuda da sua esposa e de um vizinho preparamos ele para o ato final.

Como era triste ver nosso querido filho morto, deitado na sua cama. Parecia mentira.

Sai e fui para a casa do meu irmã apanhar os documentos para o enterro, pois nós temos uma sepultura da família. Transportamos o corpo para a capelinha da ABBR, de onde saiu o enterro para o cemitério São João Batista.

Como disse a minha sócia Elizabeth Faber até que enfim o José Maria tinha se livrado da cadeira de rodas.

Com isto Corynthia que já andava adoentada, piorou muito. Ela estava com arterioesclerose começou a piorar, não conseguindo lembrar as palavras que queria dizer e com gestos de mímica tentava dizer o que queria. Eu as vezes entendia mas outras vezes não compreendia o que queria dizer e quando repetia os seus gestos ela começava a sorrir para mim. Era difícil mas mesmo assim passamos cinco anos, nós dois vivendo juntos e ela sempre rindo das dificuldades de nosso entendimento. Com ela piorando cada vez mais e com ela caindo no chão constantemente e como eu não tinha força para carrega-la, eu pedia a um vizinho de porteiro do edifício para me ajudar.

Assim fomos vivendo uns cinco anos desde a morte de José Maria, que tinha deixado muitas saudades.

Foi assim que íamos vivendo até que em um domingo de madrugada a Corynthia estava com uma respiração muito forte e eu rezei para que ela melhorasse. Eu não queria que ela sofresse e fiquei rezando até que ela foi diminuindo o esforço de respirar e eu fui me deitar ao seu lado. Passado algumas horas acordei e fui ver a Corynthia. Ela estava calma, mas quando toquei nela eis que estava morta. Já fria estava a sua pele. Rezei mais uma vez, mas era preferível assim. Morreu enquanto dormia.

Telefonei imediatamente para a casa do José Eugênio, o filho de sua irmã. Tinha assim acabado a última pessoa da família da Corynthia, isto é, já falecera seus pais e os quatro filhos, só restava o pai do José Eugênio e ele mesmo.

José Eugênio veio para minha casa e tratou de tudo o que foi necessário, para enterrar a sua tia, que foi uma verdadeira mãe para ele. Enterramos Corynthia no mesmo dia no cemitério de São João Batista.

Tinha pouca gente. Não houve tempo de comunicar seu falecimento. Estávamos somente amigos muito íntimos e parentes. Foi virado a última página do livro de história da Corynthia e chegamos ao fim de uma bela e feliz existência de cinquenta anos e quatro meses de casados.

Meu irmão queria que eu fosse para a casa dele, mas eu não quis e voltei para o meu apartamento. Então vazio de tudo que nós tínhamos criado. O meu bom amigo e companheiro de luta, o José Maria e a minha muito amada e querida Corynthia. Estive casado com ela cinquenta anos e quatro meses que passou tão rápido que pareceu um sonho eterno, a nossa vida em comum.

Fiquei morando no apartamento, sozinho e tinha já uma empregada que vinha limpar e varrer e lavar a cozinha e o banheiro uma vez por semana.

Me alimentava quase sempre de frutas geladas e as vezes ia comer num restaurante perto de casa. Assim foi até que uma noite levantando-me para ir ao banheiro, não sei o que tive e cai no chão ladrilhado do banheiro, ficando lá quatro dias e quatro noites deitado naquela friagem. Eu consegui me mexer os braços e as pernas, mas não tinha força para me levantar. Passado este tempo todo sem comer e sem beber nada, minha língua já estava secando e partindo aos pedaços, quando escutei falarem junto a porta do meu apartamento. Era o porteiro que tinha dado o alarme e diversos vizinhos, que eu ouvia dizer. Ele é o fundador da ABBR. Eu não conseguia gritar ou falar também. Assim eles chamaram o Corpo de Bombeiros que colocando uma escada entraram pela janela do quarto pavimento.

Foi quando vi um bombeiro muito alto e já tinha aberto a porta da área. Ele veio com um vizinho médico e me carregaram.

Mais um dia eu teria morrido ali. No banheiro.

E de acordo com o regulamento me levaram para o pronto socorro da Praça da República.

A minha prima Marilú que escutou os carros de bombeiros e morava na rua em prolongamento da Rua Afonso Pena escutando o barulho de carros dos bombeiros e chegando a janela ela viu, que os bombeiros colocaram uma escada na janela do quarto andar e entraram no meu apartamento.

Telefonou para a casa do meu irmão e foram imediatamente para o meu apartamento onde eu já estava sendo atendido.

A MORADIA NA ABBR

Eles telefonaram então para a ABBR pedindo para aprontar um quarto para mim. Meu irmão acompanhou a ambulância dos bombeiros e a Marilú foi comigo na ambulância.

Estive no pronto socorro algumas horas. Foi quando pedi uma laranja gelada que me deram.

Eu estava completamente seco.

Meu irmão alugou então uma outra ambulância e na companhia da Marilú, e acompanhando pelo carro dele fui transportado para a ABBR.

Chegando lá fiquei emocionado pois uma grande maioria dos funcionários da secretaria e alguns Fisios e TOs estavam a minha espera e já eram quase oito horas da noite, foi quando tomei outro copo de laranja gelada.

Fui internado no terceiro pavimento. Fui examinado pela equipe médica e fui dormir.

No dia seguinte os meus colegas de diretoria estando na frente o meu grande amigo Mario Marchese me disse, você não vai voltar para seu apartamento. Você vai ficar morando aqui, pois esta casa foi você que sonhou e idealizou e construiu. Esta casa é sua. (*)

Eu então que estava pensando que não ia durar muito pois não conseguia ficar em pé, eu cai todo o instante, concordei mas como uma condição eu doaria à ABBR, meu apartamento com tudo o que estava dentro. Assim como meu automóvel, jóias e quadros que somado deve ir a uns quarenta milhões de cruzeiros ou mais e assim foi feita uma escritura pelo nosso querido advogado Dr. Mourão, em troca enquanto eu viver na ABBR. Me deram um quarto para morar, alimentação, serviço médico e lavanderia.

Eu que pensava que ia viver pouco estava já dois anos, mas colaborando com a Administração, na parte referente a obras o que sempre tem aqui.

(Este foi o último parágrafo manuscrito deixado por Fernando I. Lemos que originou esta publicação)

.....

Nota:

Esta publicação teve como base as informações dos históricos manuscritos e pesquisa junto aos ex-funcionários que foram contactados e trabalharam na ABBR em determinado período de vida do Fernando Lemos.

O idealista Fernando Ielhy de Lemos com problemas de saúde residiu em um apartamento do terceiro andar (apartamento 309), do Bloco do Hospital da ABBR. Consta o testamento e certidão de óbito em arquivo. Doou todos os seus bens à ABBR, permanecendo solitário até a sua morte em 13 de fevereiro de 1986, aos 83 anos.

A ABBR nasceu sob sua inspiração. Dedicou a sua vida a esta obra social.

*Aquiles Ferraz Nunes e
Wlamir Torrentes*

Março de 2017

(*) O grifo é dos organizadores.

Capítulo 4

Discursos Históricos de Fernando Ielhy de Lemos

Discurso de Fundação da

ABBR - Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação, no
Auditório da ABI - Associação Brasileira de Imprensa,
em 05 de agosto de 1954.

Discurso da Primeira Campanha Financeira

A Reabilitação e a Comunidade
em 16 de abril de 1956

Discurso da Formatura da Primeira Turma

Escola de Reabilitação - Diplomandos
em 09 de janeiro de 1962

DISCURSO DE FERNANDO IHELY DE LEMOS

Fundação da ABBR / no Auditório da ABI - Associação Brasileira de Imprensa / 05 de agosto de 1954

«Senhor Presidente da Mesa
Senhores Presidentes das Autarquias

Minhas Senhoras,
Meus Senhores e Meu Filho.

Este momento é para mim, de maior
significação, importância e
felicidade, desde fevereiro de 52,
quando meu único filho, então com
15 anos, em poucos dias,
ficou totalmente paralítico.



Prédio da ABI
Rio de Janeiro - RJ

Foi uma situação de tal brutalidade, que não existem palavras que a possam descrever.

Dois anos e seis meses são passados desde que iniciamos a luta tenaz e constante, para a sua recuperação.

Graças a Deus, ao esforço e a boa vontade do meu filho, a orientação acertada do seu médico Dr. Oswaldo Pinheiro Campos e aos bons cuidados, dedicação e competência do seu massagista Manuel Cruz, já conseguimos uma recuperação que nos enche de esperança.

Mas, o que fizemos por ele, muitos pais não o podem por falta de recursos, tempo ou ideal.

Por isso, pensando em ajudar outras crianças, comecei a percorrer outras vítimas da poliomielite e os hospitais, oferecendo os aparelhos que tinha idealizado e construído para auxiliar a ginástica de recuperação dos movimentos de meu filho.

Fiquei profundamente penalizado com o que vi. Dezenas de crianças estavam sendo atendidas deficientemente por falta de tempo e espaço. Centenas de outras estavam sem tratamento, por falta de recursos, local apropriado e técnicos especializados.

Resolvi então, com o apoio de amigos, sendo que alguns deles também atingidos pela mesma desventura, trabalham para fundar uma escola de recuperação e reeducação dos movimentos das vítimas da paralisia, assim como permitir-lhes instrução escolar, profissional e lugar apropriado em que possam trabalhar para ganhar seu sustento.

Conseguimos, depois de diversas reuniões no meu escritório para organizar os estatutos, no dia 13 de maio, na residência da família Charles Murray, fundar simbolicamente, a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação.

Hoje, completando este ato de fundação, reunimos neste auditório, tão seletivo público, para que possamos, dentro em breve, atender estes milhares de vítimas da Paralisia espalhados pelo Brasil de norte a sul, dando-lhes oportunidades de uma vida melhor e própria, não precisando, em muitos casos, mendigar a caridade pública para o seu sustento.

Mesmo para quem tenha recursos, esta escola vem atender plenamente, solucionando assim, as inúmeras dificuldades que surgem com o tratamento tão especializado e dispendioso, criando um ambiente de confiança e igualdade, além da facilidade de fazer ou continuar os seus estudos escolares.

Aproveito a oportunidade, em nome de minha esposa, de meu filho e no meu, para agradecer o apoio moral e a solidariedade que recebemos e temos recebido de todos os amigos e mesmo de pessoas estranhas, durante a sua doença.

Quero manifestar nossa gratidão ao carinho e a dedicação dos seus companheiros e colegas, que tão bem o souberam receber nesta situação, dando-lhe força, elevando-lhe a sua moral, fazendo-o continuar alegre e esportivo.

Hoje não pode jogar, mas, não obstante, na sua cadeira de rodas serve de juiz compartilhando da alegria dos seus companheiros.

E agora dirijo-me a vós pais, que tendes filhos perfeitos, que podem andar, correr, ir à escola, sem precisar de amparo, Que não precisam pela manhã auxiliar seus filhos a saírem da cama, nem a noite deitá-los como se ainda fossem crianças pequenas. A vocês que não tendes esta preocupação do dia de manhã com vosso filho.

A vocês que tendes esta felicidade, eu faço um apelo, em nome de todos os pais que foram atingidos por esta desventura, que vos torneis não simples soldados, mas brigadeiros, na luta que vamos iniciar, nos apoiando, angariando donativos e associados, para que possamos, dentro em breve, atender esta gigantesca obra da reabilitação das vítimas da paralisia.

E a vocês, pais que tendes seus filhos atingidos pela paralisia, nós todos aqui presentes lhes damos uma esperança de uma vida melhor e um futuro mais tranquilo e feliz para seu filho."

***DISCURSO DE FERNANDO IHELY DE LEMOS
A Reabilitação e a Comunidade - Campanha Financeira
16 de abril de 1956***

"Tendo sido convidado para falar, escolhi o tema, a "Reabilitação e a Comunidade", e vou dirigir algumas palavras ao distinto auditório, não como médico, que não sou, mas como uma pessoa que sentiu o apoio da COMUNIDADE, quando em 1952 meu filho único, então com 15 anos de idade, foi atingido pela poliomielite, ficando totalmente paraplético.

Tendo conhecido as inúmeras dificuldades que surgem em uma família, em uma ocasião desta, venho lutando, há 6 anos, pelo meu filho e pelos filhos dos outros, para o desenvolvimento da reabilitação em todo o território nacional.

Nos Estados Unidos, grande parte dos centros de reabilitação surgiram da COMUNIDADE, respondendo ao apelo de vítimas da paralisia, como a Fundação máxima contra a Paralisia Infantil, a NATIONAL FOUNDATION FOR INFANTILE PARALYSIS, fundada pelo presidente Franklin Roosevelt, que somente depois de atingido pela doença, dedicou heroicamente parte de sua vida ao desenvolvimento da reabilitação, sem abandonar suas obrigações como político e chefe de estado, constituindo-se o maior e melhor exemplo do que pode a recuperação em nossos dias.

No Brasil a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA BENEFICENTE DE REABILITAÇÃO (ABBR) surgiu da compreensão da COMUNIDADE, quando congregando amigos e pessoas com filhos ou também atingidas pela paralisia, entre elas, o Sr. Percy Murray, que se tornou seu presidente, um paraplético reabilitado em 100%, que em sua cadeira de rodas administra cerca de 17 firmas comerciais, em companhia de seus irmãos.

A ABBR, organização filantrópica, conta e sua diretoria com grandes comerciantes, industriais, médicos, advogados, engenheiros, militares, que arranjam sempre tempo, durante o dia e geralmente pela noite a dentro para se dedicarem à sua administração sem quaisquer ônus para a Associação.

O Conselho Técnico da ABBR, sob a presidência do Dr. Oswaldo Pinheiro Campos, médico de projeção mundial, é composto de médicos e técnicos em reabilitação, os quais, além do trabalho de suas especialidades prestam sua preciosa colaboração, como professores do curso de Técnicos em Reabilitação, não recebendo os médicos, qualquer paga pelos seus serviços profissionais.

As legionárias, sob a presidência da Sra. Malú Rocha Miranda, compõem-se de um grupo de senhoras que se dedicam a campanhas financeiras, promovendo festas, jantares, exposições, campanhas de sócios, auxílio e defesa dos interesses da ABBR, nas repartições públicas e particulares, assim como nos serviços auxiliares de costura, decoração, esporte, música e ajuda aos técnicos para melhor rendimento dos mesmos.

Isto é o dever da COMUNIDADE pelo bem da COMUNIDADE.

Os senhores não sabem o que é um lar atingido por uma fatalidade, de um dos seus membros se tornar paralítico por doença ou acidente. Talvez não tenham feito uma pausa para pensar na felicidade de ver seu filho, travesso, correndo de um lado para o outro, ralando o joelho, sujando e rasgando a roupa, gastando um par de sapatos por mês, freqüentando colégio, pedindo todos os dias para irem ao cinema, festas, sem precisar de ajuda; talvez tenham tido um momento de impaciência com seu filhinho, que veio correndo com as mãos sujas abraçar suas pernas à sua chegada em casa.

Pois existem pais, que não possuem essa felicidade. Pais que são obrigados a cuidar de seu filho já adulto, como se ele fosse uma criança de meses, deitá-lo, carregá-lo no colo para todos os lados e a toda hora; mães que ficam paralíticas e não podem mais cuidar de seu lar ou acariciar seus filhos e seu marido; chefes de família que não podem mais cumprir suas obrigações e vêem seu lar se desmoronar, seus entes queridos passar privações, seus filhos interromper seus estudos.

Isto é a realidade da vida, e é o que a comunidade deve conhecer para poder com consciência, dedicação, abnegação e mesmo com um pouco de sacrifício, vir espontaneamente, de acordo com a sua

possibilidade, apoiar e auxiliar organizações idôneas, pelo bem de indivíduos da COMUNIDADE.

Muitas vezes, a COMUNIDADE não ajuda por falta de conhecimento da necessidade e sinceridade dos motivos alegados e, na maioria dos casos pela desconfiança do uso real de seus donativos.

Quando encontramos um paraplégico na rua sozinho, não podemos imaginar todo o trabalho, todas as dificuldades por que passou sua família e ele próprio para chegar até ali, não podemos avaliar o esforço físico e muitas vezes psíquico, que aquela criatura teve de enfrentar para se mover e para vencer um complexo de inferioridade. E há milhares de incapacitados que não saem de casa por vergonha, por dificuldade de transporte ou falta de recursos.

A ONU calcula que no Brasil há cerca de 800.000 a 1.000.000 de pessoas a serem reabilitados, e a COMUNIDADE apoiando a campanha da reabilitação, está proporcionando felicidade a cerca de 10.000.000 de indivíduos, se considerarmos que cada incapacitado tem no mínimo, 10 pessoas de sua família ou amigos, vivendo o seu drama.

A reabilitação de um incapacitado físico é caríssima, pois até no momento em que a criança brinca, precisa ter um técnico assistindo, corrigindo e orientando, para tirar o máximo proveito de seus movimentos.

Cada incapacitado, precisa ter à sua disposição cerca de 18 técnicos, fora a administração geral.

É um trabalho de tal vulto benemérito, em proporção tão elevada de despesas e precisa tanta abnegação, que somente uma organização particular, espontânea e dedicada, pode resolver e levar avante tão grande empreendimento. É somente com o apoio da COMUNIDADE que se pode chegar a um resultado satisfatório. E graças à compreensão desta COMUNIDADE, podemos contar com o apoio de organizações como: LIONS, ROTARY CLUB, CÂMARA JUNIOR, ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS, IMPRENSA,

RÁDIO, TELEVISÃO, FIRMAS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS, além dos CONTRIBUINTES PARTICULARES, de todas as classes sociais, dotados de coração bondoso.

Nós precisamos também, além da ajuda financeira, do apelo do governo cedendo terrenos (PDF - Niteroi - São Paulo) promulgando leis, protegendo o incapacitado físico, não como uma esmola, mas sim dando-lhes uma oportunidade; não como uma aposentadoria ou uma indenização, mas sim com a garantia do retorno ao seu emprego ou a outro de acordo com sua capacidade física; não permitindo que continue esmolando nas portas das igrejas, mas sim dando-lhe meios de ser independente e feliz.

E a COMUNIDADE tem a obrigação de dar um emprego a um incapacitado físico reabilitado, com isto, além de um gesto de consciência consigo mesmo, tem seu proveito, pois é sabido que, normalmente, um homem incapacitado e reabilitado produz mais e é mais dedicado do que seu semelhante fisicamente perfeito.

É justo que um operário de classe que perca um braço em um acidente, seja aposentado? Não, este homem pode, com um braço mecânico, continuar de pois de reabilitado, a sua profissão anterior. É justo que uma criança passe toda a sua infância sem brincar, sem estudar? Não, pois se tem uma deficiência física, precisa mais do que a criança perfeita, ter alegria e um nível cultural maior para vencer na vida.

É esta a finalidade da reabilitação.

É isto que a COMUNIDADE pode fazer.

E como vice-presidente e idealizador da ABBR venho mostrar o que estamos fazendo para o bem desta COMUNIDADE.

AABBR foi fundada em 5 de agosto de 1954."

Encontramos de início grande dificuldade pela falta de técnicos em reabilitação e local apropriado. Por sugestão do conselho técnico, foi criado um curso de Técnicos em Reabilitação, sob a orientação do DR. Jorge Faria e Cairo do Amaral, para atender às suas necessidades nesse setor.

Esse curso é dividido em duas especialidades; Fisioterapia e Terapia Ocupacional, a exemplo de cursos idênticos americanos e europeus, com currículo de três anos.

A primeira turma diplomou-se em 1957 com 23 alunos; há uma segunda turma freqüentando o 3º ano com 18 alunos, uma terceira turma freqüentando o segundo ano com 37 alunos e a 4ª turma com 48 alunos funcionando na própria sede da ABBR.

Somente depois de formados os alunos da primeira turma deu início os trabalhos no Centro de Reabilitação da ABBR sobre a direção do Dr. Hilton Batista.

E não querendo entrar nos assuntos médicos, venho somente trazer o resultado que corresponde ao pagamento dos nossos trabalhos.

Às 4ªs feiras, nos exames de revisão mensal de cada paciente, assistimos e ouvimos de mães "minha filha começou a ficar de pé", e um adulto que foi acidentado ou que teve derrame cerebral "já estou abotoando a minha camisa", com que alegria lemos nos olhos destas pessoas, a esperança e a felicidade deste momento e periodicamente, um recebe alta e diz com orgulho "vou voltar ao meu emprego".

É a Deyse, uma linda boneca de 5 anos, que a 60 dias chegou com os elásticos das perninhas bambas, já consertamos e começou a andar meia tropeça.

É a Maria Helena do Rio Grande do Sul que perdeu uma perna num acidente de cavalo, voltou andando perfeitamente com uma perna mecânica e já nos escreveu comunicando que tornou a montar a cavalo.

É a Zeni, "MISS ABBR", linda menina que foi daqui de Curitiba em janeiro que já está melhorando e dando alguns passos.

E inúmeros casos seguidos, assistimos a sua marcha para a reabilitação, muitas vezes a física não é possível, pois infelizmente não temos o direito de fazer milagres, mas com a psica e a mental

conseguimos grande resultado sob a orientação do dedicado e esforçado Dr. Edmundo Haas também Vice-Presidente da ABBR.

A esses médicos e técnicos somos gratos pela dedicação e capacidade.

Temos ainda algumas deficiências, mas estamos corrigindo e melhorando, e já nos sentimos orgulhosos desta obra de equipe para o bem da COMUNIDADE.

Tudo o que já fizemos, foi exclusivamente devido ao apoio que tivemos da COMUNIDADE, à qual continuamos a pedir, e temos a certeza, que não ficaremos decepcionados.

Encerando faço um apelo a esta COMUNIDADE, para olhar sempre e apoiar esta campanha da Reabilitação do Incapacitado físico, em benefício da própria COMUNIDADE, dando um pouco de muitos, para um muito de tão poucos.

DISCURSO DE FERNANDO IHELY DE LEMOS
Formatura da Primeira Turma da Escola de Reabilitação
09 de janeiro de 1962

Diplomandos de 1961 (Colação de grau no Teatro da Maison de France)

"DIPLOMANDOS...

Fiquei bastante emocionado ao tomar conhecimento da vossa resolução, escolhendo-me para ser o patrono da primeira turma de TÉCNICOS EM REABILITAÇÃO da ABBR.

Lembrei-me então do compromisso que tomamos, há cerca de cinco anos, na primeira reunião que promovi em meu escritório em 25/09/1953, onde reuni o primeiro grupo de 16 amigos que, incondicionalmente, me apoiaram, quando apresentei os planos da futura ABBR.

Assim, fomos nos unindo, crescendo, até que, depois de criado o grupo de fundadores surgiu oficialmente a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA BENEFICENTE DE REABILITAÇÃO, em 05 de agosto de 1954.

Sob a administração segura de uma diretoria composta de homens íntegros e capazes, de um grupo de legionárias abnegadas e dedicadas, e da sábia orientação do Conselho Técnico cresceu a ABBR e no sentido de suprir uma grande lacuna na rede hospitalar brasileira, foi fundado o curso de técnicos em Reabilitação.

Hoje diplomamos os alunos da Primeira turma, com um currículo nos moldes das grandes organizações dos EEUU, Inglaterra, etc., e sentimos compensados pelo nosso esforço por ter vencido assim uma etapa em prol dos incapacitados do nosso querido Brasil.

Mas como, Não sou orador, não sou técnico e não sou médico,...
Desejo, neste momento tão solene, de tanta emoção e felicidade, falar somente com palavras vindas do coração, para transmitir o que sentimos por vocês.

Nós pais, que temos filhos atingidos pela paralisia, preocupados diariamente com o seu futuro,

Pais que não temos a ventura de os ver e brincar normalmente. De dizer cheio de orgulho, meu filho é bonito, meu filho é perfeito!...

Pais que riem, com o coração sangrando porque de sua memória não se afasta, um só momento, a figura triste de seu filho paralisado.

Pais, que sofreram o que eu sofri, quando há seis anos, meu único filho ficou totalmente paralisado. Procurei, então, um hospital para confiar sua recuperação e verifiquei, consternado, não existir no Brasil aparelhagem e técnicos suficientes especializados para esse fim.

Lutamos eu e sua mãe, sob a orientação segura e consciente do Dr. Oswaldo Pinheiro Campos e da dedicação extramada e capacidade do Sr. Manoel Cruz, aos quais devotamos o nosso reconhecimento eterno e conseguimos em 10 meses arrancá-lo da cama, da sua imobilidade.

Para tanto, procurando estudar o problema, idealizei e montei um pequeno centro de reabilitação na minha residência.

Pelos resultados satisfatórios, então, obtidos, assumi comigo um compromisso e jurei que faria pelos filhos dos outros o que havia feito pelo meu próprio filho. Assim surgiu a ABBR.

Este é o juramento que eu quero transmitir a vocês:

"Juro, perante Deus e diante desta assembleia, que ao exercer a minha profissão, me mostrarei sempre fiel aos preceitos da Honestidade, da Caridade e da Ciência;

Penetrando no interior dos lares, meus olhos serão cegos, minha língua calará aos segredos que me forem revelados, os quais terei como preceito de Honra;

Nunca me servirei da minha profissão para corromper os costumes ou favorecer o crime.

Se eu cumprir este juramento com fidelidade, goze para sempre a minha vida e minha arte de boa reputação entre os homens;

Se o infringir ou dele me afastar, suceda-me o contrário.

Hipócrates - 460 A.C."

Guardem bem na memória; lembrem-se dele.

À vocês também caberá a tarefa de continuar a propagar o lema da ABBR - em todo o território nacional e a cumprir as suas finalidades: Dar esperança / Dar Oportunidade / Dar felicidade e independência ao seu semelhante, incapacitado.

À vocês, neste dia de alegria para si e suas famílias, que venceram mais uma etapa da vida;

"que adquiriram o ensinamento de uma profissão nobre e humana;
"que moldaram um caráter digno de si e de seus semelhantes;
"que passaram a amar os filhos dos outros como os próprios filhos;
"que aprenderam que não existem estas palavras: "eu não posso andar", "Eu não posso fazer isto" ...
"que viram e sentiram a emoção e a alegria dos pais, quando seus filhos deram os primeiros passos, com um aparelho ortopédico;
"que durante dois anos tiveram contato com adultos e crianças paráliticas, façam um apelo.

Reproduzindo aqui as palavras de uma mãe de um anjo de asas partidas que teve pólio, os quais nos mostra o que significa a profissão que hoje abraçam:

Mãe! Mulher!

Um bebê que nasce!

Doutor é menino ou menina?

É perfeito?

E ao fitar o pequeno tesouro uma vida inteira se descortina em nossa mente.

Os primeiros passos, o primeiro baile, jogo de futebol, a formatura!

Quantos sonhos!

Criança é movimento! É alegria!

Pode-se lá imaginar essas duas palavras juntas?

CRIANÇA PARALÍTICA

Pode-se imaginar, substituir o ruído dos pezinhos correndo, pelo seco das muletas ou o rodar da cadeira de rodas?

E o adolescente, que num turbilhão de anseios para a vida, assiste apenas os companheiros nos jogos, festas, passeios e estudos?

E a mãe que não pode mais cuidar de seus filhos, do seu lar?

E o chefe de família que não podendo mais trabalhar, vê seus filhos passarem fome e necessidade?

É a vocês, que esta mãe com lágrima nos olhos, como milhares de outras, se dirige de mãos postas em um apelo sincero com reconhecimento eterno!

Trabalhem com consciência

Trabalhem com amor

Trabalhem com dedicação

Que Deus fará milagres por intermédio de vossas mãos."

Capítulo 5

Fernando Lemos - O Arquiteto e Desenhista

Fernando Lemos - O Inventor

Fernando Lemos - ``Homenagem Pós Mortem``

Neste Capítulo constam citações a Fernando Ielhy de Lemos em publicações, revistas, blogs e no site dos «Inventores».

Fernando Lemos - Arquiteto e Desenhista

Trecho citado do Livro - página 36

" Publicamos, então uma revista sobre construção, chamava-se *"Sugestões de Arquitetura", Decoração e Informações Técnicas"* - Autor: Fernando Ielhy de Lemos"(2) .

« Para fazer este álbum, tivemos que montar uma gráfica, organizando, então, mais uma firma, com o meu bom amigo, Dr. Nilo Collona dos Santos, que era o presidente da maior firma de construção no Rio, na época Cavalcanti Junqueira S/A. "

(2) O organizador Aquiles Ferraz Nunes, desta publicação, conseguiu adquirir os exemplares (nº 1, nº 4 e o nº 6) das Livrarias Mister Sebo e Garimpo do Saber / São Paulo / SP, em 01/02/2017, que passam a fazer parte do acervo histórico da ABBR.

Trecho citado do Livro - página 36

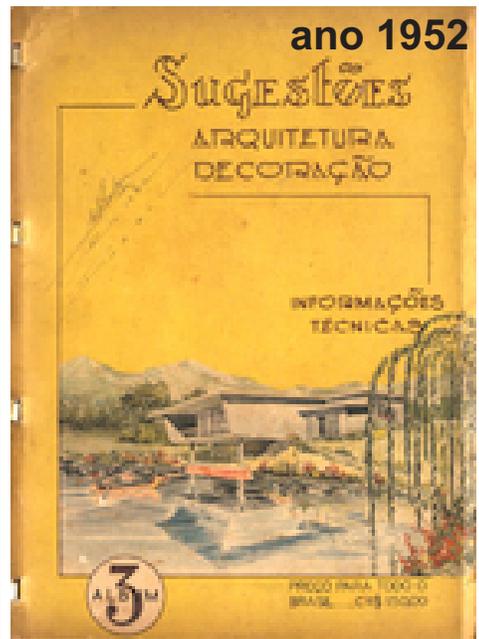
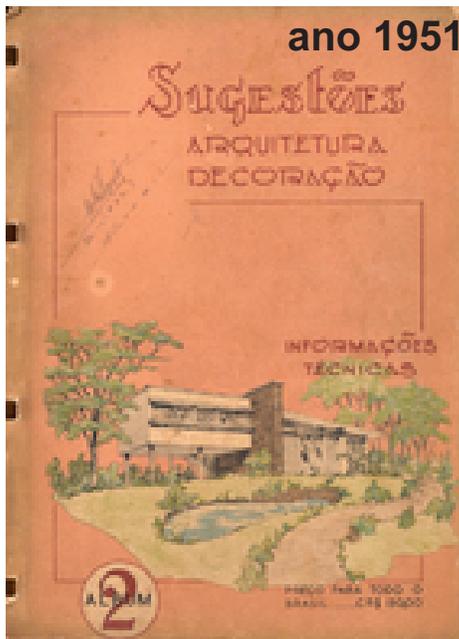
" AFIRMA

Recebemos no Edifício Darke, no 9º pavimento, conjunto 901, escritórios que tínhamos comprado para nossa firma que tinha se desenvolvido bastante e uma área de mais ou menos uns 200 m², composto de 10 salas, sendo que a principal tinha 6 m x 6 m, era toda forrada com lambri de jacarandá, móveis feitos na Gelli de Petrópolis. Eu tinha no momento, 12 pranchetas de desenho com aparelho de technígrafo e as pranchetas eram todas com caimento, para a comodidade dos desenhistas. Das 12 pranchetas, 2 eram para quem quisesse aprender a desenhar, pois naquele tempo não existia escola para tal, e as outras 10 eram para atender o serviço diário nosso.

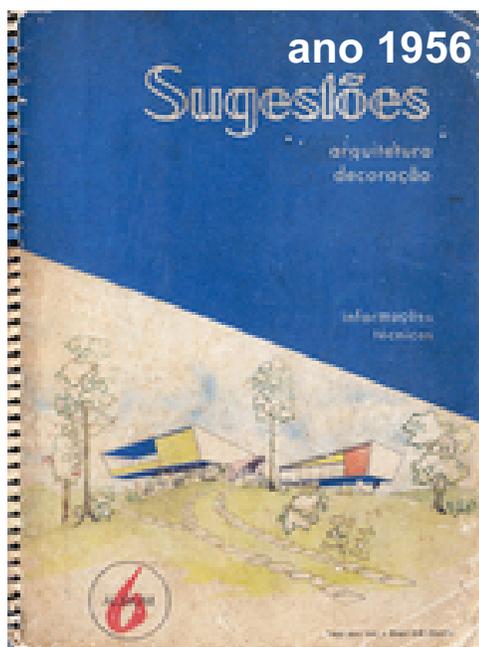
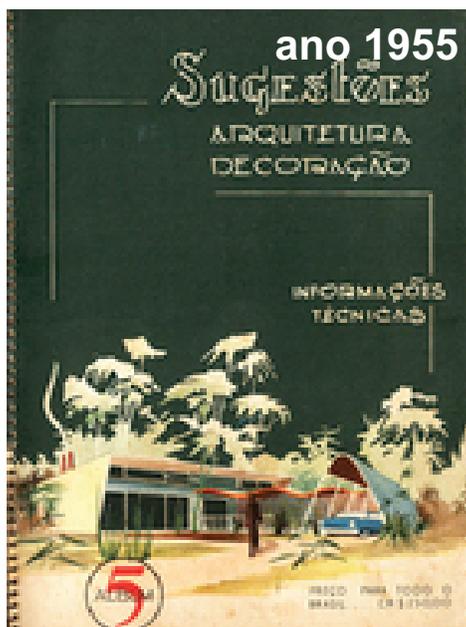
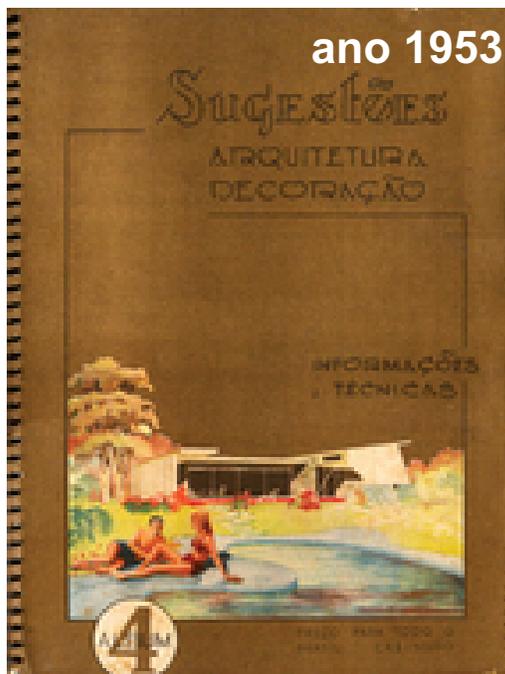
Assim quase todos os meus desenhistas eram criados por nós e hoje existem muitos desenhistas no Brasil que saíram do meu escritório, além de ter tido engenheiros e arquitetos que pediam para fazer estágio conosco.

Eu me sentia muito feliz em proporcionar conforto e felicidade às pessoas que queriam construir sua casa. Fazia projetos desde casas pequenas e simples até residências, confortáveis e grandes. "

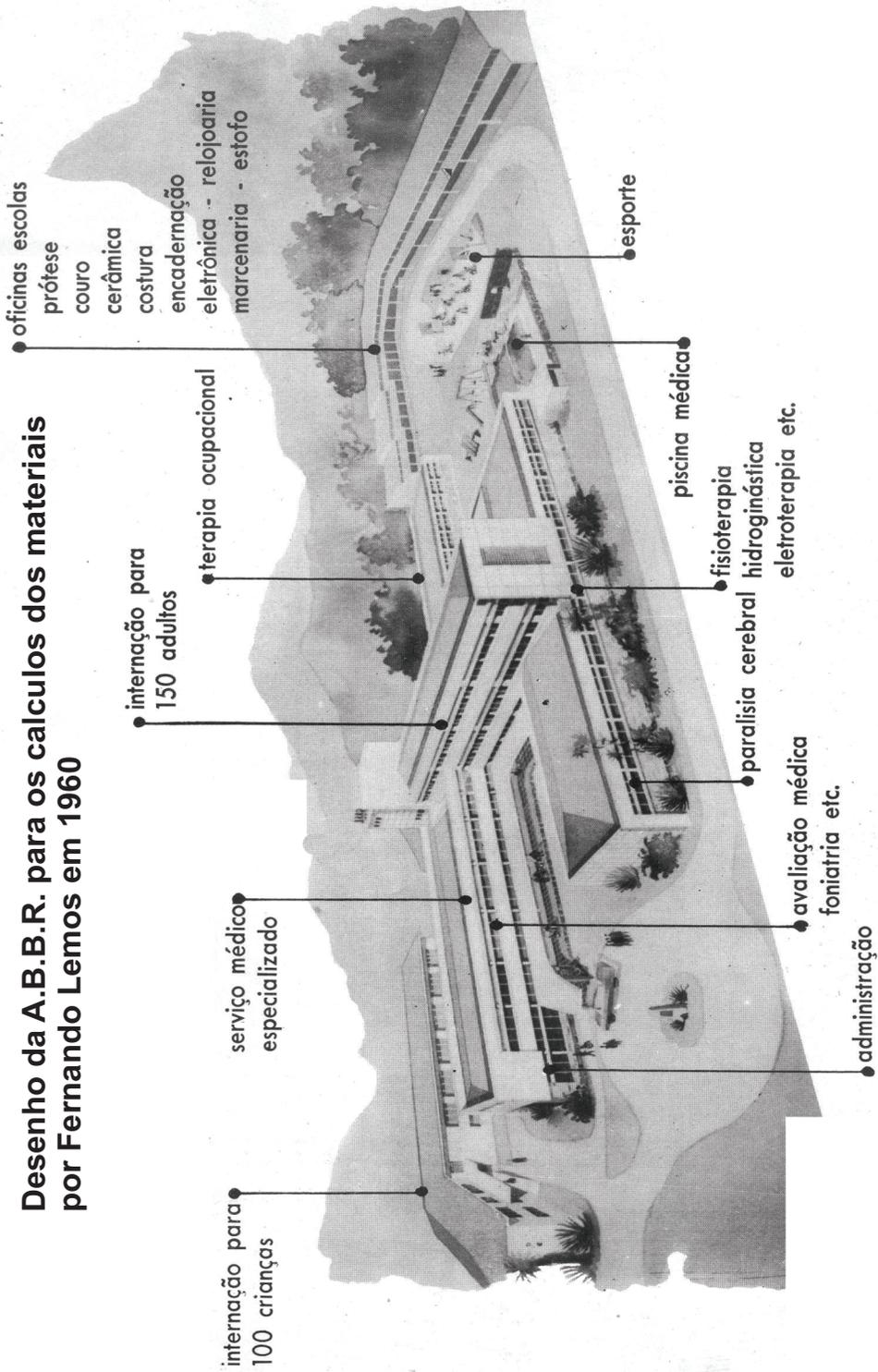
Fernando Lemos - O Arquiteto



Fernando Lemos - O Arquiteto



Desenho da A.B.B.R. para os calculos dos materiais por Fernando Lemos em 1960



internação para
100 crianças

serviço médico
especializado

internação para
150 adultos

terapia ocupacional

oficinas escolas
prótese
couro
cerâmica
costura
encadernação
eletrônica - relojoaria
marcenaria - estofa

esporte

piscina médica

fisioterapia
hidroginástica
eletroterapia etc.

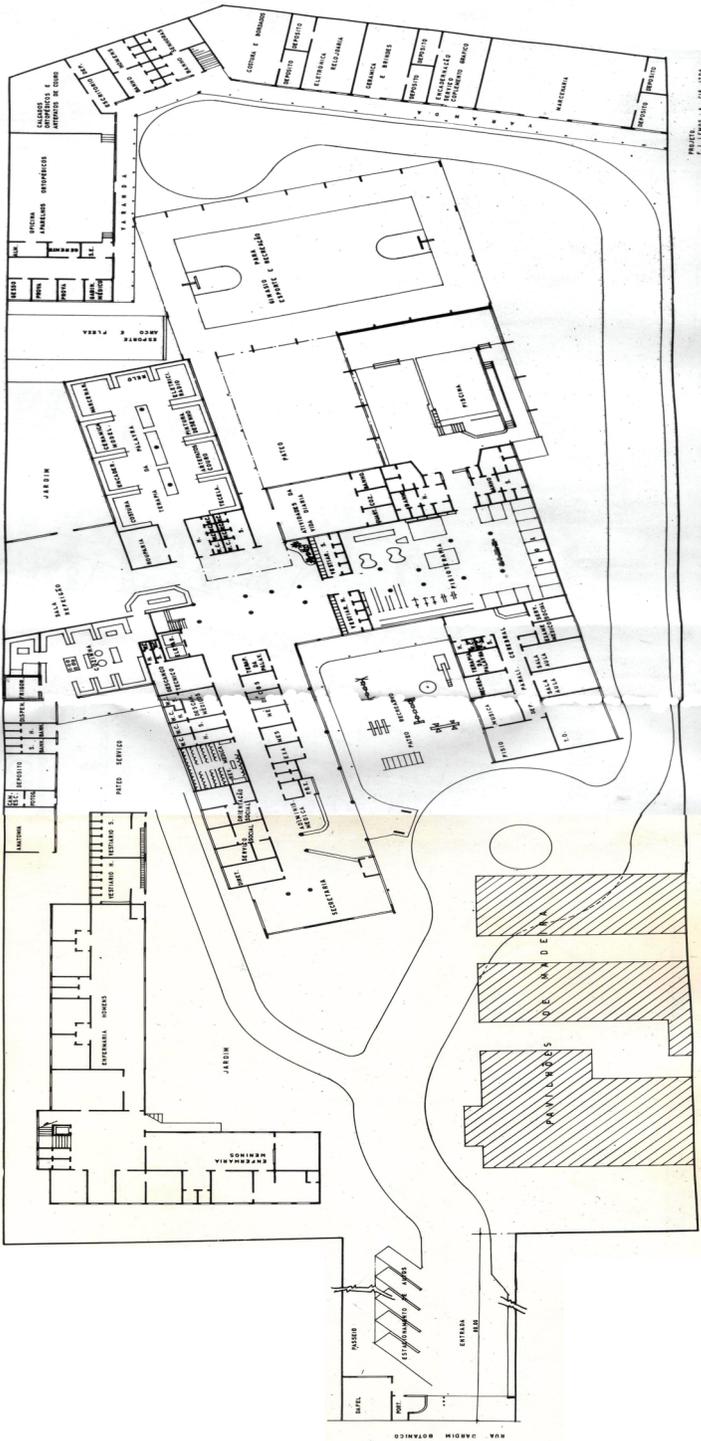
paralisia cerebral

avaliação médica
fontatária etc.

administração

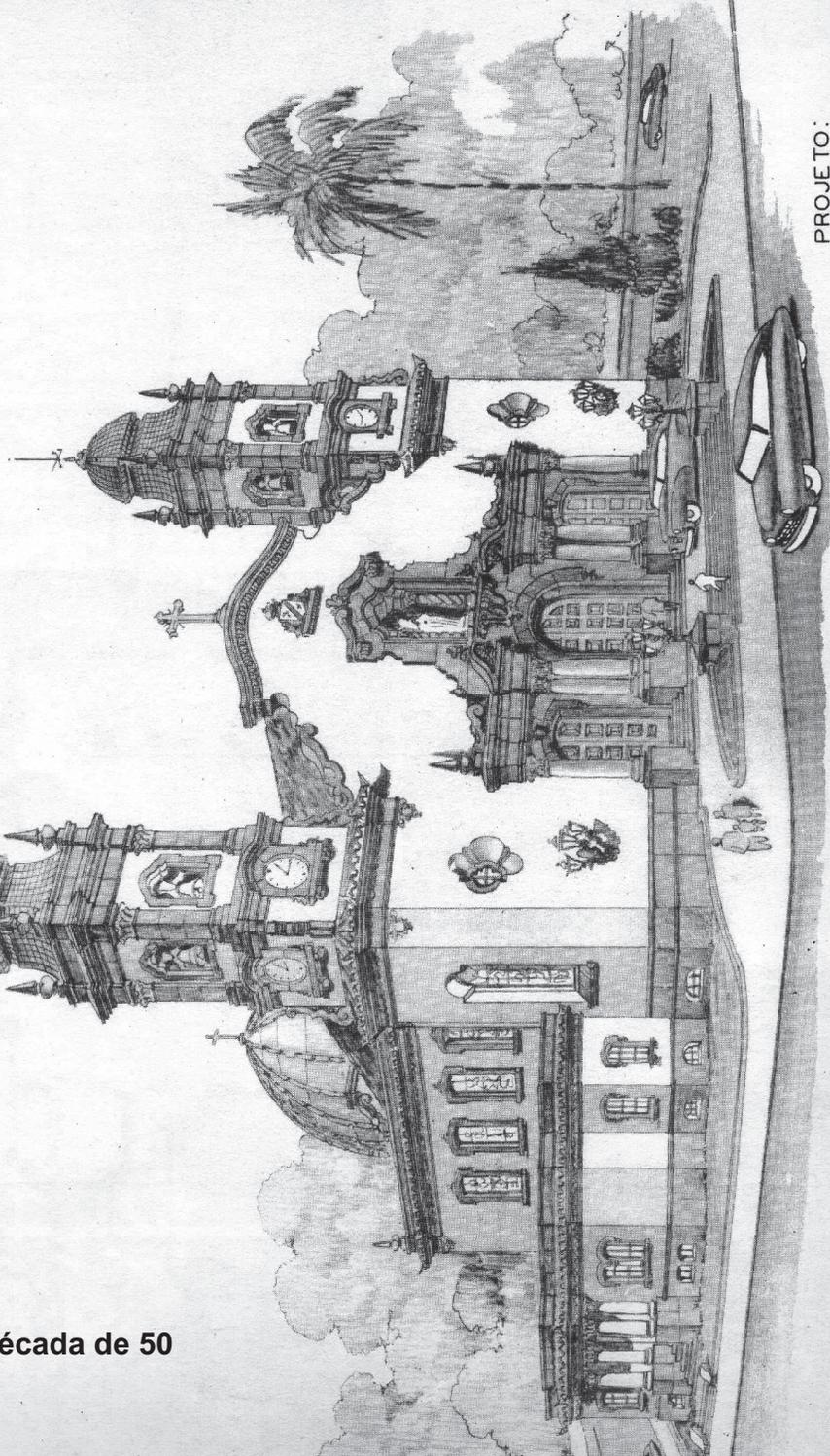
Desenho da A.B.B.R. para os calculos dos materiais por Fernando Lemos em 1960

PLANTA 1º PAVIMENTO



IGREJA SANTA MARGARIDA MARIA

Década de 50

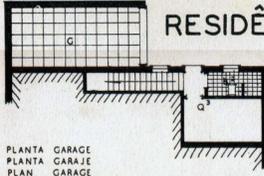
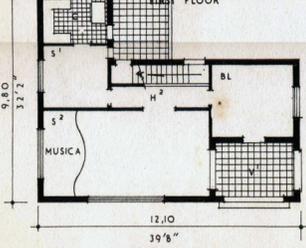


PROJETO:

F. I. LEMOS & CIA. LTDA.



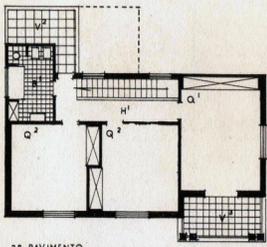
1º PAVIMENTO
PLANTA BAIXA
FIRST FLOOR



RESIDÊNCIA DE 2 PAV. R 2 P28

RESIDENCIA DE 2 PISOS
TWO-STORY HOUSE

ÁREA DE CONSTRUÇÃO } 225,00m²
SUPERFÍCIE CUBIERTA }
CONSTRUCTED AREA } 2421,00 Sq. Ft.

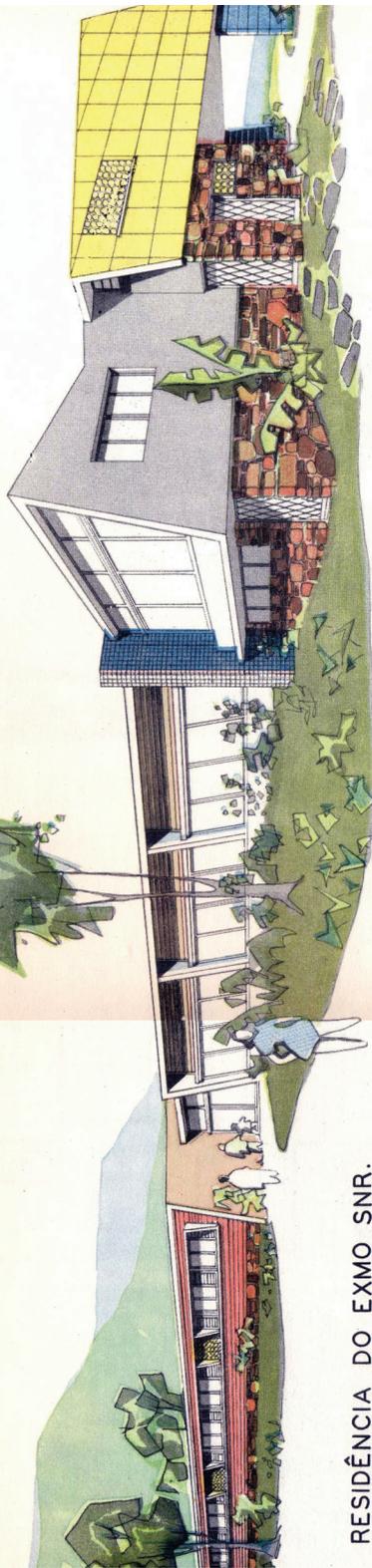


S ¹	SALA ALMÔÇO	COMEDOR	3,00 X 3,00	DINING-ROOM	9'10" X 9'10"
S ²	SALA ESTAR	SALA FAMILIA	7,75 X 4,00	LIVING-ROOM	25'5" X 13'1"
BL	BIBLIOTECA	BIBLIOTECA	3,70 X 3,50	BIBLIOTECH	12'1" X 11'6"
Q ¹	QUARTO	DORMITÓRIO	3,70 X 4,70	BED-ROOM	12'1" X 15'5"
Q ²	"	"	3,50 X 4,00	"	11'6" X 13'1"
Q ³	"	"	3,50 X 2,00	"	11'6" X 6'7"
C	COZINHA	COCINA	3,00 X 2,00	KITCHEN	9'10" X 6'7"
V ¹	VARANDA	TERRAZA	3,70 X 2,50	PORCH	12'1" X 8'2"
V ²	"	"	3,00 X 1,50	"	9'10" X 4'11"
V ³	"	"	3,55 X 2,00	"	11'8" X 6'7"
V ⁴	"	"	3,00 X 2,50	"	9'10" X 8'2"
H ¹	HALL	VESTIBULO	4,60 X 2,10	HALL	15'1" X 6'11"
H ²	HALL	VESTIBULO	5,60 X 2,10	HALL	18'5" X 6'11"
B ¹	BANHEIRO	BAÑO	2,10 X 3,50	BATH-ROOM	6'11" X 11'6"
B ²	BANHEIRO	BAÑO	2,50 X 1,20	BATH-ROOM	8'2" X 3'11"
G	GARAGE	CARAJE	6,00 X 2,50	GARAGE	19'8" X 9'2"

2º PAVIMENTO
SEGUNDO PISO
SECOND FLOOR



Residência apelidada de «Peteleco» por Adolpho Basbaum - Ver página 40 do Livro.



RESIDÊNCIA DO EXMO SNR.

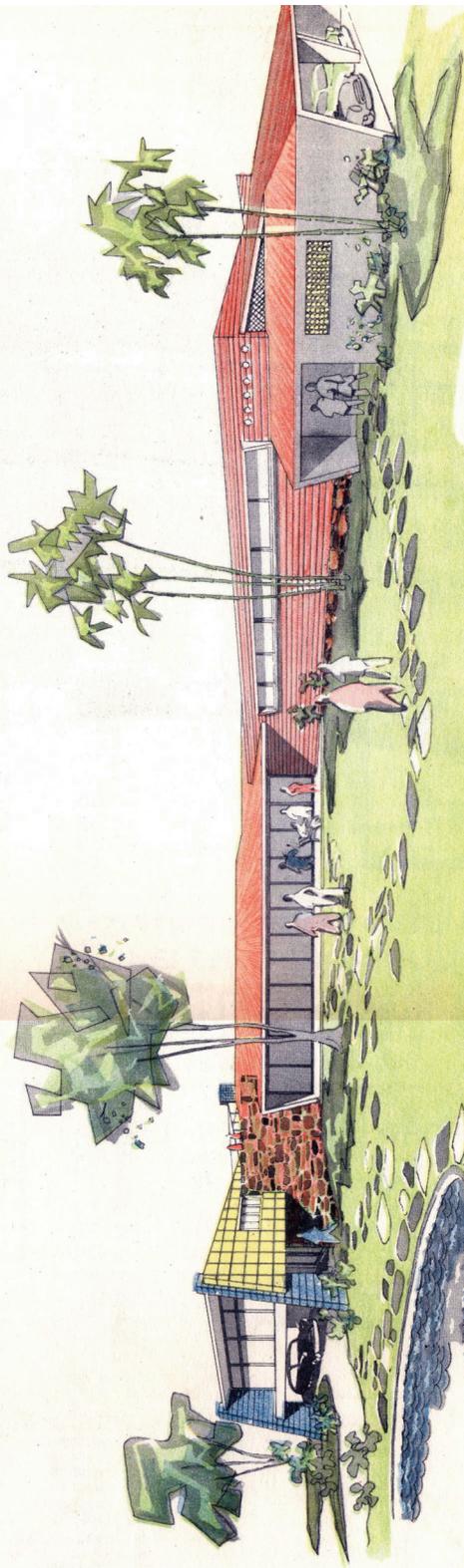
ADOLPHO BASBAUM

VALE DA BÔA-ESPERANÇA - ITAIPAVA
EST. DO RIO DE JANEIRO

PROJETO:

F. I. LEMOS & CIA. LTDA.

AV. 13 DE MAIO Nº 23 99PAV. S-901 TEL. 42.4757
RIO DE JANEIRO



Fernando Lemos - O Inventor

Um dos Inventores do Câmbio Automático para automóveis.

MORE THAN JUST A FLEED COUPLING

EVENS MORE THAN AN AUTOMATIC TRANSMISSION

OLDSMOBILE'S NO-CLUTCH HYDRA-MATIC DRIVE

IS A COMBINATION OF BOTH!



NO OTHER type of drive has ever been compared to you get with Hydra-Matic! From the basic of Hydra-Matic, it's been made to meet the needs of 1937 Oldsmobile Drive is a... instead of extra cost on all models, both when you... light, at the Oldsmobile Custom Cabriolet, Custom Coupe, and the first low priced Oldsmobile.

Head Coupling does will not eliminate the clutch bar and Head Coupling does a fully automatic transmission in the gear with different shifting. With Hydra-Matic Drive there is no clutch, no clutch pedal to press, nothing at all for the left foot to... All you do to drive is move... on it... stop!

Head Coupling is for, so far as you go. But it won't prevent all gear shifting. It uses Head Coupling plus a fully automatic transmission to give you the driver's convenience shifting through four forward speed ranges. With Hydra-Matic Drive, you straighten the direction bar in "H," and leave it there!

STYLED TO LEAD BUILT TO LAST

HYDRA-MATIC Drive is a... **\$52**... of... **HYDRA-MATIC DRIVE**... **HYDRA-MATIC DRIVE**... **HYDRA-MATIC DRIVE**...

Car Illustrated: Special Six 4 Door Sedan, 1937 (Some models Eight, 1937)

THE CAR Ahead! **IT'S OLDSMOBILE**

"LOOK!" There isn't any clutch pedal



IN THE NEW OLDSMOBILES with Hydra-Matic Drive GEAR-SHIFTING IS FULLY AUTOMATIC!



LOOK TO OLDS FOR ALL THAT'S NEW

In addition to the new and low Hydra-Matic Drive, the Oldsmobile has other important changes. The custom made 1937 motor cycle and the performance of its four cylinder power plant... all can be made that the best in Oldsmobile's motor history!

HYDRA-MATIC DRIVE

Product of GENERAL MOTORS

Inventor de um Cavalete para desenhos arquitetônicos

Modelo aproximado



Peças de Navios

Trecho citado do livro - página 22

“TRABALHO NA ILHA DE MOCANGUÊ

Nesta ocasião, eu e meu irmão, trabalhávamos na Ilha Mocanguê, no departamento técnico como desenhistas no Lloyd Brasileiro.

Foi outro momento muito feliz da minha vida, pois o que eu mais adorava, desde pequeno era estar desenhando, quanto mais, desenho de máquinas e construção naval, era maravilhoso.”

Trecho citado do livro - página 26

“O oficial de bordo veio me acompanhar para ver a caixa de válvula que tinha estourado. Tirei um desenho para que enquanto o navio fosse a Santos, quando voltasse, já tivesse uma outra semelhante para substituir.”

Trecho da Biografia de Paulo Coelho - Livro «O MAGO» de Fernando Morais - Capítulo 3:

“... Situada na região dos Lagos fluminense e famosa por suas salinas intermináveis, Araruama não fora escolhida pelos Coelho por suas belezas naturais nem pelas propriedades curativas de suas areias, mas porque lá todos tinham hospedagem garantida na casa de um tio-avô de Paulo, o excêntrico José Braz Araripe. Formado em engenharia mecânica, ele fora contratado nos anos 20 pelo Lóide Brasileiro, empresa estatal de navegação, para dirigir as oficinas de reparos navais que a companhia mantinha nos Estados Unidos. **Com a ajuda de outro engenheiro brasileiro, Fernando Ielhy de Lemos, Araripe passava todo o tempo livre nos tornos e laboratórios do Lóide, trabalhando no desenvolvimento de um invento que ia mudar sua vida - e a de milhões de consumidores pelo mundo afora, algo que a esmagadora maioria dos brasileiros ignora por completo: o câmbio automático para automóveis***. Tio José partira de um protótipo criado em 1904 pelos irmãos Sturtevant, de Boston, nos Estados Unidos, e que não chegara a ser industrializado porque tinha só duas velocidades e funcionava apenas com o motor em alta rotação.

Só em 1932, após milhares de horas de testes, é que a revolucionária engenhoca de Araripe e Lemos foi afinal patentead*. Nesse ano a General Motors comprou deles os direitos de produção em série - o que passaria a acontecer a partir de 1938, quando a GM anunciou que o Oldsmobile, uma das marcas que a empresa produzia, teria o equipamento opcional a maior novidade desde a invenção do automóvel, o sistema Hydramatic, luxo pelo qual o consumidor pagava setenta dólares adicionais, cerca de um décimo do preço total do carro.

As informações sobre a forma de remuneração dos dois brasileiros são contraditórias: algumas asseguram que cada qual embolsou uma pequena fortuna em dinheiro, à vista, e nada mais. Outras afirmam que ambos teriam optado por receber, enquanto vivessem, um percentual de cada caixa de câmbio comercializada. Seja como for, a partir de então dinheiro nunca foi problema para Araripe - «tio José», como era tratado pelos sobrinhos-netos.”

* O grifo é dos organizadores desta publicação.

Trecho do artigo da Enciclopédia virtual Wikipédia, a enciclopédia livre sobre:

“ Câmbio automático - Uma transmissão automática.

O câmbio automático (Brasil) ou mudanças automáticas (Portugal) é um sistema empregado em automóveis e motocicletas para troca de marchas realizada pelo sistema de transmissão do automóvel, que detecta a relação entre a velocidade (km/h) e a rotação do motor (rpm) para decidir pela troca automática da marcha. Desta forma o sistema se propõe a manter a rotação do motor quase constante e o câmbio automaticamente faz a troca das marchas. Nos sistemas modernos com câmbio automático a troca das marchas está quase imperceptível ao motorista.

História

A transmissão automática foi inventada em 1921 por Alfred Horner Munro de Regina, Saskatchewan, Canadá, e patenteada em 1923. Por ser engenheiro de vapor, Munro projetou seu dispositivo para usar ar comprimido em vez de fluido hidráulico e por isso sua invenção não tinha potência e nunca encontrou aplicação comercial.

A primeira transmissão automática usando fluido hidráulico foi desenvolvida em 1932 por dois engenheiros brasileiros, José Braz Araripe e Fernando Lehly Lemos; posteriormente, o protótipo e o projeto foram vendidos para a General Motors, que os introduziram a tecnologia no modelo Oldsmobile de 1940 como transmissão "Hydra-Matic". No entanto, um artigo publicado pelo Wall Street Journal credita a empresa alemã de autopeças ZF Friedrichshafen pela invenção, que teria ocorrido logo após a Primeira Guerra Mundial.

O também brasileiro Gladimir Kohnlein patenteou a Transmissão Mecânica Variadora de Velocidade Inversora e Finita (TMVVIF), um sistema que pode ser empregado em cadeiras de rodas motorizadas e automóveis e reduz o desgaste do motor, além de proporcionar pelo menos 20% de economia de combustível.

Funcionamento

Ao contrário do sistema de câmbio manual onde se trabalha com engrenagens de tamanhos diferentes e engatadas individualmente, no câmbio automático utiliza-se o sistema de engrenagens planetárias, elas possuem tamanhos diferentes, mas todas elas estão sempre engatadas entre si, a relação da força é dada de acordo com a ordem que essas engrenagens estão conectadas”

Trecho do artigo no site da ANI - Associação Nacional dos Inventores / www.invencoesbrasileiras.com.br “Câmbio Hidramático”

“Automóveis

A presente invenção tem por fim a substituição da caixa de mudança de velocidade do diferencial, da embreagem, do eixo de transmissão e do freio de atrito de lona por um novo sistema de transmissão a óleo, composto dos seguintes componentes, já patenteadas: turbo compressor; compensador de esforço; válvula de comando; tubo motor e engatamento. O novo sistema oferece as seguintes vantagens: barateamento da construção, conservação e custeio; 10 mudanças automáticas para a frente e 10 para a ré; facilidade de manejo; rodas livres automáticas tanto em marcha para a frente como a ré; força motriz nas quatro rodas; freio nas quatro rodas sem atrito de lona; freios que nunca precisam ser regulados; faculdade de freiar horas sucessivas sem queimar; saída inicial do veículo rápida e macia; nunca forçar o motor; rodas independentes; substituição do presente sistema diferencial por outro mais simples e eficiente; não haver perigo de derrapagem e a vantagem de poder passar com facilidade em atoleiros.

Os primeiros automóveis ofereciam apenas marchas manuais. O francês Gaston Fleischel é conhecido como o inventor do primeiro sistema de transmissão automático, apresentado em 1936 num Peugeot 202. Mas com a guerra, as patentes de Fleischel foram tomadas pelos americanos. O Hydra-matic, da General Motors, foi o primeiro sistema de câmbio completamente automático e foi introduzido em 1939 pela Detroit Transmission Division (mais tarde Hydra-matic Division) nos modelos do Oldsmobile de 1940. O primeiro câmbio automático foi inventado pelos irmãos Sturtevant de Boston em 1904. Ela fornecia duas velocidades a frente, que eram engatadas e desengatadas pela ação de forças centrífugas sem a necessidade de operar o pedal de embreagem. Conforme a velocidade do veículo aumentava determinando pesos se movimentavam para que então engatassem a marcha correta – primeiro a marcha baixa e depois a marcha alta. O sistema não funcionava a contento porque os pesos frequentemente se afastavam muito. Usando também de forças centrífugas, Reo desenvolveu em 1934 um sistema, chamado Reo Self-Shifter, que conectava duas transmissões em série. **A invenção dos brasileiros Fernando Lehly de Lemos e José Braz Araripe foi vendida à GM em 1932 e contribuiu para o desenvolvimento do sistema hidramático lançado pela GM em 1939. Fernando Lehly foi também inventor de um cavalete para prancheta de desenho, da qual recebeu a patente de modelo de utilidade n.29310 em julho de 1941.”**

* O grifo é dos organizadores desta publicação.

REVISTA 4 RODAS – 30/09/2015 / Por Vitor Matsubara
Brasileiro teria inventado o câmbio automático

“ Biografia diz que tio-avô do escritor Paulo Coelho vendeu projeto à GM nos anos 30 por US\$ 10 mil.

Até hoje a maior invenção atribuída a um brasileiro teria sido o avião. Todos conhecem a façanha de Alberto Santos Dumont a bordo do 14-bis – embora nos Estados Unidos o crédito pela invenção seja dado aos irmãos Wright. Mas pouca gente sabe que um componente muito comum nos carros atuais – e que se popularizou justamente nos EUA – teria sido idealizado por um brasileiro: o câmbio automático.

Curiosamente, a informação veio à tona de uma forma inusitada, mais precisamente na biografia do escritor Paulo Coelho – “O Mago”, escrita pelo jornalista Fernando Morais. Coelho contou ao jornalista a história de um tio-avô que alegava ter criado esse tipo de câmbio. A própria família acreditava tratar-se de uma lenda, já que seus parentes diziam que “tio José”, como era carinhosamente chamado pela família, “vivia inventando coisas”. Intrigado e fascinado, Fernando Morais resolveu investigar a veracidade desta versão. E descobriu que o tio-avô de Paulo não estava mentindo daquela vez – apesar de algumas publicações americanas ignorarem tal história.

Segundo o jornalista, **o engenheiro mecânico José Braz Araripe teria inventado o câmbio hidramático juntamente com Fernando Lemos.** Depois de ter desenvolvido uma transmissão automática com fluido hidráulico, Araripe teria viajado à Detroit (EUA), onde apresentou seu invento à General Motors em 1932.” (*)

(*) O grifo é dos organizadores desta publicação.

Fernando Lemos

(Homenagem Pós Mortem)

Um dos organizadores desta publicação, Aquiles Ferraz Nunes, no decorrer da coleta do acervo histórico da ABBR, resgatou as imagens de Fernando Lemos tornando-as públicas nas áreas externas e internas das instalações da ABBR, inclusive no "Memorial ABBR", inaugurado no Salão Central do Prédio - Hospital.

Ao inaugurar em 18/12/2013, as instalações das áreas de saúde, setores multi disciplinares, capela ecumênica, escola, recepção e no primeiro andar o auditório e administração da ABBR, o local foi denominado como **Edifício Fernando Lemos**.



Fernando Lemos



Maquete Original da ABBR elaborada em 1958



Memorial ABBR



Edifício Fernando Ielhy de Lemos

Reconhecimento a Fernando Lemos (homenagem post-mortem)



CREFITO Homenageia Fernando Lemos

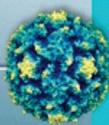
Durante a XII Jornada Científica do Conselho Regional de Fisioterapia Ocupacional da 2ª Região (Crefito), realizada em setembro de 2011, foi anunciada a criação da Medalha de Honra ao Mérito Dr. Fernando Lemos, para homenagear profissionais de destaque, escolhidos em deliberação do Colegiado.

A condecoração leva o nome do idealizador e um dos fundadores da ABBR, instituição presente nas origens do Fisioterapeuta e do Terapeuta Ocupacional no Brasil.

Na ata da Assembléia Geral de constituição da ABBR, Fernando Lemos era referido como «o grande idealizador e incansável batalhador na fundação da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação».

ANOS 50

Epidemia
de poliomielite
deixa milhares
de crianças
com sequelas



Virus da
poliomielite



Dr. Oswaldo
Freire Campos

Perry Murray

A visão e
a determinação
de três homens
lideraram o grupo
fundador
da ABBR,
em 5/8/1954

Fernando
Lemos

Para a criação do ABBR, Fernando Lemos, Perry Murray e Oswaldo Freire Campos foram fundamentais. Foi a visão e a determinação de três homens que lideraram o grupo fundador da ABBR, em 5/8/1954. A criação do ABBR foi uma iniciativa pioneira para o Brasil e para a América Latina. O ABBR possui um hospital e um centro de reabilitação em São Paulo, SP.

1º projeto da ABBR



1ª construção

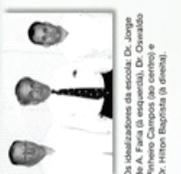
1954



Dr. Fernando Lemos (à direita)
e Perry Murray (à esquerda) no labor
de Atividades da Vida Diária.

Criação da 1ª Escola
de Reabilitação
do Rio de Janeiro,
em 3/4/1956

1956



Inauguração da escola Dr. Augusto
de Faria, no Rio de Janeiro, com
Perry Murray (ao centro) e
Dr. Milton Bagatista (à direita).



Instituto de Anatomia.



Construção do Centro
de Reabilitação.



Inauguração do Centro de
Reabilitação, em 17/9/1957,
pelo presidente Juscelino Kubitschek e sua esposa
Sarah Jarman, com a Sra. Mela da Rocha Miranda,
representante da ABBR.

1957



Abaixo: presidente Juscelino Kubitschek e esposa Sarah. Sua Mela da Rocha Miranda, presidente da instituição.



Mulhera no jornal O Globo. Sr. Fernando Lemos mostra projeto do Centro de Reabilitação ABBR.

Memorial ABBR

Instalações no Salão Central - Edifício do Hospital

ANOS
60

ANOS
70

ANOS
80

ANOS
90

Juramento da colação
de grau da 1ª turma da
Escola de Reabilitação.



**Formatura da
1ª turma da Escola
de Reabilitação,
em 27/2/1958**

1958



1ª turma formada pela
Dr.ª Maria de Fátima
com o Dr. Jorge de A. Faria
(ao centro), um dos
fundadores da escola.



Capa de folheto.

1963

**Albert Sabin
visita a ABBR
e admira o
nosso trabalho**



Albert Sabin - pesquisador médico
contra a poliomielite.



**Os anos 70
foram marcados
pela constante
evolução das
instalações e
serviços da ABBR**

1989



**Rei da Suécia Carlos
Gustavo e a Rainha
Silvia visitam
a ABBR, em 4/1984.**

Rei da Suécia, Sr. Dr. Hilton
Bergqvist (ao centro)

1999



1º lugar na categoria "Organizações
Não Governamentais" do
Ministério da Justiça - Presidência da
República, no Palácio do Planalto -
Brasília, em 20/10/1999.

Memorial ABBR

Instalações no Salão Central - Edifício do Hospital

ANOS 2000

Reestruturação e modernização

2000



Aqui começa o processo de reestruturação interna e modernização de setores

Lançamento da nova marca ABBR,
em 1/6/2000

A estrea significa vida, renovação, crescimento e o rastro de sua trajetória para cima. Essa frase orienta o posicionamento com a bandeira do Brasil. Os elementos gráficos estão dentro de uma estrutura que é o símbolo e a identificação da ABBR.



2001



Lançamento do Passe Livre pelo Ministério dos Transportes, governo federal, para o transporte de pessoas com deficiência no auditorio da ABBR,
em 14/5/2001

2002



Inauguração das novas instalações da Oficina Ortopédica



Sessão Solene no Plenário da Câmara de Deputados homenageia a ABBR – Brasil, em 13/3/2002

2003

A ABBR recebe a Medalha Tiradentes

Medalha concedida pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro em 29/10/2003.



2004

A ABBR recebe o Prêmio Mário Henrique Simonsen, em 11/7/2004, concedido por "Evoluções em Inovação Social", "Inovação em Gestão", "Inovação em Produto" e "Associação Comercial" do Rio de Janeiro.



Os 50 anos da ABBR são homenageados com um selo da Empresa Brasileira dos Corneios



Ato comemorativo dos 50 anos da ABBR

Presidente da ABBR - Dr. Duvallet G. do Nascimento participou do ato comemorativo em homenagem ao Sr. Aquino Franz Nunes (a grandeza em alguns colaboradores da ABBR).

2005



A ABBR recebe a Medalha Pedro Ernesto, em 18/10/2005. Medalha concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

2006

É inaugurado o Setor de Medicina Esportiva



2008

Reinauguração do Centro de Reabilitação da ABBR, com novas instalações e equipamentos



2009

Vídeo Game Wii é instalado no Setor de Hemiplegia



Entretimento para os pacientes da ABBR, esse aparelho foi instalado para contribuir no tratamento funcional dos pacientes desse setor.

ABBR recebe o Prêmio São Sebastião do Rio de Janeiro – Promoção Social, em 19/1/2009

Concedido pela Associação Cultural de Arqueólogos do Rio de Janeiro.



Memorial ABBR Instalações no Salão Central - Edifício do Hospital

Uma Visão Permanente do Futuro

2011

**Aparelho Gate
Trainer é instalado
no Centro
de Reabilitação**



Concedido pela
Associação de
Imprensa da Barra (AIB).

2012

**A ABBR
recebe o prêmio
Responsabilidade
Social, em
28/5/2012**

2013

**Novas
instalações
das áreas
de saúde e
administrativa**



2014

**Inauguração
do Memorial
ABBR, em
23/5/2014**

ABBR celebra os seus 60 anos

**- Texto de Aquiles Ferraz Nunes
(Idealizador do MEMORIAL ABBR)**

O passado, presente e futuro da ABBR se resumem a uma única palavra: pessoas. Foi a capacidade humana de apoio, trabalho árduo, comprometimento, superação e doação que possibilitaram escrever uma história de esforço incansável em favor das pessoas com deficiência em nosso país.

Nossos idealistas fundadores nos deixaram a missão de um compromisso permanente com o futuro, pensando na continuidade da instituição, se ajustando ao longo do tempo, acrescentando novos conhecimentos e tecnologias sempre aliados à qualificação dos nossos colaboradores, que se dedicam com atenção e carinho aos nossos pacientes, razão de ser da ABBR.

A interação das lutas individuais e coletivas de organizações, pessoas com deficiência e cidadãos solidários constrói uma sociedade mais justa e um futuro melhor para todos.

A sociedade civil faz parte da nossa história: o voluntariado dos Conselheiros, as Legionárias, nossos colaboradores de todos os tempos e os contribuintes mantenedores. Agradecemos a todas essas pessoas cuja participação tem sido fundamental na missão ABBR.



Nota sobre os Organizadores



AQUILES FERRAZ NUNES

Economista com MBA em Gestão Empresarial

(Escola de PósGraduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas)

-Elaborou pesquisas - publicações, editadas e divulgadas gratuitamente no blog: aquilesferraznunes.com.br.

-Experiência no setor bancário, especializado nas áreas financeira, administrativa, operacional e de crédito.

-Pesquisador econômico - Sindicato dos Bancos do Estado do Rio de Janeiro – 1992/1993.

-Superintendente - Sindicato dos Bancos do Estado do Rio de Janeiro - 1996/2003.

-Superintendente do Sindicato das Sociedades de Crédito, Financiamento e Investimento dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, no período 1998/2015.

-Artigos publicados em jornais: O Globo, Jornal do Comércio, Gazeta Mercantil e Jornal do Brasil. Participou em 28 entrevistas sobre temas do Mercado Bancário e Financeiro concedidas à TV Globo, TV SBT, TVE, TV Record, TV Bandeirantes, Rádio CBN e Rádio Globo.

-Ex-bolsista (convidado) do *International Visitor Program*, patrocinado pelo *United States Department of State* (EUA) no período – julho/agosto 2003. Conheceu o Sistema Político e Econômico Norte-Americano, o papel das agências reguladoras, órgãos do Sistema Financeiro, *U.S. Department of the Treasury*, *Inter-American Development Bank*, *FED*, *FDIC*, *SEC*, *NASDAQ*, *NYSE*. *U.S. Senate* (Lei *Sarbanes – Oxley*) e Bancos nos EUA.

-Membro do Conselho de Contribuintes do Município do Rio de Janeiro (Secretaria Municipal de Fazenda) no período de 2001/2007 (atuação na área tributária).

-Árbitro junto ao Centro Brasileiro de Mediação e Arbitragem CBMA Associação Comercial do Rio de Janeiro – ACRJ

-Sócio-Diretor da A2A Gestão Empresarial Ltda. – atuando em projetos de temas econômicos, financeiros e planejamento estratégico, com aproveitamento das experiências nas áreas de gestão, governança corporativa, entidades de classe e terceiro setor.

-Membro da Administração Executiva da ABBR – Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação desde 02 de janeiro de 2000 até o momento (março/2017). Participou liderando uma equipe de profissionais no processo de reorganização e reestruturação da ABBR, com o planejamento estratégico; Plano Diretor da Instituição; implantação da governança, estatuto, relatórios de atividades anuais, normas internas, internet, código de ética, protocolos, site, banco de dados dos contribuintes-mantenedores, entre outras atividades.

-Idealizador e organizador da instalação do “Memorial ABBR”.

Nota sobre os Organizadores



WLAMIR TORRENTES DE ARAUJO

Desenhista industrial mecânico na área de fornos e estufas industriais. Estruturas metálicas para a confecção de estufas de secagem e esterilização.

- Trabalhos realizados para as empresas: VARIG (secagem de motores), VULCAN (secagem de material de pvc utilizado para a confecção de cartões, BAYER (secagem e esterilização de produtos industriais e Industrias farmacêuticas como GLAXO do Brasil (esterilização de ampôlas e materiais hospitalares). Projetos na Alemanha (BAYER do Brasil) e Inglaterra (GLAXO do Brasil).

- Experiência no setor administrativo em uma das empresas do Grupo Peixoto de Castro (GPC) na área de Transportes. Setor de Contas a Pagar / Faturamento / Notas Fiscais.

- Elaboração de “layouts” gráficos de livros da área econômica através do Sindicato das Sociedades de Crédito, Financiamento e Investimento dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

- Atuação na ABBR – Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (25 anos): na informatização do Centro de Reabilitação. Responsável pela elaboração do “layout” do Cartão de Tratamento “SUS” informatizado na Instituição. Montagem de acervo histórico (fotos e documentos) da ABBR. Também nos setores: DAT (Departamento de Apoio Técnico), Setor de Doações, Criação do Sistema de Boletos dos Contribuintes Mantenedores (Mala Direta), Criação da Ouvidoria, Sistema de Informação Gerencial (Estatísticas), Faturamento, Almoarifado e Divulgação Comercial de Convênios.

- Na ABBR participou também na criação, pesquisa e “layout” do “Memorial ABBR”. Elaboração dos Relatórios Anuais da Instituição (“layouts” como Designer Gráfico) durante 13 anos, Balanço Social para divulgação nos jornais de grande circulação. Propaganda sobre os serviços e doação nas grandes revistas em circulação.

Bibliografia

Manuscritos do Fernando lehy de Lemos, localizados no acervo da ABBR - Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação;

Fotografias localizadas no acervo da ABBR;

Informações obtidas na Internet sobre as invenções importantes de brasileiros que influenciaram o mundo;

MORAIS, Fernando

O Mago / Fernando Moraes

São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008

Capítulo 3 - Páginas 80 e 81

BAUMAN, Zygmunt, 1925 - The art of life

A arte da vida / ygmund Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009;

LEMOS, Fernando lehy de - Sugestões Arquitetura Decoração Anos 1950, 1951, 1952, 1953, 1955 e 1956;

SANTOS, Antonio Raimundo dos

Metodologia científica a construção do conhecimento 7ª edição revisada - Rio de Janeiro: Lamparina, 2007

Site ANI - Associação Nacional dos Inventores;

Site da Revista 4 Rodas;

Site da Enciclopedia Virtual Wikipedia

JURAMENTO CUMPRIDO E SONHO QUASE REALIZADO

"O que fiz pelo meu filho
farei pelo filho dos outros"

Fernando Lemos

Deste juramento surgiu a ABBR. Com 15 anos, José Maria, filho de Fernando, vítima de poliomielite, precisou andar de cadeira de rodas. Naquela época não havia nada organizado, no Brasil, em termos de reabilitação. Fernando Lemos não se preocupou, transformou seu apartamento num autêntico minicentro de reabilitação e, um ano depois, seu filho voltava a frequentar a escola. "Foi um esforço enorme, alcançado por uma equipe pequena de médicos e massagistas. Criei muitos aparelhos para recuperar Zé Maria e vi a importância deles na reabilitação física".

Quando o menino voltou à escola, Fernando resolveu que iria proporcionar a outros meninos a mesma possibilidade de reabilitação. "Procurei meus amigos e especialmente os médicos que ajudaram no tratamento de meu filho para contar minha idéia".

Imediatamente Fernando lembrou-se de Charles Murray, com quem havia trabalhado durante 20 anos e que também tinha um filho incapacitado.

EXEMPLO ANIMADOR

— Não consegui entrar em contato com Charles, mas Percy, seu filho, logo aderiu à minha idéia. Percy era o exemplo de que nós precisávamos para iniciar a campanha da ABBR. Incapacitado fisicamente — andava quase deitado, numa espécie de maca — não deixava de participar da vida social e até mesmo comparecia assiduamente ao Maracanã, assistindo ao jogo através de um espelho. Além disso, era diretor de empresas e provava que a reabilitação profissional também era possível.

Hoje, Fernando Lemos conseguiu também realizar o sonho de reabilitação profissional para o filho. Zé Maria está a seu lado,

trabalhando no escritório de projetos de arquitetura. Agora só falta completar o juramento, estendendo a possibilidade de reabilitação profissional para todos os pacientes da ABBR.

— A metade de meu juramento já alcancei. Só vou descansar quando puder criar e fazer funcionar na ABBR, centros para a prática de profissões como marcenaria, serralheria, cerâmica e outros. Para isso, precisamos vencer a crise financeira em que nos encontramos. Depois executaremos os projetos referentes à expansão do centro de reabilitação profissional.

DIFICULDADES INICIAIS

Não foi fácil para Fernando ver o filho, um atleta, limitado à cadeira de rodas. "Antigamente, quem andava de cadeira de rodas vivia escondido em casa. Só se viam mesmo na rua os que precisavam pedir esmola". O impacto inicial foi sendo superado com a ajuda dos amigos e Fernando não esquece a turma de garotos de Itaipava — companheiros de férias de Zé Maria —

que muito ajudaram em sua recuperação.

— Um dia, Dr. Alcyr Coelho fez-me ver o problema da cadeira de rodas, de uma maneira simples e direta. Perguntou se eu ficava trancado em casa, pelo simples fato de usar óculos. A cadeira de rodas era a mesma coisa para Zé Maria, um simples objeto de apoio e substituição de uma função orgânica. Depois que começamos a campanha da ABBR, com idas constantes à televisão, no programa da Tupi O Outro Lado da Medalha, ajudados por Rosita Gonzalez, Zé Maria tornou-se conhecido, e a ABBR foi crescendo.

— Dai em diante não paramos mais. No terreno doado pelo estado existia um depósito de 40 crianças do Hospital Jesus que ficaram ao nosso encargo. Adolfo Basbaum, nosso segundo presidente, aproveitou a renda que as legionárias conseguiram do Baile do Teatro Municipal e iniciou a construção do Hospital Centro. Hoje a ABBR é uma realidade; para minha felicidade só falta mesmo a parte da reabilitação profissional.



FERNANDO LEMOS, PIONEIRO NACIONAL DA FÉ NA REABILITAÇÃO